

## VIDA SEGUNDA (2C)

### INTRODUÇÃO

*A origem da Vida Segunda já o leitor a conhece do que na Introdução Geral se disse<sup>1</sup>. Para sua melhor orientação dentro do texto donde vai entrar, diremos alguma coisa sobre o objectivo desta legenda, sobre as fontes usadas pelo autor e sobre as circunstâncias que acompanharam a redacção.*

### Objectivos

*A legenda foi redigida por Ordem do Ministro geral Crescêncio de Iesi (1246-1247)<sup>2</sup>, depois de recolhido o material pedido pelo decreto de 1224, emanado depois do Capítulo Geral de Génova. Pela Carta de Greccio sabemos com bastante precisão qual o objectivo que o Capítulo teve em vista: que os irmãos comunicassem ...«as acções mais notáveis e os prodígios (signa et prodigia) do Bem-aventurado Francisco que pudessem ter visto ou chegado a conhecer»<sup>3</sup>. Seria, pois, recolher, como hoje diríamos, os milagres e as graças realizadas pelo santo Pai. Assim o reproduz também o Cathalogus Generalium Ministrorum Ordinis Minorum<sup>4</sup>. Mas os mesmos autores da Carta não se contentam com o objectivo limitado que o Capítulo visava e alargam a sua colaboração: «não satisfeitos com narrar os milagres, que não fazem a santidade mas só a manifestam, desejam manifestar os feitos insignes da sua vida santa (insignia) e as suas verdadeiras*

---

<sup>1</sup> Ver atrás p.204.

<sup>2</sup> 2C Prol. 1: «A venerável assembleia do último Capítulo Geral e Vossa Paternidade Reverendíssima, assistidos por Deus, creram por bem encarregar-nos a nós, posto que incapazes, de escrever os factos e até as palavras de nosso glorioso Pai S. Francisco, para consolação dos presentes e memória dos vindouros».

<sup>3</sup> TC 1.

<sup>4</sup> Cf. AF III p. 697.

intenções (*pii beneplaciti voluntatem*)»<sup>5</sup>. Este alargamento dos objectivos, para além do que o Capítulo mandara, é já atestado pela Crónica dos XXIV Gerais: «que enviassem por escrito tudo o que da vida, milagres e prodígios pudessem saber com verdade»<sup>6</sup>. Fosse qual fosse o conteúdo exacto do decreto de Crescêncio de Iesi, o certo é que ele foi aproveitado para uma informação mais ampla. É esta informação ampliada que Celano se propõe dar-nos na sua Vida Segunda, como ele diz no Prólogo: «Aproveu à santa assembleia do último Capítulo Geral e a Vossa Paternidade Reverendíssima, assistidos por Deus, confiar à nossa pequenez a redacção do memorial dos actos e palavras do nosso glorioso Pai Francisco, para conforto dos presentes e memória dos vindouros»<sup>7</sup>. E mais adiante precisa o seu intento: «Contém este livro, em primeiro lugar, certos factos maravilhosos da conversão de S. Francisco, alguns dos quais, por não terem chegado a tempo ao conhecimento do autor, não puderam figurar nas Vidas anteriores. Seguidamente, tentaremos expor com a possível clareza e esmero o que ele quis não só para si como para os seus: o seu ideal generoso, fascinante e perfeito <sup>8</sup>(...) Aqui e além intercalámos alguns milagres que vinham ao caso...». Portanto, o objectivo da Vida Segunda é completar as vidas anteriores não só no que se refere aos dados históricos sobre a vida de Francisco (alguns episódios maravilhosos não conhecidos antes), mas também – e parece que, na intenção do autor, sobretudo – no que se refere às suas intenções, isto é, aquilo que devia ser o teor de vida dos irmãos (aquilo que ele quis para si e para os seus).

O título dado à Vida Segunda confirma mais ainda a diferença em relação à Primeira. Enquanto esta nos aparece como uma obra de tese, uma demonstração da santidade de Francisco, a Vida Segunda é intitulada por Celano como um memorial: «Me-

---

<sup>5</sup> TC Carta 1. Sobre o conteúdo da carta ver DI FONZO L'Anonimo Perugino, in MF 72, 353 (1972).

<sup>6</sup> Cf. AF III p. 2.

<sup>7</sup> 2C Prol. 1.

<sup>8</sup> 2C Prol. 2. Observe-se o paralelismo entre estes propósitos de Celano e os apresentados na Carta de Greccio.

moriale in desiderio animae (Is 26, 8) de gestis et verbis sanctissimi Patris nostri Francisci»<sup>9</sup>. *Na terminologia da época, um memorial é diferente duma legenda. Não se trata propriamente duma biografia, mas duma exemplificação, destinada a recordar e a inculcar, por meio de exemplos, os ensinamentos dum santo, «para consolação dos presentes e recordação dos vindouros» («in desiderio animae»). Assim a Vida Segunda é uma compilação, segundo uma ordem preestabelecida, de quanto interessa a um filho de S. Francisco saber para ser fiel ao ensinamento dele. Forçando o contraste, poderíamos dizer que, enquanto a Vida Primeira visa de preferência o público de fora, a Segunda é um livro para a Fraternidade.*

## Fontes

*Que Celano seja o autor, não existem dúvidas. Tanto a crítica externa como a interna o confirmam. Mas a maneira como fala no prólogo, ao apresentar o trabalho, e na oração final, com o que conclui, levanta a suspeita de não ter sido ele só, Celano, a compilar o material recebido. Frases como: «Graças a uma assídua comunhão de vida e a uma recíproca familiaridade, pudemos ter dele um conhecimento privilegiado». E ainda: «Na nossa memória de pessoas incultas, que os anos decorridos foram enfraquecendo mais ainda ou tornando confusa, é-nos difícil acompanhar o voo de certas palavras e atingir a profundidade de algumas das suas acções, quando já dificilmente as captaria um espírito vivo e exercitado, mesmo estando sobre os acontecimentos», tais frases, repetimos, dificilmente se podem atribuir só a Celano, porque a sua convivência com S. Francisco foi escassa e porque, mesmo usando o plural majestático, não diria «de pessoas incultas» mas sim «de pessoa inculta»<sup>10</sup>. A existência de colaboradores parece ainda mais evidente na frase seguinte extraída da oração final: «Com todo o afecto do coração te pedimos, Pai benigníssimo, por aquele teu filho que, nesta como noutra ocasião, escreveu devotamente os*

---

<sup>9</sup> 2C 1.

<sup>10</sup> 2C Prol. 1.

teus louvores. Com piedade filial compôs este livrinho segundo a sua capacidade; embora não seja digno dos teus favores, conosco to oferece e dedica»<sup>11</sup>. A distinção entre Celano – que «agora como no passado escreveu devotamente os louvores» de Francisco – e outros irmãos que com ele oferecem e dedicam o livro a Francisco, é evidente. Há quem veja nisto um artifício a que Celano ardilosamente deita mão para se cobrir com a autoridade dos primeiros companheiros ou para virar para eles, em ricochete, as críticas de que fora alvo e poderia continuar a ser<sup>12</sup>. Parece uma interpretação forçada e preconcebida. É também difícil reduzir aquelas frases a uma maneira cortês de Celano dizer que mais meritórios do que ele, compilador, foram os irmãos que lhe forneceram as informações: que eles são os verdadeiros autores. A hipótese mais simples e mais satisfatória é a da presença real de alguns colaboradores, formando um grupo de trabalho, de que Celano era o chefe e o redactor que dava a última forma. Seja como for, a unidade de estilo, a linguagem e a sistematização dos temas revelam a mão de Celano como verdadeiro autor desses textos, mesmo admitida a colaboração próxima de outros irmãos.

O material de que Celano se serviu foram os relatos produzidos em obediência à ordem de Crescêncio de Iesi. Desse conjunto, a parte mais importante ou mais identificada é o «florilégio de Greccio». Grande parte da Vida Segunda, 75 números, têm paralelo na Legenda Perusina. Outros 23 (nn.3-25), que seriam os «episódios maravilhosos relativos à conversão de Francisco» não inseridos na Vida Primeira<sup>13</sup>, têm paralelo na Legenda dos Três Companheiros. Restam ainda uns cento e tal relatos que não têm paralelo em nenhum outro escrito. Proviriam do mesmo conjunto

---

<sup>11</sup> 2C 223.

<sup>12</sup> Cf. BEGUIN o.c., p. 11

<sup>13</sup> 2C Prol 2. A estes «episódios maravilhosos» faz alusão explícita na Carta, com a palavra «insígnia». Quanto à inserção nas legendas talvez implicitamente esteja visada nas palavras: «Estamos, com efeito, convencidos de que, se os veneráveis biógrafos tivessem conhecido estas nossas informações, não as teriam desprezado».

*de Greccio ou de outros informadores desconhecidos*<sup>14</sup>. A Vida Segunda constitui assim o repositório mais abundante de informações sobre S. Francisco, oriundas dos seus companheiros mais próximos, passadas muito embora pela perspectiva redactorial de Celano. Qual foi essa perspectiva?

### **Circunstâncias**

*As circunstâncias em que Celano escreve esta Vida já não são as mesmas em que escreveu a Primeira. Tinham passado dois decénios, e dois decénios muito decisivos para a Ordem. A tensão latente entre as duas tendências tinha-se acentuado à medida que as divergências se evidenciavam. Em 1239, Fr. Elias, sem dúvida um dos elementos mais questionados nesse diferendo, havia sido deposto do governo da Ordem. Uma decisão de tanta gravidade é sintoma eloquente duma situação conflitiva e, ao mesmo tempo, choque violento que não deixaria de se espalhar em ondas longamente. Este clima estava certamente presente nos materiais fornecidos a Celano, embora sem a agressividade que assumiu mais tarde. Como homem de Comunidade e ligado por um encargo vindo da autoridade, Celano teria a preocupação da vida regular e disciplinada. Esta preocupação terá actuado sobre a espontaneidade das suas fontes sob a forma de moderação. Por outro lado, há que recordar o que se disse na Introdução Geral a propósito dos cânones hagiográficos e preocupações moralizantes que ele tinha. Não obstante, porém, o tratamento redactorial que naturalmente de tudo isto resultou – e que exige uma leitura paralela com as outras biografias –, a atmosfera franciscana forma-se e impõe-se página a página, à medida que a leitura prossegue. Quer os temas em si, quer os episódios que os encarnam, manifestam uma visão genuinamente franciscana. «Quando se lê uma vez Celano por motivos de história – diz Vorreux – fica-se preso a ele: torna-se a ler e nota-se então o sabor franciscano de numerosas sentenças atribuídas ou não a S.*

---

<sup>14</sup> Sobre o texto autêntico da carta e seu conteúdo, cf. DI FONZO, L' *Anonimo* in *MF* 27 (1972) 344 s. e 353.

*Francisco; descobrem-se veios diferentes por onde corre a mesma seiva autêntica. Julgar-se-ia que o ideal franciscano não divergia do ideal monástico antigo: mas, ao passar dum episódio para outro, apanha-se o espírito novo»<sup>15</sup>.*

*A obra está dividida em duas partes notoriamente desiguais. A primeira tem 17 capítulos, e a segunda 167. A primeira é um complemento biográfico da Vida Primeira no que se refere à conversão de S. Francisco. A segunda é verdadeiramente o «memorial» ou livro de exemplificação para os irmãos. O autor tentou arrumar o material sob diversos temas: o espírito de profecia, a pobreza, a compaixão pelos pobres, o amor à oração, a penetração das Escrituras, a luta contra as tentações e os demónios, a verdadeira alegria, a humildade, a obediência, o ociosidade, a contemplação do Criador nas criaturas, a caridade, a santa simplicidade, etc., mas tanto a ausência dum pensamento ordenador dos vários temas, como a dificuldade patente em enquadrar alguns episódios, são um indício claro da quantidade e variedade de material que Celano tinha diante de si e o respeito que teve por ele. Sob este aspecto, S. Boaventura será muito mais livre no tratamento das fontes.*

*Tal como a Vida Primeira, também a Vida Segunda foi atingida pela destruição decretada no Capítulo Geral de Paris em 1266. Foi reencontrada em fins do séc. XVIII e editada pela primeira vez em 1806 por S. Rinaldi com base num manuscrito muito defeituoso. A edição crítica foi feita pelos padres de Quaracchi, que para ela não tiveram senão dois manuscritos completos e alguns extractos<sup>16</sup>. A nossa tradução é feita sobre a edição crítica de Quaracchi.*

---

<sup>15</sup> *Documents*, p. 207.

<sup>16</sup> In *AF X* p. 127-268.

## VIDA SEGUNDA (2C)

### PRÓLOGO

*Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amen.*

#### **Ao Ministro Geral da Ordem dos Irmãos Menores**

1. <sup>1</sup> Aproveu à santa assembleia do último Capítulo Geral e a Vossa Paternidade reverendíssima<sup>17</sup>, assistidos por Deus, confiar à nossa pequenez a redacção do memorial dos actos e palavras do nosso glorioso pai Francisco para conforto dos presentes e memória dos vindouros. Graças a uma assídua comunhão de vida e a uma recíproca familiaridade, pudemos ter dele um conhecimento privilegiado<sup>18</sup>.

<sup>2</sup> Por isso, com humilde piedade nos apressamos a obedecer às vossas santas ordens, às quais, de resto, jamais poderíamos opor-nos. <sup>3</sup> Porém, reflectindo longamente sobre as nossas débeis forças, sobrevém-nos o justo receio de que um assunto de tanta monta, não sendo tratado como deve, venha, por culpa nossa, a desagradar aos demais. <sup>4</sup> Tememos, de facto, que um alimento saborosíssimo como este se torne insípido pela incapacidade de quem o prepara e possa alguém censurar-nos de termos agido mais por presunção que por obediência. <sup>5</sup> Se o fruto de todo o nosso trabalho não devesse ser submetido senão a Vós, bem-aventurado Pai, ou só a vossa benevolência o houvesse de julgar e não fosse destinado ao público, com ânimo gratíssimo receberíamos por igual a luz das vossas correcções como o prazer da vossa aprovação.

---

<sup>17</sup> O Capítulo Geral de Génova, em 1244; o Ministro Geral era Crescêncio de Iesi.

<sup>18</sup> Celano entrou na Ordem em 1214 ou 1215 e partiu para a Alemanha em 1221. Pôde, por conseguinte, conhecer S. Francisco durante seis anos. Mas aqui, mais do que em seu próprio nome, fala em nome dos que foram companheiros do Santo por muito mais tempo.

<sup>6</sup>Mas quem seria capaz, perante uma tal profusão de actos e palavras, de ponderar todas as coisas com a balança da precisão, de modo que a exposição de cada uma delas consiga de todos um mesmo consenso?

<sup>7</sup>Porque apenas buscamos com simplicidade o proveito de todos e cada um, exortamos os leitores a interpretarem e acolherem com benevolência a singeleza dos narradores, de maneira que a estima devida à pessoa de quem falamos permaneça intacta.

<sup>8</sup>Na nossa memória de pessoas incultas, que os anos decorridos foram enfraquecendo mais ainda ou tornando confusa, é-nos difícil acompanhar o voo de certas palavras e atingir a profundidade de algumas das suas acções, quando já dificilmente as captaria um espírito vivo e exercitado, mesmo estando sobre os acontecimentos. <sup>9</sup>Hajam todos por bem desculpar as faltas próprias da nossa incapacidade com a autoridade de quem reiteradamente, mas sem culpa, a elas nos levou.

2. <sup>1</sup>Contém este livro, em primeiro lugar, certos factos maravilhosos da conversão de S. Francisco, alguns dos quais, por não terem chegado a tempo ao conhecimento do autor, não puderam figurar nas Vidas anteriores. <sup>2</sup>Seguidamente, tentaremos expor com a possível clareza e esmero aquilo que ele quis, tanto para si como para os seus: o seu ideal generoso, fascinante e perfeito, a sua prática dos ensinamentos divinos, o seu porfiado esforço por uma perfeição maior, aliás sempre patente em seus transportes de amor a Deus e nos exemplos que deixou aos homens. <sup>3</sup>Aqui e além intercalámos alguns milagres que vinham ao caso, e, <sup>4</sup>enfim, descrevemos lhanamente, sem alardes de estilo, tudo quanto se nos ofereceu, no intento de nos adaptarmos o melhor possível aos menos cultos e de comprazer com os mais doutos.

<sup>5</sup>Dignai-vos, pai bondosíssimo, consagrar com a vossa bênção este trabalho que tantos esforços nos custou. Corrigi-lhe os erros, suprimi dele o que achardes supérfluo, de modo que tudo quanto seja abonado pelo vosso autorizado juízo cresça em toda a parte em consonância com o vosso nome de Crescêncio, e em Cristo se multiplique. Ámen.



## PRIMEIRA PARTE

**Memorial em que saudosamente  
se evocam as palavras e os gestos  
do pai São Francisco<sup>19</sup>**

## CAPÍTULO I

**Como primeiramente se chamou João e depois Francisco. O que a mãe profetizou a respeito dele e o que ele mesmo predisse de si próprio. A sua paciência no cativeiro.**

3. <sup>1</sup> Francisco, servo e amigo do Altíssimo, recebeu da Divina Providência este nome<sup>20</sup> para que, pela sua originalidade, mais rapidamente se difundisse pelo mundo a fama da sua missão. João lhe chamara a mãe quando, ao renascer da água e do Espírito Santo, deixou de ser filho da ira para ser filho da graça.

<sup>2</sup> Espelho de rectidão, dir-se-ia que esta mulher ostentava em sua conduta um sinal visível de santidade, pois teve o privilégio de se parecer com Santa Isabel, tanto pelo nome de João que deu ao filho, como pelo seu espírito profético. <sup>3</sup> Quando os vizinhos manifestavam admiração pela grandeza de alma e integridade moral de Francisco, ela repetia, quase divinamente inspirada: «Quem julgais vós que virá a ser este meu filho? Sabei que, pelos seus méritos, ainda chegará a ser verdadeiro filho de Deus».

<sup>4</sup> De resto, era também este o parecer de muitos outros que de veras se agradavam de o ver crescer com tão excelentes inclina-

---

<sup>19</sup> No texto original: *memoriale in desiderio animae*. É uma expressão colhida em Is 26, 8.: *A vossa memória é o desejo da minha alma*.

<sup>20</sup> A «providência», aqui, foi Pedro Bernardone que, na sua alegria, ao voltar de uma expedição a França, quis que o filho se chamasse Francisco (TC1). O nome não era então muito usado; generalizou-se depois do Santo. Cf. o muito bem documentado artigo de Bihl, *De nomine Sancti Francisci*: AFH 19 (1929), p. 469-529.

ções. <sup>5</sup> Jamais ele se permitia a mínima afronta ou injustiça contra quem quer que fosse, e, já adolescente, tinha maneiras tão delicadas que não parecia filho dos que eram tidos por seus pais.

<sup>6</sup> Por isso, assim como o seu nome de João convém à missão que depois recebeu, o de Francisco corresponde à difusão rápida e universal da sua fama, a partir do momento em que a Deus se converteu inteiramente.

<sup>8</sup> De todas as festas de Santos, era a de João Baptista a mais solene a seus olhos: o seu nome insigne marcara-lhe a alma com um místico fascínio. <sup>9</sup> E assim como o primeiro foi o «maior entre os filhos de mulher»<sup>21</sup>, nenhum outro, entre os fundadores de Ordens, foi achado mais perfeito depois dele. É uma coincidência que bem merece ser realçada.

4. <sup>1</sup> Profetizou João, encerrado no segredo do seio materno; Francisco, no cárcere do mundo, desconhecedor dos desígnios divinos, predisse o futuro.

<sup>2</sup> Combatia-se em Perúcia e Assis<sup>22</sup>. Num recontro sangrento, cai Francisco prisioneiro com muitos outros soldados e, carregado de grilhões, com eles sofre as agruras do cativeiro. <sup>3</sup> Mas, ao passo que os companheiros se entregam ao desalento e amaldiçoam a triste sorte, Francisco exulta no Senhor, ri e desdenha das cadeias. <sup>4</sup> Os outros, amargurados, reprovam-lhe tão descabida alegria, estando ele a ferros, e têm-no por exaltado e louco. <sup>5</sup> Francisco responde em tom profético: «Estou alegre, sim, mas sabeis porquê? É que os meus pensamentos são outros: um dia serei venerado como um santo em todo o mundo!» <sup>6</sup> E assim aconteceu, de facto, conforme profetizou.

<sup>7</sup> Entre os companheiros de prisão há um cavaleiro particularmente orgulhoso e intratável. Tinham todos decidido ignorá-lo, mas a paciência de Francisco não vacila: <sup>8</sup> suporta o insuportável e

---

<sup>21</sup> Mt 11, 11.

<sup>22</sup> Com a perda de influência do domínio imperial, aparecem os contrastes na sociedade de Assis. A classe popular revolta-se contra a nobreza, que pede ajuda a Perúcia. A classe popular não se dobrou nem à nobreza de Assis, nem a Perúcia. Entrecortada de tréguas, a guerra durou de 1201 a 1209, e foi precisamente em 1202, em Collestrada, que se deu o encontro sangrento.

reconcilia-o com os companheiros. <sup>9</sup> Ainda não recebera toda a graça de que seria capaz e já ele, vaso eleito de virtudes, transbordava de carismas.

## CAPÍTULO II

### **Como ele vestiu um cavaleiro pobre e, estando ainda no mundo, teve a visão do seu próprio chamamento**

**5.** <sup>1</sup> Liberto pouco depois da prisão<sup>23</sup>, torna-se ainda mais passivo para com os necessitados <sup>2</sup> e toma a resolução de jamais repelir quem a ele recorrer invocando o nome de Deus.

<sup>3</sup> Um dia, encontrou um cavaleiro pobre e quase nu. Movido de compaixão, logo ali lhe deu generosamente, por amor de Cristo, as roupas finas e cuidadas que trazia vestidas. <sup>4</sup> Acaso fez ele menos, neste dia, do que S. Martinho? Se diferentes foram as circunstâncias, o propósito e os gestos foram os mesmos: <sup>5</sup> Francisco deu as roupas antes dos bens, ao passo que Martinho as deu depois de a tudo haver renunciado. Ambos viveram pobres e humildes neste mundo, e ambos entraram ricos no céu<sup>24</sup>. <sup>6</sup> Um, cavaleiro mas pobre, revestiu um pobre com parte das suas vestes; outro, não cavaleiro mas rico, revestiu um cavaleiro pobre com a sua roupa toda. <sup>7</sup> Ambos, por terem cumprido o mandamento de Cristo, receberam em sonhos a sua visita. Ao primeiro louvou-o o Senhor pela perfeição alcançada; ao segundo, encorajou-o a porfiar na que lhe faltava ainda.

**6.** <sup>1</sup> Pouco tempo depois, com efeito, teve a visão de um magnífico palácio onde pôde ver toda a espécie de armas e uma noiva belíssima. <sup>2</sup> No sonho, uma voz chama-o pelo seu nome e tenta seduzi-lo com a promessa de todos aqueles bens. <sup>3</sup> Na mira de participar em lances de guerra, procura alistar-se numa expedição à Apúlia e, com enorme espanto, faz os preparativos necessá-

---

<sup>23</sup> O cativo de Francisco durou um ano.

<sup>24</sup> Frase tirada do ofício de São Martinho e que a liturgia aplica a S. Francisco: *Franciscus pauper et humilis coelum dives ingreditur*.

rios, na esperança de em breve ser armado cavaleiro. <sup>4</sup>O espírito mundano de que estava ainda possuído sugeria-lhe uma interpretação mundana da visão, quando nos arcanos da sabedoria de Deus uma outra se escondia, mais excelente ainda.

<sup>5</sup>Certa noite, estando a dormir, pela segunda vez ouve alguém perguntar-lhe afectuosamente para onde tenciona ir.

<sup>6</sup>E como ele expusesse os seus planos e dissesse que ia para a Apúlia combater, insistiu a voz em perguntar-lhe:

– <sup>8</sup>«De quem tens mais a esperar, do servo ou do senhor?

– <sup>9</sup>Do senhor, respondeu Francisco.

– E porque então corres atrás do servo, em vez de servires o senhor?

– Que queres, então, que eu faça, Senhor?

– <sup>10</sup>Volta à terra que te viu nascer, que eu farei se cumpra espiritualmente a visão que tiveste».

Já exemplarmente obediente, para lá abalou sem mais detença, de Saulo transformado em Paulo pela renúncia à vontade própria.

<sup>11</sup>Do coração de Saulo derribado brotaram brandas palavras de amor sob os duros golpes sofridos<sup>25</sup>. <sup>12</sup>Francisco, esse, trocou as armaduras mundanas pelas espirituais e, em lugar da glória de ser cavaleiro, recebeu uma divina investidura.

<sup>13</sup>Aos muitos que se surpreendiam com a sua invulgar alegria, respondia que havia de ser ainda um grande príncipe.

### CAPÍTULO III

#### **Como um grupo de jovens o elegeu rei de um festim, e a mudança nele operada**

7. <sup>1</sup>Começou então nele uma transformação que o levaria ao estado de homem perfeito<sup>26</sup>, em absoluto contraste com o que antes era. <sup>2</sup>Mas, de regresso a casa, deram de o seguir os filhos de Babilónia e, embora contrariado, foi arrastado para caminhos bem

---

<sup>25</sup> *Verbera dura verba dulcia*: dupla aliteração, figura de efeito muito rebuscado e apreciada pelos «connaisseurs» que «liam com os ouvidos».

<sup>26</sup> Ef 4, 13.

diferentes dos que sonhava percorrer. <sup>3</sup>Um grupo de jovens de Assis a quem, tempos atrás, acaudilhara em suas jogralidades, de novo o alicia para um desses banquetes de amigos, onde sempre se sacrifica à lascívia e à chocarrice. <sup>4</sup>E como a larga experiência da sua liberalidade lhes permite a esperança de comer à tripa-forra, aclamam-no rei da festa. <sup>5</sup>Aceitam, pois, obedecer-lhe para se enfartarem; toleram-lhe o mando para atulharem o ventre. <sup>6</sup>Francisco, por seu lado, não querendo passar por avarento, aceita a gloriola com que lhe acenam e, mesmo absorvido em suas piedosas reflexões, timbra em não deixar os deveres da cortesia por mãos alheias: <sup>7</sup>prepara um sumptuoso banquete e manda servir com abundância as melhores iguarias. Saciados até ao vômito, derramam-se depois em cortejo pelas ruas e praças da cidade, maculando-as com suas cantigas de truões e borrachos. <sup>8</sup>Atrás, empunhando o cetro de rei da festada, caminha Francisco.

<sup>9</sup>Pouco a pouco, vai-se distanciando dos companheiros. Interiormente surdo àquelas vozes, canta em seu coração os louvores do Senhor. <sup>10</sup>Como ele mesmo referiu, tamanha doçura experimentou naquela hora, que não foi capaz de dar mais um passo ou de dizer uma palavra. <sup>11</sup>Tão impetuosa lhe subia a alma para as realidades invisíveis, que desprezava as da terra como absolutamente frívolas e sem valor.

<sup>12</sup>Digna é de maravilha, na verdade, a bondosa condescendência de Cristo que, em troca de menores coisas, concede as maiores, e aos seus protege e encaminha, fazendo-os arrostar com o ímpeto das águas caudalosas. <sup>13</sup>Cristo, com efeito, alimentou multidões com pães e peixes<sup>27</sup> e não repeliu os pecadores da sua mesa<sup>28</sup>, mas, quando o procuraram para o fazer rei, fugiu para um monte a orar<sup>29</sup>.

<sup>14</sup>São mistérios de Deus, que Francisco vai descobrindo. Embora iletrado, tinha alcançado a ciência perfeita.

---

<sup>27</sup> Lc 9, 12.

<sup>28</sup> Lc 7, 36.

<sup>29</sup> Jo 6, 15.

## CAPÍTULO IV

**Vestindo andrajos de pobre, entre pobres comeu diante da igreja de São Pedro. A oferenda que nela depositou.**

8. <sup>1</sup> Manifestava enorme afeição pelos indigentes, pelo que tão louváveis começos preludiavam já a perfeição a que havia de chegar. <sup>2</sup> Muitas vezes se despojou das roupas que vestia, para com elas cobrir os pobres, aos quais, de resto, procurava assemelhar-se, se não de facto, ao menos de coração.

<sup>3</sup> Uma vez, em Roma, onde havia chegado como peregrino, o amor à pobreza levou-o a trocar as suas luxuosas vestes pelos farrapos de um pobre. Depois, cheio de alegria, foi sentar-se entre mendigos, no átrio da igreja de São Pedro, que era onde costumavam afluir, e, considerando-se um deles, com eles comeu com grande apetite. <sup>4</sup> E muitas mais vezes o teria feito, não fosse a vergonha de se ver reconhecido. <sup>5</sup> Ao aproximar-se do altar do príncipe dos Apóstolos, surpreendido com as míseras ofertas dos peregrinos, saca do dinheiro que trazia consigo e para ele o arremessa, como a querer significar que só de modo condigno é que se honra quem Deus honrou acima dos demais.

<sup>6</sup> Animado dos mesmos sentimentos de respeito para com toda a jerarquia da Igreja, incluindo os seus mais humildes representantes, com frequência distribuía paramentos sagrados pelos sacerdotes pobres. <sup>7</sup> Antes mesmo de assumir o mandato que a Sé apostólica lhe confiou, já ele professava integralmente a fé católica e testemunhava a maior veneração pelos ministros de Deus e pelos ministérios sagrados.

## CAPÍTULO V

**Como, estando ele em oração, o demónio lhe mostrou uma mulher, e qual foi a resposta do Senhor.  
Francisco e os leprosos.**

9. <sup>1</sup> Vestindo ainda trajos seculares, é já a alma de um religioso que dentro palpita. <sup>2</sup> Evitando lugares públicos e frequentados, desejoso de solidão e de paz, é muitas vezes visitado e instruído

pelo Espírito Santo, cuja suprema doçura o invade logo no início da sua conversão e há-de fazer as suas delícias até ao fim da vida.

<sup>3</sup>Mas, enquanto frequentava lugares solitários por mais propícios à oração, tenta o demónio desinquietá-lo com maligna astúcia. Leva-lhe à imaginação a figura duma mulher de Assis monstruosamente geba, que apavorava quantos a viam. <sup>4</sup>Ameaça-o o maligno de o tornar semelhante a ela, caso não desista dos seus intentos. <sup>5</sup>Porém, confortado pelo Senhor, teve a alegria de receber palavras de salvação e de graça em resposta aos seus temores: <sup>6</sup>«Francisco – disse-lhe Deus em espírito – troca por valores do espírito o que ainda amas com amor carnal; prefere as coisas amargas às doces e despreza-te a ti mesmo, se me queres conhecer. Só voltado do avesso poderás saborear a verdade das minhas palavras». <sup>7</sup>Desta maneira se sentiu compelido a seguir a vontade de Deus e a fazer a experiência do que lhe era proposto.

<sup>8</sup>De todas as enfermidades e misérias, era a lepra a que maior repugnância lhe causava. Certo dia, seguia ele a cavalo pelos arredores de Assis, quando deu com um leproso. <sup>9</sup>Ficou deveras repugnado e espavorido mas, para não faltar à palavra dada, saltou da montada e correu a beijá-lo. <sup>10</sup>Ao estender-lhe o leproso a mão à espera de uma esmola, Francisco beijou-a e deu-lhe dinheiro. <sup>11</sup>Voltou a montar o cavalo e, não obstante encontrar-se em campo aberto, olhando para todos os lados, não mais o viu. <sup>12</sup>Cheio de pasmo e de gozo pelo sucedido, quis repetir o gesto pouco tempo depois. <sup>13</sup>Foi-se à leprosaria e, distribuindo dinheiro por cada um dos leprosos, beijou-lhes a mão e a boca.

<sup>14</sup>Assim trocou ele o doce pelo amargo, preparando-se virilmente para as lutas que o esperavam.

## CAPÍTULO VI

### **A imagem do Crucifixo que lhe falou e a honra em que a teve**

**10.** <sup>1</sup>Já inteiramente transformado em seu coração, e muito próximo de o estar igualmente quanto à maneira de viver, calhou de passar um dia perto da igreja de São Damião, quase em ruína e

de todos abandonada. <sup>2</sup>Conduzido pelo Espírito, entra nela para orar, prostra-se devoto e suplicante aos pés do Crucifixo<sup>30</sup>, e sente-se tocado de modo extraordinário pela graça divina, que o torna completamente diferente do que era momentos antes. <sup>3</sup>E, estando ainda profundamente emocionado, vê de repente – inaudito milagre! – a imagem pintada de Cristo crucificado despregar os lábios e falar-lhe, chamando-o pelo próprio nome: <sup>4</sup>«Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está quase em ruína». <sup>5</sup>Francisco pasma, treme, quase perde os sentidos e não atina na resposta. <sup>6</sup>Propõe-se, no entanto, obedecer imediatamente à ordem recebida e concentra todas as suas forças para a executar. <sup>7</sup>Mas, como nem ele mesmo conseguiu alguma vez exprimir a inefável transformação sofrida nesse instante, cumpre-nos também a nós cobri-la com um véu de silêncio. <sup>8</sup>No entanto, como a partir daí se enraizou tão entranhadamente em sua santa alma a compaixão pelo Crucificado, é-nos lícito supor que, antes mesmo de receber os estigmas em sua carne, já desde esse momento os tenha trazido profundamente impressos no coração.

**11.** <sup>1</sup>Milagre surpreendente e de todo inaudito! <sup>2</sup>Como não há-de alguém maravilhar-se? Quem já ouviu coisa parecida? <sup>3</sup>Como não acreditar que Francisco tenha aparecido um dia crucificado, ao voltar para a sua cidade<sup>31</sup>, após a estigmatização, se ainda antes da conversão completa e definitiva Cristo lhe fala do lenho da cruz, com milagre novo, jamais ouvido? <sup>4</sup>À voz do Bem-amado<sup>32</sup>, a alma desfalece-lhe agora; <sup>5</sup>mais tarde, o amor que por dentro o consome há-de evidenciar-se nas chagas do corpo.

<sup>6</sup>Daí em diante, não mais poderá conter as lágrimas e deixar de chorar em alta voz a Paixão de Cristo, como se diante dos olhos a tivesse sempre. <sup>7</sup>Recordando as chagas de Cristo, enche de lamentos os caminhos e recusa ser consolado. <sup>8</sup>Encontrando-se um

---

<sup>30</sup> Esta imagem, de estilo bizantino, conserva-se na basílica de Santa Clara de Assis, para onde foi trasladada, quando as clarissas abandonaram São Damião, em 1260.

<sup>31</sup> No original: *patriam*. Segundo alguns, trata-se de Assis; segundo outros, da pátria celeste.

<sup>32</sup> Cant. 5, 4.



dia com um amigo íntimo e, ao saber este a causa da sua dor, irrompe também ele a chorar amargamente.

<sup>9</sup>Entretanto, não deixa de velar pela santa imagem do prodígio, nem de cumprir a ordem recebida. <sup>10</sup>Oferece logo dinheiro a um sacerdote, para este comprar a lâmpada e o azeite, a fim de que, nem por um instante, falte à imagem sagrada a merecida homenagem da luz. <sup>11</sup>Depois, com sumo zelo e empenho, apressa-se a reconstruir a igreja. <sup>12</sup>Embora as palavras escutadas se referissem à Igreja conquistada por Cristo com o Seu Sangue, não quis Deus que ele atingisse de golpe a perfeição, pois se reservava fazê-lo passar progressivamente da carne ao espírito.

## CAPÍTULO VII

### **A perseguição movida pelo pai e pelo irmão**

**12.** <sup>1</sup>Mas o pai segundo a carne, ao vê-lo dedicar tanto tempo a obras de igreja<sup>33</sup>, entra a persegui-lo. <sup>2</sup>Considerando loucura o serviço de Cristo, cobre-o de maldições onde quer que o vê. Então o servo de Deus chama um homem de humilde condição e grande simplicidade e, adoptando-o por pai, pede-lhe que, sempre que o pai o amaldiçoe, o abençoe ele de seguida. <sup>3</sup>Punha assim em prática o dito do profeta, declarando por obras o que este exprimia por palavras: «Amaldiçoem eles, mas abençoai Vós»<sup>34</sup>.

<sup>4</sup>Por conselho do bispo da cidade, homem piedoso, a quem não parecia lícito utilizar em coisas sagradas bens mal adquiridos, o homem de Deus devolveu ao pai o dinheiro que pensava gastar na restauração da mencionada igreja. <sup>5</sup>Diante dos muitos que ali se encontravam reunidos, exclamou: «De hoje em diante poderei dizer livremente: “*Pai nosso, que estais nos céus*”<sup>35</sup>”. Pedro Bernardone já não é meu pai; por isso lhe devolvo não só este dinheiro,

---

<sup>33</sup> *Opera pietatis*. Poder-se-ia compreender também: ditadas pelo seu amor a Deus.

<sup>34</sup> Sl 108, 28.

<sup>35</sup> Resposta ignorada por 1C 15.

como lhe deixo também estas roupas e, assim desnudo, irei ao encontro do Senhor».

<sup>6</sup>Alma nobilíssima a de um tal homem, a quem só Deus bastava e ninguém mais! <sup>7</sup>Então se viu que o varão de Deus, trazendo debaixo das roupas um cilício, mostrava ter maior apreço pela posse da virtude que pela sua aparência.

<sup>8</sup>Arrastado pelo pai, também um irmão carnal<sup>36</sup> o molestava com gracejos envenenados. <sup>9</sup>Certa manhã de Inverno, ao ver Francisco em oração, maltrapilho e a tiritar de frio, disse o perverso a um vizinho: «Pede a Francisco que te venda um pataco de suor».

<sup>10</sup>Ouvindo-o o homem de Deus, regozijado em extremo, respondeu sorrindo: «Sim, e por bom preço o hei-de vender ao meu Senhor».

<sup>11</sup>Nada mais acertado, com efeito, pois não só recebeu cem vezes mais neste mundo, como lhe veio a pertencer, a ele e a muitos outros, a herança da vida eterna.

## CAPÍTULO VIII

### **Como venceu a vergonha e profetizou a chegada das Senhoras Pobres**

**13.** <sup>1</sup>Reformar os seus hábitos de homem requintado, trocando-os por outros mais austeros, reduzir à bondade natural um corpo afeito à voluptuosa brandura dos costumes, era agora o seu programa.

<sup>2</sup>Um dia, percorria ele Assis a mendigar azeite para as lâmpadas da igreja de S. Damião que andava a reconstruir, quando, <sup>3</sup>ao aproximar-se de certa casa, encontra à porta um nutrido grupo de amigos entretidos no jogo. Ruborizado, recua. <sup>4</sup>Porém, voltando ao céu o seu nobre espírito, imediatamente se recrimina de tanta cobardia e, fazendo-se juiz severo de si mesmo, <sup>5</sup>desfaz os passos andados, volta àquela casa e expõe diante de todos, com voz firme, o motivo de tanta confusão. <sup>6</sup>Depois, como que embriagado pelo Espírito, pede em francês o azeite de que precisa, e é logo atendido.

---

<sup>36</sup> Chamado Ângelo. Cf. TC 23.

<sup>7</sup>Em transportes de santo fervor, a todos encoraja a restaurarem aquela igreja e, falando sempre em francês, profetiza claramente que ali mesmo, ao lado, se há-de erguer um mosteiro de virgens consagradas a Cristo<sup>37</sup>. <sup>8</sup>De resto, sempre que abrasado se sentia pelo Espírito Santo, era em francês que exprimia tal abrasamento interior, parecendo conhecer de antemão que o povo desse país o havia de venerar um dia com particular honra e devoção.

## CAPÍTULO IX

### De porta em porta, mendigando o sustento

**14.** <sup>1</sup>Desde que principiou a servir ao Senhor de todos, ateuve-se apenas a tarefas comuns, fugindo sempre a situações originais e privilegiadas, que sempre acabam inquinadas de algum vício.

<sup>2</sup>E foi assim, ocupando-se ele na restauração da igreja, que, em obediência à vontade de Cristo, se lhe foram delindo, pouco a pouco, os traços de jovem delicado e ganharam vulto os do homem afeito ao peso do trabalho e do sacrifício. <sup>3</sup>O sacerdote que tratava da igreja, vendo-o extenuado pelo demasiado trabalho, movido de compaixão, começou a dar-lhe todos os dias da sua comida, não de certo muito apetitosa, pois era pobre também ele. <sup>4</sup>Mas Francisco, compreendendo e apreciando embora a delicada bondade do sacerdote, disse para consigo: «Não vais ter sempre um sacerdote assim, que tanto se rale com o teu passadio». <sup>5</sup>Nem isto é vida a que deva habituar-se quem há-de professar vida pobre. <sup>6</sup>Por este andar, pouco a pouco, voltarás àquilo que um dia desprezaste, e acabarás de novo na vida farta e regalada em que antes vivias. Portanto, mexe-te e procura o teu presigo de porta em porta».

<sup>7</sup>Meteu-se então a caminho de Assis e lá mendigou o sustento, estendendo a escudela à piedade dos concidadãos. Ao atentar porém na mistela que lhe davam, revolvía-se-lhe o estômago ao princípio, mas depois, lembrando-se do Senhor, acabava por se vencer e comia a horrível mixórdia com ânimo alegre.

---

<sup>37</sup> Esta informação teria sido dada a Celano por Santa Clara? (Cf. FF II, TCL, 4, p. 69) Ou foi Santa Clara que seguiu Celano? (Cf. 2C 204).

<sup>8</sup> Na verdade, tudo o amor suaviza, e até do amargo faz doce<sup>38</sup>.

## CAPÍTULO X

### Como Frei Bernardo renunciou aos bens

**15.** <sup>1</sup> Um homem de Assis, chamado Bernardo, e que viria a converter-se depois num homem de singular perfeição<sup>39</sup>, querendo seguir o servo de Deus no mais completo desprezo do mundo, pediu-lhe humildemente conselho, expondo assim o seu caso:

– <sup>2</sup> «Pai, se alguém, durante longos anos, tiver desfrutado de bens pertencentes a outrem e já os não quiser reter por mais tempo, que deverá fazer deles para agir rectamente?

– <sup>3</sup> Restituí-los todos ao legítimo dono, a quem pertencem.

– <sup>4</sup> Pois bem – replicou Bernardo – os bens que possuo pertencem a Deus, e a Ele os quero firmemente restituir, já que assim mo aconselhas.

– <sup>5</sup> Se estás disposto a provar o que dizes – volveu-lhe o Santo –, amanhã cedo entraremos na igreja, tomaremos o Livro dos Santos Evangelhos e será a Cristo que pediremos conselho»<sup>40</sup>.

<sup>6</sup> Entram, pois, na igreja ao amanhecer e, feita devota oração, abrem o livro dos Evangelhos, decididos a cumprirem o que lhes for mandado. <sup>7</sup> E o primeiro conselho que recebem de Cristo é este: «Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres»<sup>41</sup>. <sup>8</sup> Repetem o gesto, e apresenta-se-lhes este outro passo: «Não leveis nada para a viagem»<sup>42</sup>. <sup>9</sup> Mais uma terceira vez, e lêem: «Quem quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo»<sup>43</sup>. <sup>10</sup> Sem mais delongas, Bernardo tudo cumpriu ao pé da letra e nem um só jota deixou esquecido. <sup>11</sup> Daí a pouco, muitos outros abandonaram igualmente os espinhosos cuidados deste mundo e, sob a orienta-

---

<sup>38</sup> *Omnia lenit amor*, alusão, por antítese, ao *Omnia vincit amor*, de Virgílio, Eglog. X, 69. Cf. também o *Testamento* de S. Francisco, v. 3.

<sup>39</sup> Ou, à letra, num *filho da perfeição*. (Jo 17, 12).

<sup>40</sup> Cf. 1C 92.

<sup>41</sup> Mt 19, 21.

<sup>42</sup> Lc 9, 3.

<sup>43</sup> Lc 9, 23.

ção de Francisco, reencontraram a verdadeira pátria e o soberano Bem.<sup>12</sup> Seria demasiado longo descrever aqui, em pormenor, como cada um deles entrou na posse da recompensa que Deus lhes destinou.

## CAPÍTULO XI

### A parábola que ele contou ao senhor Papa

**16.** <sup>1</sup>Quando Francisco se apresentou com os seus ao papa Inocêncio para pedir a aprovação da sua regra de vida<sup>44</sup> e este viu que o objectivo proposto excedia em muito as forças humanas, disse-lhe como homem de grande prudência: «Filho, pede a Cristo que, por teu intermédio, nos manifeste a Sua vontade. Conhecendo-a nós, com maior segurança te concederemos o que piedosamente nos pedes».

<sup>2</sup>Obedece o Santo à ordem do Pastor supremo, recorre confiado a Cristo, ora com insistência e exorta os companheiros a implorarem também eles a luz de Deus. Assim orando e exorando, obtém finalmente resposta, sendo logo esta comunicada aos filhos.

<sup>3</sup>Deste modo vieram eles a saber que, em ordem à sua salvação e em colóquio familiar com Francisco, mandara Cristo dizer ao Pontífice a seguinte parábola: <sup>4</sup>«Francisco, isto dirás tu ao Papa: “Vivia num deserto uma mulher muito pobre, mas muito formosa.

<sup>5</sup>Graças à sua muita formosura, dela se enamorou o rei. Em extremo apazido, desposou-a o monarca e dela teve filhos belíssimos. <sup>6</sup>Já crescidos e educados com grande nobreza, disse-lhes a mãe: <sup>7</sup>“Não vos envergonheis da vossa pobreza, filhos queridos, pois haveis de saber que todos sois filhos de um grande rei. <sup>8</sup>Ide confiados e alegres à sua corte e pedi-lhe o que vos aprouver”.

<sup>9</sup>Tão surpreendidos como radiantes com a notícia da sua linhagem real e dos seus direitos à herança, e já imaginando a sua pobreza transformada em opulência, <sup>10</sup>foram logo apresentar-se ao rei,

---

<sup>44</sup> *Ad petendam regulam*; Francisco não pediu uma Regra; pediu, sim, a aprovação da Regra já composta. O verbo *petere* tem aqui sentido jurídico: pedir o reconhecimento de um direito.

confiantes e seguros, tanto mais que no rosto dele se reconheciam a si próprios. <sup>11</sup>Viu-se também o rei retratado neles e, surpreendido, perguntou-lhes de quem eram filhos. <sup>12</sup>E como eles asseverassem serem filhos de uma pobrezinha que vivia no deserto, abraçando-os, disse-lhes: “Sois meus filhos e meus herdeiros, não temais! <sup>13</sup>Se estranhos comem à minha mesa, justo é que eu me desvele em alimentar os que são meus herdeiros de pleno direito”. <sup>14</sup>E mandou recado à pobrezinha do deserto para que lhe enviasse também os restantes filhos dela gerados, a fim de os educar na corte».

<sup>15</sup>Rejubila o Santo com a parábola e imediatamente leva ao Papa a resposta divina<sup>45</sup>.

**17.** <sup>1</sup>Esta mulher (em razão dos muitos filhos, e não da sua intimidade com o rei)<sup>46</sup> simboliza Francisco. O deserto é este mundo, mundo bravio e estéril de virtudes; a prole abundante e formosa, a multidão dos irmãos, ricos de todos os bens espirituais; <sup>2</sup>o rei o Filho de Deus, a quem se assemelham pela santa pobreza todos os que, dela não se envergonhando, têm assento à sua mesa, felizes de imitarem a Cristo e viverem de esmolas<sup>47</sup>, pois os anima a certeza de alcançarem a bem-aventurança mediante o desprezo do mundo.

<sup>3</sup>Deveras maravilhado o senhor Papa com a parábola transmitida, reconheceu sem a mínima hesitação que pela boca daquele homem lhe falava Cristo. <sup>4</sup>Recordou-se de um sonho que tivera

---

<sup>45</sup> Nem o episódio nem a parábola se encontram em 1C. São, no entanto, anteriores, pois os consigna Odon de Chérítion (condado de Kent) na sua coleção de sermões para os evangelhos dominicais, composto em 1219. Cf. BIHL, *Sancti Francisci parabola*: AFH 22 (1929) p. 584-586.

<sup>46</sup> *Non factorum molitie*, no texto original. Celano sente-se no dever de eliminar explicitamente uma certa conotação que só muito dificilmente nos acudiria ao espírito. Importa saber, no entanto, que as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, assiduamente usadas na Idade Média, povoavam a memória de todo o bom letrado. Cf. GILSON: *Michel Menot et la technique du sermon médiéval*. Aqui se diz peremptoriamente: *Mulier* vem de *molities*, *mollis quasi mulier emolliatur*. (*Mulher* vem de *molícia* ou *moleza*, porque da moleza, como da mulher, é que vem o relaxamento, a efeminação).

<sup>47</sup> Chamava-se esmola, *eleemosyna*, ao alimento dado aos pobres, tirado dos restos das mesas dos ricos. Cf. GUILLAUME DE NANGIS, *Vie de Saint Louis*, ed. Lespinasse, Bruxelas, 1895, p. 246.

poucos dias antes e, iluminado pelo Espírito Santo, afirmou ser precisamente neste homem que o veria plenamente realizado. <sup>5</sup>Sonhara ele, com efeito, ter visto a basílica de Latrão prestes a desabar e um religioso, franzino e de aspecto mesquinho, a escorá-la com os ombros, evitando-lhe a queda. <sup>6</sup>«Aqui está, pensou, quem por suas obras e ensinamentos há-de sustentar a Igreja de Cristo».

<sup>7</sup>Eis porque este nobre senhor acedeu com tanta benevolência aos rogos de Francisco e porque, a partir desse momento, lhe votou a entranhada afeição que jamais desmentiria. <sup>8</sup>Não só lhe outorgou prontamente o que havia solicitado, como prometeu contemplá-lo mais ainda no futuro.

<sup>9</sup>Desde então, alentado com as faculdades concedidas<sup>48</sup>, começou Francisco a espalhar com maior fervor a semente da virtude por cidades e povoações.

## SANTA MARIA DA PORCIÚNCULA

### CAPÍTULO XII

#### **O amor do Santo e da bem-aventurada Virgem por este lugar**

**18.** <sup>1</sup>Vivendo o servo de Deus Francisco, pequeno de corpo, humilde de espírito e menor de profissão, escolheu para si e para os seus uma pequenina porção deste mundo, pois de outro modo, sem dele nada usar, não podia servir a Cristo.

<sup>2</sup>Não terá sido sem profética inspiração o facto de há muito se chamar Porciúncula ao lugar<sup>49</sup> que havia de caber em sorte a quem nada desejava possuir deste mundo.

---

<sup>48</sup> Talvez o diaconado; a menos que este já lhe tivesse sido conferido pelo bispo de Assis. A LM 3, 10 assinala que o papa mandou tonsurar também irmãos leigos, para que pudessem pregar sem que as autoridades eclesiais locais os tomassem como suspeitos de heresia.

<sup>49</sup> Um documento de 1160 confirma esta afirmação de Celano (A. FORTINI, *Nuova Vita de San Francesco*, p. 385).

<sup>3</sup> Havia nesse lugar uma igreja levantada em honra da Virgem Maria, Aquela que, por sua singular humildade, mereceu ser, depois de seu Filho, a cabeça e coroa de todos os Santos. Nessa igreja teve origem a Ordem dos Menores e sobre ela se ergueu, como em sólido fundamento, ampla e harmoniosa, a sua nobre construção. <sup>4</sup> Esse foi o lugar que ele amou de preferência a todos os demais, a ponto de ordenar aos irmãos que o tivessem em especial veneração<sup>50</sup>. <sup>5</sup> Prescreveu, além disso, que, para espelho e modelo da Ordem, sempre fosse conservado em humilde simplicidade e altíssima pobreza, pelo que, reservando a outros a sua propriedade, nada mais quis dele senão o uso<sup>51</sup>.

19. <sup>1</sup> Aí se observava a mais estrita disciplina, tanto no silêncio e trabalho, como nos demais actos da vida regular. <sup>2</sup> Não se admitiam senão irmãos especialmente escolhidos de entre os que chegavam de toda a parte, e exigia-lhes o Santo que fossem duma piedade sincera e duma perfeição sem mácula. <sup>3</sup> Era absolutamente proibida a entrada de seculares: <sup>4</sup> não queria o Santo que os irmãos, vivendo ali em número restrito, se sentissem solicitados pelo prurido das notícias mundanas e, interrompendo a contemplação dos bens celestes, fossem arrastados por charlatães a ocuparem-se das coisas terrenas. <sup>5</sup> A ninguém era consentido dizer neste lugar palavras ociosas ou referir as que outros dissessem. Se alguém incorria nessa falta, um castigo salutar o ensinaria a evitá-la no futuro. <sup>6</sup> Sem cessar se entregavam os irmãos, dia e noite, aos divinos louvores e levavam uma vida angelical de maravilhosa fragrância<sup>52</sup>.

<sup>7</sup> Não lhes faltava razão para estimarem este lugar, já que, segundo testemunhavam os seus antigos habitantes, era também conhecido por Santa Maria dos Anjos. Costumava dizer o bem-aventurado Pai ter sabido por divina revelação que a Virgem Santíssima amava com predilecção esta igreja, entre todas as

---

<sup>50</sup> Cf. 1C 106.

<sup>51</sup> Cf. 1C 44; 2C 57. 59. A distinção jurídica aqui utilizada apoia-se na bula *Quo elongati* (1230), de Gregório IX.

<sup>52</sup> Cf. SI 140, 2.



construídas no mundo em sua honra, e, por isso, ele a amava também como a nenhuma outra.

## CAPÍTULO XIII

### Uma certa visão

**20.** <sup>1</sup>Um irmão muito devoto havia tido, antes de se converter, uma visão a respeito desta mesma igreja, que bem merece ser contada. <sup>2</sup>Viu ele à volta dela uma multidão de homens feridos de penosa cegueira, ajoelhados e de rosto levantado para o céu. <sup>3</sup>Todos choravam, os braços estendidos para o alto, suplicando ao Senhor luz e misericórdia. <sup>4</sup>Nisto, baixa do céu um clarão imenso, envolvendo-os por completo e restitui-lhes, com a luz dos olhos, a almejada saúde.

## TEOR DE VIDA DE SÃO FRANCISCO E DOS IRMÃOS

## CAPÍTULO XIV

### O rigor da disciplina

**21.** <sup>1</sup>Jamais o corajoso soldado de Cristo lisonjeou o corpo, antes, como a estranho, o submeteu a impiedoso tratamento, quer com trabalhos esgotantes, quer com palavras injuriosas. <sup>2</sup>Quem intentasse enumerar os seus sofrimentos deixaria a perder de vista o relato em que o Apóstolo nos refere os padecidos pelos santos<sup>53</sup>. <sup>3</sup>Outro tanto poderíamos dizer de todo esse primeiro escol de irmãos que se submetia às mais duras privações, a ponto de considerarem vicioso buscar outro conforto que não o do espírito. <sup>4</sup>Muitas vezes teriam desfalecido com o rigor dos cintos de ferro, dos cilícios, das prolongadas vigílias e contínuos jejuns com que se mace-ravam, se reiterados avisos do piedoso pastor não atenuassem a severidade de tão duras penitências.

---

<sup>53</sup> Provavelmente as passagens de Hb 11, 33-38 e 2Cor 11, 23-29.

## CAPÍTULO XV

**A discrição de São Francisco**

**22.** <sup>1</sup> Certa noite, enquanto todos descansavam, pôs-se uma daquelas ovelhas a gritar: «Ai que eu morro de fome, irmãos!» <sup>2</sup>Prontamente se levanta o solícito pastor para levar à ovelhinha enferma o remédio apropriado. <sup>3</sup>Manda preparar mesa farta, embora os mimos fossem rústicos e a água suprisse o vinho, como frequentemente acontecia. <sup>4</sup>Tudo preparado, põe-se o Santo a comer, e, não vá o pobre irmão sentir-se envergonhado, convida os demais para tão caridosa operação.

<sup>5</sup>Concluído o repasto entre louvores a Deus<sup>54</sup>, para que nem isso faltasse ao gesto de caridade, dele se aproveitou o santo Pai para falar longamente a seus filhos sobre a virtude da moderação. <sup>6</sup>Prescreveu-lhes que oferecessem sempre ao Senhor um sacrifício temperado com o sal da prudência<sup>55</sup>, e pediu-lhes que soubessem todos medir primeiro as próprias forças no serviço de Deus, porque, dizia, <sup>7</sup>tanto se peca recusando ao corpo o que lhe é razoavelmente devido, como dando-lhe o supérfluo para satisfação da gula.

<sup>8</sup>E acrescentou: «Sabei, caríssimos, que se agora comi, não foi por capricho, mas por dever<sup>56</sup>, pois a tanto me levou o amor fraterno. <sup>9</sup>Seja para vós exemplo de caridade não o facto de comer, que o comer satisfaz a gula, mas a caridade, que é o alimento do espírito».

---

<sup>54</sup> Literalmente: *no temor de Deus*. O temor é o termo bíblico utilizado para evocar as provas de respeito devidas a Deus, e cuja expressão perfeita são o culto e o louvor.

<sup>55</sup> Lv 2, 13.

<sup>56</sup> *Dispensatione*: administração, gestão económica, cargo de mordomo ou de pai de família.

## CAPÍTULO XVI

**O seu conhecimento do futuro e como confiou a  
Ordem à Igreja Romana. Uma visão.**

**23.** <sup>1</sup>Progredindo o santo Pai em virtude e em mérito, e vendo crescer os filhos em número e graça, a ponto de estenderem até aos confins da terra os seus ramos carregados de frutos maravilhosos, entrou a pensar seriamente na maneira de conservar e desenvolver ainda mais a nova planta, salvaguardando o vínculo da união.

<sup>2</sup>Já então ele via que muitos, autênticos lobos introduzidos no redil, se encarniçavam contra o pequeno rebanho. Inveterados no mal, entregavam-se a toda a espécie de intrigas, por não aceitarem qualquer novidade no bem. <sup>3</sup>Previa que entre os próprios filhos se haviam de levantar dificuldades em detrimento da paz e da unidade, e tremia só de pensar que pudessem aparecer entre eles, como frequentemente sucede com gente escolhida, os recalcitrantes obstinados em suas próprias ideias, sempre dispostos à rebelião e ao aliciamento dos demais.

**24.** <sup>1</sup>E como o varão de Deus desse constantes tratos em seu espírito a estas e outras preocupações, teve certa noite a seguinte visão, enquanto dormia. <sup>2</sup>Viu uma galinha pequena e escura, semelhante a uma pomba doméstica, com as pernas e as patas revestidas de penas, <sup>3</sup>e uma ninhada tão grande que, por mais que girasse em redor, não conseguia abrigar-se toda debaixo das asas. <sup>4</sup>Quando o homem de Deus despertou e retomou o fio dos pensamentos, fez-se intérprete da sua própria visão: <sup>5</sup>«A galinha, comentou, sou eu, pequeno de estatura e de tez morena. Agindo com a simplicidade da pomba, ou seja, com inocência, ela subirá tanto mais livremente quanto menos aparecer neste mundo. <sup>6</sup>Os pintainhos são os meus irmãos, crescidos em número e graça, a quem não bastarão as minhas pobres forças para os abrigar das calúnias e perseguições. <sup>7</sup>Irei, pois, e confiá-los-ei à santa Igreja Romana: ela tem poder para castigar os nossos inimigos e, assim, garantir aos filhos de Deus a plena liberdade que lhes permita fruírem em maior número da salvação eterna. <sup>8</sup>Os filhos hão-de reconhecer os ternos cuidados da sua Mãe e de todo o coração deverão dispor-se

a seguir tão santos passos<sup>57</sup>. <sup>9</sup> Sob a sua protecção estará a Ordem defendida de todos os ataques e jamais filho algum de Belial<sup>58</sup> passará impunemente pela vinha do Senhor. <sup>10</sup> Ela, que é santa, há-de gloriar-se de imitar a nossa pobreza e não permitirá que as névoas da soberba empanem o esplendor da nossa humildade. <sup>11</sup> Conservará em nós, invioláveis, os laços da caridade e da paz, punindo severamente os que forem ocasião de perturbação e discórdia. <sup>12</sup> Na sua presença, florescerá sempre a santa observância da pureza evangélica e não será consentido que se desvaneça, um instante sequer, o bom aroma do nosso viver»!

<sup>13</sup> Estas foram as verdadeiras intenções do Santo em confiar-se à Igreja e estes os argumentos que a sua presciência de homem de Deus lhe forneceu como garantia do futuro da instituição.

## CAPÍTULO XVII

### **Como ele pediu o bispo de Óstia, em representação do senhor Papa**

**25.** <sup>1</sup> Dirigiu-se então o homem de Deus a Roma e foi recebido com grande devoção pelo senhor papa Honório e por todos os cardeais. <sup>2</sup> E razão tinham para assim o venerarem: precedia-o a fama da santidade que pregava com sua vida e palavras. <sup>3</sup> Pregou diante do Papa e dos Cardeais sem preparação mas com resolução e fervor, falando da abundância do coração, como o Espírito lhe inspirava. <sup>4</sup> À sua palavra comoveram-se tão altas colinas<sup>59</sup> e, prorrompendo em profundos suspiros arrancados às entranhas, com lágrimas lavaram as suas almas.

<sup>5</sup> Terminado finalmente o discurso, e após breves instantes de cordial colóquio com o Papa, expôs-lhe o que pretendia: «Como sabeis, Senhor, não nos é fácil, aos pequenos e pobres, chegar até

---

<sup>57</sup> Para S. Francisco, seguir a Cristo significa, na prática, seguir os ensinamentos da Igreja.

<sup>58</sup> Significa o *Maligno*, o demónio na literatura bíblica.

<sup>59</sup> Ou seja, os cardeais (eminências), porque neles se apoia o Papa para o governo da Igreja, da mesma forma que a cidade de Roma assenta sobre sete colinas. Literalmente: «tremeram os montes». Cf. Is 54, 10.

junto de tão soberana majestade. <sup>6</sup>Tendes o mundo inteiro em vossas mãos, e as enormes responsabilidades que sobre vós pesam não vos deixam tempo para coisas de somenos importância. <sup>7</sup>Por isso, eu vos suplico, Santidade, que hajais por bem conceder-nos como papa o Senhor de Óstia, aqui presente. <sup>8</sup>Assim, permanecendo inalienáveis os vossos direitos e dignidade, a todo o momento poderão os irmãos dirigir-se a ele em tempo de necessidade e dele receber o benefício do seu amparo e orientação».

<sup>9</sup>Agradou ao Papa tão santa súplica e, tal como tinha desejado o varão de Deus, imediatamente confiou a Ordem ao senhor Hugolino, que era, à data, o bispo de Óstia. <sup>10</sup>Tomou o santo cardeal à sua guarda o rebanho que lhe era confiado, fez-se pai solícito do mesmo, e foi seu pastor e guia<sup>60</sup> até à sua ditosa morte.

<sup>11</sup>A esta peculiar submissão é que deve a Ordem dos Menores o amor e as singulares atenções que a santa Igreja Romana não cessa de lhe testemunhar.

*Fim da primeira parte.*

---

<sup>60</sup> *Alumnus*, no original. Na latinidade posterior tem um sentido activo, e não o clássico de *discipulo de outrem*.



## SEGUNDA PARTE

### INTRODUÇÃO

26. <sup>1</sup>Deixar às gerações vindouras lembrança das glórias dos antepassados é honrá-los a eles, mas é também uma prova de amor pelos filhos que os não conheceram pessoalmente. <sup>2</sup>Pela simples recordação das suas gestas são os filhos induzidos ao bem e convencidos a melhorarem suas vidas: <sup>3</sup>distanciados embora no tempo, os nossos pais voltam deste modo a lembrar-nos os exemplos que devemos reter, e nós, da nossa parte, poderemos colher ao menos – fruto nada desprezível! – a consciência da nossa pequenez, vendo sobrar neles os méritos que nos faltam a nós.

<sup>4</sup>Ora eu tenho que S. Francisco foi como um espelho exemplaríssimo da santidade de Senhor e imagem da sua perfeição. <sup>5</sup>Todas as suas palavras e acções têm, por assim dizer, um perfume divino. Quem, na sua escola, as examinar com diligência e humildemente as seguir, cedo alcançará a sua altíssima sabedoria. <sup>6</sup>Eis porque, embora tenhamos referido já, com simplicidade e como de passagem, alguns episódios relativos à sua pessoa, não julgamos superfluo acrescentar aqui alguns traços mais, escolhidos entre muitos, de molde a realçar melhor a pessoa do Santo e a despertar o nosso amor sonolento.

### O ESPÍRITO DE PROFECIA DO BEM-AVENTURADO FRANCISCO

#### CAPÍTULO I

27. <sup>1</sup>Dominando do alto as coisas deste mundo, tinha o bem-aventurado Pai sob o seu poder tudo o que o universo encerra, e porque, em sua contemplação, os olhos da inteligência estavam fixos naquela suprema Luz, não só conhecia por divina revelação o que devia fazer, como previa e anunciava profeticamente o futuro,

penetrava os segredos dos corações e sabia o que em sua ausência se passava.<sup>2</sup> Alguns exemplos comprovam o que afirmamos.

## CAPÍTULO II

### Como desmascarou um irmão tido por santo

28. <sup>1</sup>Havia um irmão que, a julgar pelas aparências, levava uma vida de notável santidade, porém um tanto singular. <sup>2</sup>Entregava-se continuamente à oração e observava com tanto rigor o silêncio que, até para se confessar, era por sinais que o fazia e nunca por palavras. <sup>3</sup>Entusiasmava-se com as palavras da Escritura divina e, enquanto as ouvia, por gestos dava mostras de suavíssimo arrebatamento. <sup>4</sup>Em suma, todos o tinham por três vezes santo. <sup>5</sup>Ora aconteceu que o bem-aventurado Pai, passando um dia nesse lugar<sup>61</sup>, não quis deixar de ver e ouvir o dito frade – a tão exaltada maravilha. <sup>6</sup>E como todos o enaltecessem, interrompeu ele o concerto de louvores: «Cantigas, irmãos! Não louveis o que não passa de artimanha diabólica. Sabei, em verdade, que é uma cilada do demónio destinada a seduzir-nos. <sup>7</sup>Para mim, é mais que evidente; e a prova está em que ele não quer confessar-se».

<sup>8</sup>Ficaram os irmãos consternados e, mais do que ninguém, o vigário do Santo. <sup>9</sup>«Como é possível – objectavam eles – tanta mistificação em tantos sinais de santidade?» <sup>10</sup>– Ao que o Pai retorquiu: «Dizei-lhe que se confesse duas vezes por semana, ou mesmo uma só; se o não fizer, então sabereis que falei verdade».

<sup>11</sup>Tomou-o à parte o vigário, com ele conversou familiarmente e, por fim, ordenou-lhe que se confessasse. <sup>12</sup>Mas ele, terminante e desdenhoso, pondo um dedo nos lábios e meneando a cabeça, dava a entender que de nenhum modo o faria. Emudeceram os irmãos, temendo um escândalo do santo falsário. <sup>13</sup>Pouco tempo depois, saiu espontaneamente da Ordem e, voltando ao século, tornou ao vômito. <sup>14</sup>Duplicada a sua maldade, morreu impenitente.

---

<sup>61</sup> *Locus*. Aqui, como em muitas outras passagens, o vocábulo *locus* (lugar) é usado livremente para indicar as antigas habitações dos irmãos. Diríamos, pois, que são os primitivos conventinhos.



<sup>15</sup> Importa evitar a singularidade: não passa de um precipício atraente. Mostra-o à evidência o caso de tantos que, por amarem a singularidade e quererem subir aos altos céus, se baquearam nas profundas do abismo<sup>62</sup>. <sup>16</sup> E consideremos ao mesmo tempo o valor da confissão sincera, que essa, sim, não só é fonte mas afirmação de santidade.

### CAPÍTULO III

#### Um outro caso em que se condena a singularidade

**29.** <sup>1</sup> Caso semelhante aconteceu a um outro frade, Tomás de Espoleto. <sup>2</sup> Todos tinham da sua santidade o mais subido conceito. <sup>3</sup> O santo Pai, contudo, já o tinha julgado: um homem perverso! E a apostasia acabou por confirmar a verdade do seu julgamento. Não perseverou por muito tempo, tal como não resiste por muito tempo a virtude fundada na simulação. <sup>4</sup> Saiu da Ordem e, agora que fora dela morreu, já se deve ter dado conta do que fez.

### CAPÍTULO IV

#### Como predisse a derrota dos cristãos no assalto a Damietta

**30.** <sup>1</sup> Quando o exército dos cristãos assediava Damietta, estava presente o Santo com alguns companheiros. Anseios de martírio os tinham levado até ali, depois de cruzarem o mar<sup>63</sup>.

<sup>2</sup> Um dia, tendo sabido que os nossos soldados se preparavam para travar batalha, entristeceu-se grandemente e, dirigindo-se aos companheiros, disse-lhes: <sup>3</sup> «O Senhor deu-me a saber que, se a batalha se travar hoje, será um desastre para os cristãos. <sup>4</sup> Se lhes digo isto, hão-de tomar-me por louco; se me calo, há-de remorder-me a consciência. Que pensais?» <sup>5</sup> «Pai – respondeu o compa-

---

<sup>62</sup> Era já a reacção, em 1217, contra a tendência «espiritual».

<sup>63</sup> Acontecia isto em 29 de Agosto de 1219 (Cf. 1C 57). Os irmãos Pedro Catânio, Iluminado, Elias e Cesário de Espira acompanhavam S. Francisco (Cf. Jordão de Giano, *Chronica* 11,12 e 14).

nheiro – não te importes com o juízo dos homens; de resto, não é de hoje pensarem isso de ti. <sup>6</sup> Descarrega a tua consciência e teme antes a Deus que aos homens!»

<sup>7</sup> Imediatamente correu o Santo ao encontro dos cristãos e, para bem deles, tentou dissuadi-los da batalha, anunciando-lhes a derrota. <sup>8</sup> Eles, contudo, tomando por brincadeira o que era funesta verdade, endureceram o coração e não quiseram saber do aviso. <sup>9</sup> Lançados ao assalto, travam combate e lutam corpo a corpo com o inimigo. <sup>10</sup> Durante o combate, angustiado, Francisco pede ao companheiro que se levante e vá perscrutar o horizonte. Mas como nada descortina, nem dessa vez, nem de uma segunda, manda-o uma terceira. <sup>11</sup> E o que então vê é o exército cristão em debandada, terminando em vergonha o que antes se lhes afigurava triunfo garantido. Foi tal o desastre, que o exército perdeu seis mil homens, entre mortos e prisioneiros. <sup>12</sup> Confrangeu-se o Santo com tão triste sorte, e eles não menos, arrependidos de o não terem ouvido. <sup>13</sup> Lamentava sobretudo os espanhóis, que poucos haviam escapado, por se terem dado à luta com maior denodo<sup>64</sup>.

<sup>14</sup> Que os príncipes da terra meditem neste exemplo e aprendam que não é impunemente que se revoltam contra Deus, quero dizer, contra as disposições do Senhor. <sup>15</sup> A obstinação orgulhosa leva, de ordinário, à ruína: não contando senão com as próprias forças, desmerece as do alto. <sup>16</sup> E, pois que do céu é que devemos esperar a vitória, é também na obediência ao Espírito de Deus que se devem travar as batalhas.

## CAPÍTULO V

### Como ele soube o que um irmão pensava no fundo do coração

**31.** <sup>1</sup> Ao voltar o Santo de além-mar com um companheiro, Leonardo de Assis, devido à sua muita fraqueza e fadiga teve de

---

<sup>64</sup> Uma bula de Honório III, de 15 de Março de 1219, confirma o testemunho de Celano. Segundo ela, é concedida ao arcebispo de Toledo a faculdade de comutar, em favor da cruzada contra os mouros de Espanha, os votos daqueles que se tinham alistado para a cruzada do Oriente, à excepção dos nobres e dos cavaleiros.

fazer parte do percurso montado num jumento. <sup>2</sup>O companheiro, que o seguia atrás, não pouco fatigado também ele, começou a dizer de si para consigo, vencido pela humana fraqueza: «Não me consta que os pais dele tenham comido com os meus do mesmo prato, e, todavia, ele aí vai repimpado, a cavalo, enquanto eu sigo a pé, ao chouto do burro!»

<sup>3</sup>Ia pensando isto o irmão quando, de repente, o Santo baixou da montada e lhe disse: «Não, irmão, não está certo que eu vá a cavalo e tu a pé. No século eras mais nobre e rico do que eu». <sup>4</sup>O irmão, caindo das nuvens, quase abafava de confusão. <sup>5</sup>Vendo-se descoberto pelo Santo, rojou-se-lhe aos pés e, entre lágrimas abundantes, tudo confessou e de tudo pediu perdão.

## CAPÍTULO VI

### **Como ele viu um demónio às cavaleiras de um irmão. Contra os que destroem a unidade.**

**32.** <sup>1</sup>Havia um outro irmão de muita reputação entre os homens e de grande merecimento aos olhos de Deus. <sup>2</sup>Inveioso das suas virtudes, intenta o pai de toda a inveja cortar pela raiz aquela árvore que já tocava os céus e arrebatara-lhe das mãos a coroa. Gira-lhe em redor, abana que abana, joeira e torna a joeirar cada uma das suas acções, estudando o tropeço que melhor o faça cair. <sup>3</sup>A pretexto de maior perfeição, insufla-lhe o desejo de se apartar dos demais para mais facilmente arremeter contra ele estando só, e, uma vez caído, não tenha quem o levante<sup>65</sup>.

<sup>4</sup>Em resumo, abandona a vida religiosa dos irmãos e vai pelo mundo como peregrino e estrangeiro. <sup>5</sup>Do hábito que usava fez uma pequena túnica, com o capelo descosido da mesma, e, assim errando de terra em terra, não deixa fugir nenhuma ocasião de se mortificar.

<sup>6</sup>Mas enquanto vagabundeava deste modo, foram-lhe faltando as consolações divinas e entrou a flutuar num mar de tempestuosas tentações. <sup>7</sup>Sofrendo as desolações do espírito e da carne, era

---

<sup>65</sup> Ecl 4, 10.

como um pássaro prestes a cair no laço. Estava já à beira do abismo e na iminência de nele cair, quando o Senhor, compadecido do triste, sobre ele baixou os seus olhos de pai. <sup>8</sup> Amestrado pela tribulação, caiu finalmente em si e disse: «Volta para a tua Ordem, miserável, que só nela te salvarás». Sem mais, levantou-se decididamente e correu para o regaço da mãe.

**33.** <sup>1</sup> E foi-se meter no convento de Sena. Entre os irmãos estava também S. Francisco. <sup>2</sup> Mas, coisa intrigante, apenas o viu o Santo, dele fugiu correndo para a cela. <sup>3</sup> Desconcertados, perguntaram-lhe os irmãos a razão daquela fuga. «Porque vos perturbaís, se não sabeis porque o fiz? – respondeu o Santo. – Recorri à oração para salvar este irmão que andava equivocado. <sup>4</sup> Vi neste meu filho uma coisa que muito justamente me desgostou. Mas, graças a Cristo, já o engano se desvaneceu de todo». <sup>5</sup> Ajoelhou-se o irmão e, coberto de rubor, confessou-se culpado. <sup>6</sup> Disse-lhe o Santo: «O Senhor te perdoe, irmão, mas, para o futuro, vê não te separeis mais da Ordem e dos irmãos, mesmo a pretexto da santidade». <sup>7</sup> E desde então passou a amar a vida em comum e a companhia dos confrades, preferindo sobretudo as comunidades onde mais brilhava a observância regular<sup>66</sup>.

<sup>8</sup> Grandes são as obras do Senhor na assembleia dos justos! <sup>9</sup> Nela, os tentados resistem, os caídos levantam-se, os tíbios reanimam-se, «o ferro com o ferro se aguça» e o irmão que é ajudado por seu irmão é como um baluarte inexpugnável. <sup>10</sup> No mundo, a turbamulta dos homens não permite ver Jesus, enquanto aqui as multidões são as dos anjos do céu. <sup>11</sup> Uma coisa se nos impõe, e é não fugir, deixando a Ordem. Fiéis até à morte, receberemos por fim a coroa da vida.

---

<sup>66</sup> Os conventos da Observância regular, diz o texto. Era já, talvez, a denominação de uma fracção da Ordem, em oposição aos espirituais, que só mais tarde haviam de receber este nome. (GRATIEN, *Histoire de l'Ordre...au XIII s.*, p. 226).

**34.** <sup>1</sup>Um caso muito parecido ocorreu depois com outro irmão. <sup>2</sup>Não se submetia este irmão ao vigário do Santo<sup>67</sup>, pois tinha escolhido para seu superior e mestre um companheiro. <sup>3</sup>O Santo, que estava presente, admoestou-o por interposta pessoa e ele, caindo aos pés do Vigário e abandonando o mestre que antes escolhera, prometeu obediência ao irmão que o Santo lhe havia designado como superior. <sup>4</sup>Arrancando um profundo suspiro de alívio, disse o Santo àquele que enviara a repreender o delinquente: «É que eu tinha visto o diabo às cavaleiras do irmão desobediente, tentando esganá-lo. <sup>5</sup>Cavalgado por semelhante cavaleiro, desprezava o freio da obediência e corria a toda a brida atrás dos seus instintos. <sup>6</sup>Como, porém – acrescentou – eu o tivesse encomendado ao Senhor, no mesmo instante se afastou dele o demónio, confuso e abatido».

<sup>7</sup>Que profunda argúcia a deste homem, de olhos tão debilitados para as coisas materiais e tão vivos e penetrantes para as do espírito! <sup>8</sup>E como estranhar, por outro lado, que sobre si carregue um fardo tão ignominioso quem não aceita trazer consigo o Senhor de toda a majestade? <sup>9</sup>Não há meio termo: ou carregamos o fardo leve<sup>68</sup> que, a bem dizer, antes nos leva a nós, ou somos escravos da iniquidade que nos fará vergar a cerviz, qual mó de moinho mais pesada que o chumbo<sup>69</sup>.

## CAPÍTULO VII

### **Como ele livrou os habitantes de Greccio do granizo e dos lobos ferozes**

**35.** <sup>1</sup>Gostava o Santo de morar no ermitério dos irmãos de Greccio, não só porque o via tão rico de pobreza, mas porque nele se podia entregar com mais liberdade à contemplação, metido

---

<sup>67</sup> Foi durante o Capítulo que, segundo São Boaventura, este facto teria ocorrido: LM 11, 11.

<sup>68</sup> Mt 11, 30.

<sup>69</sup> À letra, «um talento de chumbo». O talento era uma medida grega, de peso variável, segundo os vários Estados que a utilizavam, mas rondando aproximadamente o meio quintal.

numa pequena cela construída no alto de um rochedo proeminente. <sup>2</sup>Fora aí, de resto, que, algum tempo antes, fazendo-se menino com o Menino, celebrara o nascimento do menino de Belém<sup>70</sup>.

<sup>3</sup>Ora aconteceu que, por essa altura, a população estava a ser flagelada com graves calamidades: lobos vorazes atacavam não apenas os animais mas também os homens, e o granizo devastava todos os anos as searas e as vinhas. <sup>4</sup>Pregando-lhes um dia, Francisco disse: «Em honra e louvor de Deus todo-poderoso, ouvi a verdade que vos anuncio: <sup>5</sup>se cada qual confessar os seus pecados e realizar frutos dignos de penitência, eu vos garanto que todos estes flagelos se hão-de afastar de vós definitivamente, e o Senhor, olhando-vos com amor, vos enriquecerá de bens materiais. <sup>6</sup>Mas – acrescentou – ouvi também isto: se vos esquecerdes dos benefícios recebidos e voltardes ao vômito<sup>71</sup>, desde já vos previno de que os flagelos voltarão de novo, o castigo será duas vezes mais pesado e a ira de Deus se inflamará mais ainda contra vós».

**36.** <sup>1</sup>De facto, pelos méritos e orações do Pai santíssimo, logo cessaram aquelas pragas e foi esconjurado o perigo: os lobos deixaram de acometer e o granizo de cair. <sup>2</sup>Mais: se alguma vez caía granizo nos campos vizinhos, ao chegar aos de Greccio, ou deixava de cair ou se desviava.

<sup>3</sup>Já tranquilizados, os habitantes de Greccio cresceram em número e enriqueceram em demasia com os bens temporais. <sup>4</sup>E aconteceu o que sempre acontece quando há prosperidade: <sup>5</sup>os rostos sumiram-se por entre a enxúndia e esta, ou antes, o esterco dos bens temporais, acabou por cegá-los<sup>72</sup>.

<sup>6</sup>Por fim, caindo num estado pior que o anterior, esqueceram a Deus que os havia salvo. <sup>7</sup>Mas não impunemente, porque as san-

---

<sup>70</sup> Cf. 1C 86.

<sup>71</sup> 2 Pd 2, 22.

<sup>72</sup> Estas imagens evocam aos que frequentam a Bíblia o retrato do homem perverso, estereotipado na literatura sapiencial, sobretudo no livro de Job e no Salmo 73, 4-7. O «mau» é um egoísta que «cria banhas»; a sua cabeça é comparada à do porco, o seu olhar é qualificado de bestial. A gordura, sinal de endurecimento e arrogância, leva à cegueira espiritual. Quanto à menção do excremento no texto de Celano, deve ver-se uma alusão à história de Tobias ( Tb 2, 10).

ções da justiça divina são mais severas para os recidivos. <sup>8</sup> Assim, tendo acordado novamente a ira de Deus, aos flagelos antes afastados veio juntar-se a guerra, e caiu do céu uma epidemia que fez incontáveis vítimas. <sup>9</sup> Por último, um incêndio vingador<sup>73</sup> destruiu todo o burgo. <sup>10</sup> Justo é, na verdade, que os benefícios se transformem em castigo para os que não sabem ser gratos.

## CAPÍTULO VIII

### **Anuncia a guerra civil aos habitantes de Perúcia. Elogio da concórdia.**

**37.** <sup>1</sup> Poucos dias depois, baixando o bem-aventurado Pai da mencionada cela, anunciou aos irmãos, com voz embargada pela dor: «Grande foi o mal que os de Perúcia fizeram aos seus vizinhos<sup>74</sup>. <sup>2</sup> O coração deles ensoberbeceu-se, mas para desonra sua, porquanto o castigo de Deus não se fará esperar e já Ele tem posta a mão no punho da espada». <sup>3</sup> Esperou ainda alguns dias e, depois, impelido pelo fervor do Espírito, partiu para Perúcia. <sup>4</sup> Tornava-se evidente para os irmãos que ele fora favorecido com alguma visão enquanto permanecia na cela.

<sup>5</sup> Chegado a Perúcia, reuniu o povo e pôs-se a pregar. <sup>6</sup> Mas como uns quantos cavaleiros, correndo por ali alvoroçados em torneios e outros espectáculos de armas, o impediram de fazer ouvir a palavra de Deus, a eles se dirigiu, apostrofando-os entre soluços: <sup>7</sup> «Homens perversos, dignos de compaixão, que não atentais nos juízos de Deus nem os temeis! <sup>8</sup> Ouvi o que o Senhor vos anuncia pela voz deste vil pobrezinho. Se o Senhor vos deu poder sobre os vossos vizinhos, foi para que tivésseis mais respeito por eles e mais reconhecidos fôsseis a Deus. <sup>9</sup> Porém, ingratos como sois, investis contra eles de armas na mão, matando e saqueando. <sup>10</sup> Pois eu vos digo que não ficareis sem castigo, e, para que

---

<sup>73</sup> Provavelmente em 1242, quando Rieti, pela sua fidelidade ao Papa, foi sitiada (1241-1244) pelas forças de Frederico II. Sabemos que em Maio de 1242, André de Ciccala, capitão do reino de Nápoles, assolou os arredores da cidade de Rieti por ordem do Imperador. Greccio dista 10 quilómetros de Rieti.

<sup>74</sup> Francisco teve ocasião de o experimentar no cativoiro.

este seja mais violento, fará Deus com que uma guerra civil acabe de vos perder, de modo que, amotinados, vos lançareis uns contra os outros. <sup>11</sup> E virá então a indignação de Deus ensinar quem nada quis aprender com a sua benevolência».

<sup>12</sup> Não muitos dias depois, desencadeada entre eles a discórdia<sup>75</sup>, levantaram-se em armas e não pouparam sequer os próprios familiares. <sup>13</sup> Insurgiu-se o povo contra os cavaleiros, e os cavaleiros, como represália, dizimaram o povo. <sup>14</sup> A luta foi tão atroz e mortífera que até os vizinhos, a quem tanto mal haviam feito, deles tiveram compaixão.

<sup>15</sup> Castigo bem merecido, aliás. Tendo-se afastado do Deus Uno e soberano Bem, era inevitável que nem sequer entre eles houvesse união.

<sup>16</sup> Não há laço que una mais estreitamente os homens de um mesmo povo do que o amor fiel a Deus, nascido de uma fê sincera, sem hipocrisia.

## CAPÍTULO IX

### **Como predisse a uma mulher a conversão do marido**

**38.** <sup>1</sup> Ia por aqueles dias o servo de Deus a caminho de Celle di Cortona, quando uma nobre dama de Volusiano lhe foi ao encontro para o ver. Após uma viagem em extremo cansativa, pois era de saúde muito débil, alcançou finalmente o Santo. <sup>2</sup> Ao vê-la ofegante e quase morta de cansaço, compadecido, perguntou:

– Que desejais, senhora?

– A vossa bênção, Pai.

– <sup>3</sup> Sois casada?

– Pai, tenho um marido cruel que me impede de servir a Cristo. A minha maior mágoa é não poder, por causa dele, manter os bons propósitos que o Senhor me inspira. Por isso vos rogo que intercedais por ele, para que Deus, em sua misericórdia, lhe mude o coração.

---

<sup>75</sup> A luta civil reacendeu-se várias vezes: em 1214, em 1217 e, finalmente, em 1223-1225, terminando com o exílio dos nobres.



<sup>4</sup> Admirou o Santo a fortaleza e maturidade desta mulher ainda jovem e, movido de compaixão, disse-lhe: «Vai, filha bendita, e leva a certeza de que o teu marido fará em breve a tua alegria. <sup>5</sup> Diz-lhe da parte de Deus e da minha que é chegado o tempo da salvação, e que virá depois o da justiça». E abençoou-a.

<sup>6</sup> Voltou para casa a dama e comunicou a mensagem ao marido. De repente, desceu sobre ele o Espírito Santo e, de homem velho transformado em novo, assim Ele o fez falar com toda a mansidão, nestes termos: «Senhora, sirvamos a Deus em nossa casa e salvemos as nossas almas»<sup>76</sup>. <sup>7</sup> «Sou de opinião – replicou a esposa – que deveríamos fazer da continência o fundamento espiritual da nossa vida e, sobre ela, edificar as demais virtudes». <sup>8</sup> «Pois é esse também o meu desejo, por ser o vosso» – disse. <sup>9</sup> E levando ambos, desde então e por longos anos, vida de celibatários, morreram santamente no mesmo dia, um como holocausto da manhã, outro como sacrifício da tarde.

<sup>10</sup> Ditosa mulher que assim logrou convencer o seu senhor, restituindo-o à vida. Nela se cumpriu aquilo do Apóstolo: «o marido infiel é salvo pela mulher fiel»<sup>77</sup>. <sup>11</sup> Mulheres destas, infelizmente, podem contar-se pelos dedos de uma só mão, conforme o dito popular.

## CAPÍTULO X

### **Como ele soube em espírito que um irmão tinha escandalizado o companheiro e dele anunciou a saída da Ordem**

**39.** <sup>1</sup> Um dia chegaram da Terra de Labor<sup>78</sup> dois irmãos, o mais velho dos quais tinha escandalizado não pouco o mais novo. Era um tirano, não um companheiro. <sup>2</sup> O jovem irmão tudo suportava em admirável silêncio, por amor de Deus. <sup>3</sup> Ao chegarem a Assis,

---

<sup>76</sup> Sobre os penitentes «em sua própria casa», cf. MEERSSEMAN, *Le dossier de l'Ordre de la Penitence*, Friburgo 1961, 4, 5.

<sup>77</sup> 1Cor 7, 14.

<sup>78</sup> Região da Campânia

gozando o mais novo da familiaridade do Santo, foi logo visitá-lo. Entre outras coisas, perguntou-lhe o Santo:

– <sup>4</sup> Como se portou contigo o teu companheiro durante a viagem?

– <sup>5</sup> Muito melhor do que eu merecia<sup>79</sup>, querido Pai.

<sup>6</sup> E o Santo, de retorno:

– Cuidado, irmão, não mintas, mesmo a pretexto de humildade. Sei muito bem como ele se portou contigo e, se não, espera um pouco e verás».

<sup>7</sup> Muito se admirou o irmão de que o Santo tivesse conhecido pelo Espírito coisas acontecidas a tamanha distância. Não muitos dias depois, com efeito, aquele que havia escandalizado a seu irmão sai da Ordem, votando-a ao desprezo.

<sup>8</sup> É, sem dúvida, sinal de ruindade e claro indício de insensatez não terem um mesmo querer os que seguem um mesmo caminho.

## CAPÍTULO XI

### **Como descobriu que um jovem queria entrar na Ordem sem ser conduzido pelo espírito de Deus**

40. <sup>1</sup> Por aquele mesmo tempo chegou a Assis um jovem da nobreza de Lucca, pedindo para entrar na Ordem. <sup>2</sup> Apresentado a S. Francisco, suplicou-lhe de joelhos e com lágrimas nos olhos que o recebesse. <sup>3</sup> O homem de Deus fitou-o demoradamente e conheceu logo, por inspiração do Espírito, não ser boa a intenção que o animava. <sup>4</sup> E disse-lhe: «Pobre homem carnal, como julgas poder enganar ao Espírito Santo e a mim? As tuas lágrimas nascem da carne e o teu coração não está em Deus. <sup>5</sup> Vai-te – intimou –, porque nada de espiritual há em ti».

<sup>6</sup> O Santo a dizer isto e já os pais à porta para o levarem. Saindo-lhes ao encontro, com eles voltou contente para casa. Os irmãos, maravilhados com o sucedido, louvaram a Deus em seu Santo.

---

<sup>79</sup> Cf. LM 11, 13 nt.313.

## CAPÍTULO XII

**Anuncia a um eclesiástico, por ele curado, castigos  
ainda maiores se voltar ao pecado**

**41.** <sup>1</sup>No tempo em que o santo Pai jazia enfermo no palácio do bispo de Rieti, estava também de cama, doente e atormentado com dores, um cônego de nome Gedeão, homem sensual e mundano. <sup>2</sup>Fazendo-se transportar até junto de Francisco, pediu-lhe com lágrimas que se dignasse fazer sobre ele o sinal da cruz.

<sup>3</sup>Respondeu-lhe o Santo: «Como posso eu abençoar-te, se há tanto tempo vives segundo os desejos da carne e não temes os juízos de Deus?» <sup>4</sup>E prosseguiu: «Sim, vou abençoar-te em nome de Cristo, mas lembra-te que sofrerás penas maiores se, uma vez curado, voltares ao vômito». <sup>5</sup>E concluiu: «O pecado da ingratidão atrai sempre mais severos castigos».

<sup>6</sup>Feito sobre ele o sinal da cruz, o doente, que até aí se encontrava tolhido, imediatamente se levantou curado e, prorrompendo em louvores, exclamou: «Estou curado!» <sup>7</sup>Muitos ouviram mesmo o estalido das vértebras a recompor-se, semelhante ao da madeira ressequida, quando se parte com as mãos.

<sup>8</sup>Mas, passado pouco tempo, esquecendo a Deus, de novo se entregou à sensualidade. <sup>9</sup>Estando um dia a cear em casa de um cônego, seu colega, e nela dormindo aquela noite, caiu-lhe inesperadamente em cima o tecto da habitação. <sup>10</sup>Todos escaparam da morte; só ele, miserável, morreu esmagado.

<sup>11</sup>Nada surpreende que, tal como anunciara o Santo, os fins tenham sido piores para o cônego do que os começos, pois o perdão alcançado exige reconhecimento e a recaída no pecado ofende duplamente.

## CAPÍTULO XIII

**Um irmão com tentações**

**42.** <sup>1</sup>Durante esta mesma estadia de Francisco em Rieti, um irmão da custódia de Mársica, atormentado com penosas tentações, disse para consigo: <sup>2</sup>«Quem me dera ter comigo alguma coisa que

tivesse pertencido a S. Francisco, nem que fosse a raspa de uma unha! Tenho para mim que toda esta tempestade de tentações se desvaneceria e, com a graça do Senhor, me voltaria a paz».

<sup>3</sup>Obtida licença, foi ao convento de Rieti e expôs o caso a um companheiro do Santo. <sup>4</sup>Mas este respondeu-lhe: «Não creio que tenhas sorte, porque embora lhe cortemos as unhas de vez em quando, ele manda deitar fora as aparas, não consentindo que alguém as guarde». <sup>5</sup>No mesmo instante comunicam a este irmão que o Santo reclama a sua presença: «Meu filho – diz-lhe ele – arranja aí umas tesouras e corta-me as unhas». <sup>6</sup>Saca o irmão das tesouras que levava consigo nesse propósito e, recolhendo as aparas, entrega-as ao confrade que lhas tinha solicitado. <sup>7</sup>Recebe-as este com devoção (com devoção maior as conserva ainda) e imediatamente se viu livre dos assaltos do inimigo.

## CAPÍTULO XIV

### **Um homem oferece o pano que o Santo tinha pedido momentos antes ao Guardião**

**43.** <sup>1</sup>Uma vez, encontrando-se ainda no mesmo lugar<sup>80</sup>, o pai dos pobres, que vestia uma túnica velha, disse a um dos companheiros a quem havia nomeado seu guardião<sup>81</sup>: «Irmão, queria, se fosse possível, me arranjasses pano para uma túnica». <sup>2</sup>Ouvindo isto, pôs-se o guardião a matutar em como havia de conseguir o pano tão necessário e com tanta humildade solicitado.

<sup>3</sup>Na manhã seguinte, muito cedo, saía ele de casa para o ir comprar, quando deu com um homem sentado à soleira da porta, à espera exactamente de lhe poder falar. <sup>4</sup>«Por amor de Deus, disse, aceita-me este pano da minha parte. Dá bem para seis túnicas; uma será para ti, as outras distribui-as como quiseses. Que tudo reverta em benefício da minha alma». <sup>5</sup>Cheio de alegria, foi ter com S. Francisco e deu-lhe notícia da oferta caída do céu. <sup>6</sup>«Recebe as túnicas, irmão – disse-lhe o Pai – que este homem foi-nos enviado

---

<sup>80</sup> No palácio do bispo de Rieti (2C 41).

<sup>81</sup> Cf. T 27-28.

em socorro das nossas necessidades». E concluiu: «Graças sejam dadas Àquele que parece não pensar senão em nós».

## CAPÍTULO XV

**Como convidou o seu médico a comer, quando nada havia que lhe dar, e como, de imediato, o Senhor proveu os irmãos do necessário em abundância.**

**A providência de Deus para com os seus.**

44. <sup>1</sup>Vivendo o bem-aventurado varão num ermitério próximo de Rieti, visitava-o todos os dias um médico para lhe tratar dos olhos. <sup>2</sup>Um dia, disse o Santo aos seus: «Convidai o médico e servi-lhe uma boa refeição». <sup>3</sup>Respondeu-lhe o guardião: «Pai, é com muita confusão que to digo: estamos tão pobres neste momento, que não me atrevo a convidá-lo».

<sup>4</sup>O Santo replicou-lhe: «Esperarás que to peça segunda vez?» <sup>5</sup>O médico, que estava presente, observou: «Irmãos caríssimos, será para mim um grande prazer participar da vossa pobreza».

<sup>6</sup>Logo se apressaram os irmãos a colocar na mesa tudo quanto havia na despensa: um bom bocado de pão, um pouco de vinho e, para maior excelência do repasto, alguns legumes que ainda foi possível encontrar na cozinha. <sup>7</sup>Porém, neste entretanto, compadecida a mesa do Senhor da mesa dos servos, alguém bate à porta. <sup>8</sup>Acorrem, e surge uma bondosa mulher a oferecer-lhes uma cesta a abarrotar de provisões: um saboroso pão alourado, peixe, uma empada de camarão e, delícia das delícias, uma grande fartura de mel e uvas.

<sup>9</sup>Perante semelhante espectáculo, exulta a família dos pobres e, deixando para o dia seguinte a miséria que para esse lhes estava reservada, muito se deliciaram com os tão apetitosos como inesperados manjares. <sup>10</sup>Deveras comovido, o médico exclamou: «Nem vós, religiosos, nem muito menos nós, seculares, sabemos apreciar devidamente a santidade deste homem». <sup>11</sup>E ter-se-iam por certo

saciado plenamente se, mais do que o alimento corporal, os não tivesse saciado o milagre<sup>82</sup>.

<sup>12</sup> É que o olhar de Deus, nosso Pai, nunca se despega dos seus, antes sustenta com maior solicitude os que mendigam com maior necessidade. <sup>13</sup> Sendo Deus mais generoso em sua liberalidade que o homem, desfruta o pobre de uma mesa mais farta que a do tirano<sup>83</sup>.

### Como livrou frei Ricério duma tentação

**44a.** <sup>1</sup> Um irmão, chamado Ricério, tão nobre de coração como de nascimento, tinha dos méritos de S. Francisco o mais alto conceito, de tal modo que, pensava ele, quem obtivesse a sua benevolência podia estar certo da graça de Deus, e, pelo contrário, quem dela carecesse, mereceria a sua indignação. <sup>2</sup> Daí que, ansiando embora com todas as veras chegar à confiança do Santo, profundamente o apavorava que o bem-aventurado Pai descobrisse nele a pontinha de algum possível mas ignorado defeito e o privasse finalmente do seu afecto. Esta inquietação lancinante afligia-o dia e noite, mas não ousava manifestá-la a ninguém<sup>84</sup>.

<sup>3</sup> Ora, estava um dia o bem-aventurado Pai na sua cela a rezar, quando dela se abeirou o irmão, atormentado, como sempre, com tal ideia fixa. <sup>4</sup> O homem de Deus, dando-se conta da sua aproximação e da sua angústia, chamou-o delicadamente e disse-lhe: «Meu filho, não te deixes atormentar por nenhuma tentação ou temor, pois eu quero-te muito, e és mesmo dos que me são mais queridos. <sup>5</sup> Vem ter comigo confiadamente sempre que desejes, e com igual liberdade te poderás retirar». <sup>6</sup> Admirou-se não pouco o irmão e, alegrando-se com as palavras do santo Pai, daí em diante, seguro da sua amizade, cresceu também na graça do Salvador, conforme acreditava.

---

<sup>82</sup> Jogo de palavras um tanto complicado, para dizer que, sob o lance da surpresa, os irmãos tinham perdido o apetite.

<sup>83</sup> Este capítulo é uma ilustração impressionante da dupla lição que dá ao mundo a pobreza franciscana. Poderemos dispensar tudo por amor de Deus, mas Deus, no seu amor, não permitirá que nada nos falte.

<sup>84</sup> Cf. 1C 49-50.

## CAPÍTULO XVI

**Como ele, por divina inspiração, soube do desejo de dois irmãos e como saiu da cela para os abençoar**

45. <sup>1</sup>Costumava S. Francisco passar o dia inteiro numa cela apartada dos irmãos e não voltava para junto deles senão vencido pela fome <sup>2</sup>e nunca a horas precisas, pois muito mais exigente era nele a fome de contemplação que o absorvia por inteiro.

<sup>3</sup>Um dia, chegaram de longe ao lugar de Greccio dois irmãos que viviam em santa conversação com Deus. <sup>4</sup>O único motivo da viagem era verem o santo Pai e receberem dele a bênção que de há muito desejavam. <sup>5</sup>Mas, não o encontrando ao chegarem, por se ter retirado para a cela, ficaram deveras entristecidos. <sup>6</sup>E como, por outra parte, a incerteza de quando sairia supunha uma longa espera, dali retiram desolados e abatidos, atribuindo a culpa do fracasso ao facto de o merecerem. <sup>7</sup>Iam eles apenas à distância de uma pedrada, acompanhados de alguns irmãos que moravam com o bem-aventurado Francisco e os desejavam confortar do insucesso, quando ouviram o Santo chamá-los e dizer a um dos companheiros que estava com ele: <sup>8</sup>«Vai dizer àqueles meus irmãos que aqui vieram que se voltem para mim». <sup>9</sup>E quando os irmãos se voltaram para o ver, traçou sobre eles o sinal da cruz, abençoando-os enternecidamente. <sup>10</sup>Ficaram tanto mais contentes, quanto mais vantajosamente, mercê de um milagre, alcançaram o que pretendiam. E com isto voltaram para casa louvando e bendizendo o Senhor.

## CAPÍTULO XVII

**Como, por sua oração, brotou água duma rocha e a deu a beber a um aldeão**

46. <sup>1</sup>Uma vez, quis o bem-aventurado Francisco ir a certo ermitério<sup>85</sup> para nele se entregar mais livremente à contemplação.

---

<sup>85</sup> O ermitério do Monte Alverne, segundo Bartolomeu de Pisa (AF 4 p. 38.).

Como se sentisse sem forças, obteve de um pobre um jumento para a viagem. <sup>2</sup> Era tempo de calor, e o camponês, fatigado com a longa e escabrosa caminhada atrás de Santo, desfaleceu de sede antes de chegar ao destino. <sup>3</sup> Ficando para trás, pôs-se a gritar pelo Santo, suplicando se compadecesse dele e o reanimasse com um pouco de água, se o não queria ver morto. <sup>4</sup> O santo de Deus, sempre compassivo, apeou-se imediatamente do jumento e, de joelhos em terra, ergueu as mãos ao céu e não cessou de orar enquanto se não viu atendido. <sup>5</sup> «Vai depressa – disse ao aldeão –, que ali mesmo encontrarás uma fonte, que a misericórdia de Cristo fez brotar agora mesmo do rochedo para te matar a sede».

<sup>6</sup> Estupenda condescendência a do Senhor, que tão facilmente se inclina aos rogos dos seus servos! <sup>7</sup> Um aldeão pôde beber da água que a virtude de um homem em oração fez brotar da rocha viva! <sup>8</sup> E água nunca ali a vira alguém, nem alguma vez a descobriu depois, conforme se pôde comprovar escrupulosamente. <sup>9</sup> Mas que espanto há-de causar ver um homem cheio do Espírito Santo reproduzir por sua vez os prodígios que todos os justos realizam? <sup>10</sup> Deve acaso surpreender que um homem unido a Cristo por graças tão singulares realize prodígios semelhantes aos dos outros santos?

## CAPÍTULO XVIII

### **Como alimentou algumas avezinhas e uma delas pereceu por causa da sua voracidade**

47. <sup>1</sup> Estava um dia o bem-aventurado Francisco sentado à mesa com os irmãos, quando lhes apareceu um casal de pintarros em busca de migalhas para sustento dos filhos. Sentindo-se à vontade, todos os dias se apresentam confiadamente. <sup>2</sup> Alegra-se o Santo com as avezinhas, acaricia-as como sempre fazia, e junta-lhes as migalhas que hão-de levar. <sup>3</sup> Um belo dia, o pai e a mãe apresentam os filhitos aos irmãos, como a significar reconhecimento por os terem alimentado, e, confiando-os aos seus cuidados, despedem-se. <sup>4</sup> Os passaritos afazem-se aos irmãos e, pousando-lhes nas mãos, sentem-se no meio deles não como hóspedes mas como de casa. Fogem da vista dos seculares e só aos frades acei-



tam como família. <sup>5</sup> Observa isto o Santo, fica assombrado e convida os irmãos a alegrarem-se. «Vede lá bem – diz ele – do que foram capazes os nossos irmãos pintarroxos. Até parece que têm inteligência! <sup>6</sup> Foi como se nos quisessem dizer: «Aqui tendes, irmãos, os nossos filhinhos, que se alimentaram com as vossas migalhas. <sup>7</sup> Fazei deles o que vos aprouver, que nós nos vamos a construir outro lar». <sup>8</sup> E, tendo-se familiarizado com os irmãos, com eles comiam juntamente.

<sup>9</sup> Mas esta harmonia foi um dia quebrada pela voracidade do maior e mais gordo, quando levou a sua petulância a perseguir os mais pequenos. Comendo ele por prazer até se fartar, impedia os outros de se alimentarem por necessidade. <sup>10</sup> «Olhai – disse o Pai – o que está a fazer este glutão: empanturrado, nem mesmo assim deixa de invejar os irmãos esfomeados. Vai acabar mal, é o mais certo!» <sup>11</sup> A dizer isto o Santo, e logo o castigo. <sup>12</sup> Tendo-se debruçado imprudentemente no rebordo de um cântaro para beber, nele caiu o perturbador da paz fraterna e pereceu afogado. <sup>13</sup> E não houve gato nem animal algum que depois lhe pegasse, amaldiçoado que fora pelo Santo.

<sup>14</sup> Horrendo deve ser o egoísmo nos homens, quando nas aves é assim castigado com tanto rigor. <sup>15</sup> E de temer será igualmente a condenação dos Santos, já que tão prontamente sobrevém o castigo.

## CAPÍTULO XIX

### **Como se cumpriu, ponto por ponto, aquilo que predisse a respeito de frei Bernardo**

**48.** <sup>1</sup> Noutra ocasião, fez ele esta profecia a propósito de frei Bernardo, que foi o segundo a entrar na Ordem: «Sabei que, para provar frei Bernardo, foram destacados os piores e mais astutos de todos os demónios. Contudo, por mais que se esfalfem em fazer cair do céu aquela estrela, o resultado será bem outro. <sup>2</sup> É certo que sofrerá tribulações, tentações e angústias, mas, por fim, de tudo sairá vitorioso». <sup>3</sup> E acrescentou. «Ao aproximar-se a morte, desfeita a borrasca e vencidas todas as tentações, desfrutará de uma paz e serenidade maravilhosas e, terminada a sua carreira na terra, voará ditosamente para Cristo».

<sup>4</sup>De facto, assim foi: estupendos milagres assinalaram o seu passamento e todas as palavras do Santo tiveram plena confirmação, pelo que, morto ele, disseram os irmãos: <sup>5</sup>«Na verdade, enquanto vivia, nem nós o conhecíamos!»

Porém, deixemos a outros o cuidado de cantarem os louvores do irmão Bernardo.

## CAPÍTULO XX

### **De um irmão que desejava possuir alguma coisa escrita pelo punho do Santo**

**49.** <sup>1</sup>Sucedeu isto quando vivia o Santo no Monte Alverne, retirado em sua cela. Um dos companheiros desejava com muito afã possuir, escritas pelo punho do Santo, algumas palavras do Senhor acompanhadas de breve anotação, de modo a servirem-lhe de conforto espiritual. <sup>2</sup>Julgava ele, com efeito, que dessa forma lhe desapareceria, ou pelo menos se atenuaria, uma tentação molesta – não da carne mas do espírito – que deveras o atormentava. <sup>3</sup>Ainda que muito se consumia em tal desejo, custava-lhe manifestá-lo ao Pai santíssimo; porém, o que a desolada criatura não conseguia dizer, veio o Espírito a manifestá-lo por ele.

<sup>4</sup>E, assim, um dia, o bem-aventurado Francisco chama o irmão e diz-lhe: «Traz-me papel e tinta, porque desejo escrever umas palavras do Senhor e os louvores que meditei em meu coração». <sup>5</sup>Tendo recebido o que pedira, escreveu pelo seu punho os louvores de Deus e as palavras que entendeu, terminadas as quais redigiu a bênção para o irmão, a quem finalmente disse: «Toma para ti este pequeno pergaminho e conserva-o cuidadosamente até ao dia da tua morte». <sup>6</sup>No mesmo instante lhe desapareceu por completo a tentação e, conservando o escrito, veio este a operar depois coisas maravilhosas<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> O companheiro de Francisco é Frei Leão e o pergaminho com a bênção autografada foi escrito em Setembro de 1224, pouco depois da estigmatização, e conserva-se ainda hoje no Sacro Convento de Assis.

## CAPÍTULO XXI

**Como, para contentar o mesmo irmão, lhe deu a túnica**

**50.** <sup>1</sup> Com o mesmo irmão ocorreu um outro facto maravilhoso. <sup>2</sup> Estando doente o Santo no palácio episcopal de Assis, o mencionado irmão pensou de si para consigo: «Está o Pai a morrer. <sup>3</sup> Que sorte a minha se, uma vez falecido, eu puder dispor da túnica do meu Pai!» <sup>4</sup> Como se o desejo do coração fosse um pedido feito de viva voz, chama-o quase logo o bem-aventurado Francisco e diz-lhe: <sup>5</sup> «Deixo-te esta túnica; aceita-a. Usá-la-ei ainda enquanto estiver vivo, mas depois passará a ser tua, quando eu morrer». <sup>6</sup> Admirado o irmão com a profunda penetração do Pai e finalmente consolado, aceitou a túnica, a qual, mais tarde, por santa devoção, foi levada para França<sup>87</sup>.

## CAPÍTULO XXII

**Do ramo de salsa que foi apanhado à noite, a seu pedido**

**51.** <sup>1</sup> Já pelo fim da sua enfermidade, apeteceu-lhe certa noite comer um pouco de salsa<sup>88</sup> e pediu-a com toda a humildade. <sup>2</sup> Chamado o cozinheiro para que lha levasse, advertiu este que a hora era má, e que o mais certo seria não dar com ela, na horta. «Todos estes dias a tenho apanhado – disse – e há tão pouca neste momento que, mesmo de dia, teria dificuldade em a descobrir, quanto mais agora, já noite cerrada! Seria impossível distingui-la das outras plantas».

<sup>3</sup> «Vai, irmão, e não te agastes tanto, que não é nada do outro mundo – replicou o Santo – . <sup>4</sup> Deita a mão às primeiras ervas que encontrares e traz-mas». <sup>5</sup> Foi-se o irmão à horta e, arrancando às

---

<sup>87</sup> Frei Leão morreu em 1271.

<sup>88</sup> Na antiguidade, esta planta umbelífera, de seiva vigorosa, era utilizada para reanimar os moribundos (e é este o caso). Daí o dizer-se: «está a precisar de salsa», que o mesmo é dizer: «está para morrer» (PLUTARCO, *Morales*, 676; DIODORO DA SICILIA, XVI, 79). O episódio ocorreu no começo da última semana de vida de Francisco, e a horta era a do palácio do bispo de Assis.

cegas as ervas que primeiro lhe vieram à mão, trouxe-as para casa. Observam os irmãos as ervas recolhidas, revolvem-nas com atenção e descobrem no meio delas um riquíssimo ramo de salsa fresca e viçosa.

<sup>6</sup>Pouco ou nada comeu o Santo, mas tanto bastou para se sentir reanimado. <sup>7</sup>«Amadíssimos irmãos – disse-lhes depois – cumpri as ordens logo à primeira palavra dada, sem esperardes que vo-las repitam. <sup>8</sup>E não vos escuseis, a pretexto de que é impossível cumpri-las, pois ainda que uma ordem seja acima das vossas forças, não faltarão forças à obediência, que as tem próprias».

<sup>9</sup>Por este exemplo se poderá ver até que ponto o Espírito do Senhor o dotou do espírito de profecia.

## CAPÍTULO XXIII

### **Profetiza a fome para depois da sua morte**

**52.** <sup>1</sup>Por vezes, sob o impulso do Espírito Santo, revelam os santos, bem contra sua vontade, as prerrogativas de que são beneficiários, ou porque a glória de Deus lhes exige que confidenciem o que sabem, ou porque a isso os força a caridade, para edificação do próximo. <sup>2</sup>Foi certamente por esse motivo que, um dia, falando o bem-aventurado Pai com um irmão, a quem distinguia com particular afecto, lhe contou isto mesmo que acabava de conhecer na intimidade familiar com a majestade divina. <sup>3</sup>«Há hoje na terra – disse – um servo de Deus por quem o Senhor não permitirá que a fome se abata sobre a humanidade, enquanto ele viver».

<sup>4</sup>Não houve, ao dizê-lo, qualquer assomo de vaidade. Só a caridade, que não busca o próprio interesse<sup>89</sup>, o levava a tais revelações para nossa edificação, usando sempre palavras santas e modestas. Importava, de resto, não ocultar num silêncio inútil a prerrogativa singular de tão espantoso amor de Cristo a seu servo.

<sup>5</sup>Testemunhas oculares, todos sabemos como foram calmos e pacíficos os tempos em que viveu neste mundo o servo de Cristo e como foram fecundos em toda a espécie de bens. <sup>6</sup>Não se padecia

---

<sup>89</sup> 1Cor 13, 5.

fome da palavra de Deus, porque os pregadores andavam cheios de santo entusiasmo e os corações dos que os ouviam eram gratos ao Senhor.<sup>7</sup> Os que vestiam o hábito religioso refulgiam em exemplos de santidade. A hipocrisia dos sepulcros branqueados ainda não tinha contagiado as almas santas, nem os ensinamentos dos que sabem mascarar-se havia despertado excessiva curiosidade.<sup>8</sup> E como todos amavam tão sinceramente os bens eternos, era justo que abundassem igualmente em bens materiais.

**53.** <sup>1</sup> Mas, com a sua morte, inverteu-se por completo a ordem das coisas. Estalaram por toda a parte guerras e contendas, e muitos reinos foram devastados por mortandades de toda a espécie<sup>90</sup>. <sup>2</sup> Até o flagelo da carestia e da fome se espalhou ao longe e ao largo, causando com a sua crueldade, superior a todos os males, um número incontável de vítimas<sup>91</sup>. <sup>3</sup> A carestia tudo transformou em alimento, de modo que pelos dentes dos homens passou o que nem aos animais se costuma dar. <sup>4</sup> Chegou-se a meter no pão cascas de nozes e de árvores trituradas. E de certo pai veio a constar (sendo muitos a testemunhá-lo) que, torturado pela fome, longe de chorar a morte do filho, por ela se felicitou.

<sup>5</sup> Mas, para que se soubesse claramente quem era o «servo fiel», por amor de quem a divina cólera detivera o braço vingador, apareceu o bem-aventurado pai Francisco alguns dias após a sua morte ao mesmo irmão a quem anunciara o flagelo, e manifestou-lhe claramente ser ele o servo de Deus de quem havia falado.

<sup>6</sup> De facto, certa noite, enquanto dormia, alguém chama por este irmão em alta voz: «Irmão, está aí a fome que durante a minha

---

<sup>90</sup> Há algum exagero nesta expressão. Quando da partida de Frederico II para a terra santa, algumas forças imperiais, em 1227, atacaram Marca de Ancona e o ducado de Espoleto, que estavam debaixo da autoridade do Papa. Em resposta, o exército papal atacou Nápoles, que dependia do imperador. Assim começou a guerra que se estendeu a outras regiões.

<sup>91</sup> Foi durante o conflito entre Gregório IX e Frederico II que apareceu a fome no centro de Itália. Salimbene conta na sua *Chronica* (ed. HOLDER-EGGER p. 35): «O preço do trigo corrente oscilava entre 12 e 15 soldos imperiais o sextário; uma libra de carne de porco, 13 soldos...» (O sextário de trigo dava para amassar sete pães, ração semanal para um indivíduo; o soldo imperial equivalia a 70 ou 80 gramas de ouro).

vida o Senhor afastou da terra!» <sup>7</sup> Acordado por esta voz, o irmão referiu depois o acontecido. <sup>8</sup> Três noites volvidas, novamente lhe apareceu o Santo e repetiu-lhe a mesma coisa.

## CAPÍTULO XXIV

### **A clarividência do Santo e a nossa ignorância**

**54.** <sup>1</sup> A ninguém deve surpreender que este profeta do nosso tempo haja sido distinguido com tão singulares privilégios: a sua inteligência, liberta das opacas ocupações terrenas e das solicitações carnavais, voava ligeira para as alturas da verdade suprema e a sua pureza franqueava-lhe vastos e límpidos oceanos de luz. <sup>2</sup> Iluminado pelos esplendores da eterna claridade, recolhia da Palavra incriada a mensagem que as palavras traduziam logo em seguida.

<sup>3</sup> Como somos diferentes, hoje! Envoltos em trevas, até as coisas necessárias ignoramos!

<sup>4</sup> E qual a causa senão porque, complacentes também nós com a carne, nos cobrimos do pó dos mundanos? <sup>5</sup> Se, pelo contrário, erguêssemos o coração e as mãos ao céu, se estabelecêssemos a nossa morada no âmago das realidades eternas, talvez viéssemos a conhecer aquilo que ignoramos: Deus e nós próprios.

<sup>6</sup> Quem vive na lama, só lama vê, fatalmente; mas aos olhos que se voltam para o céu é impossível não verem senão as coisas do céu.

## A POBREZA

## CAPÍTULO XXV

### **Em louvor da Pobreza**

**55.** <sup>1</sup> Enquanto viveu neste vale de lágrimas, o bem-aventurado Pai desprezava as pobres riquezas que são o património dos filhos dos homens e, aspirando a mais alta glória, ambicionava de todo o coração a pobreza. <sup>2</sup> Verificando como era tão estimada pelo Filho

de Deus e como todos a repudiavam, desejou desposá-la com amor eterno. <sup>3</sup>Enamorado como andava da sua beleza, e querendo viver mais estreitamente unido a sua esposa, a fim de serem os dois um só e único espírito, <sup>4</sup>não só abandonou o pai e a mãe, como se desprende de todas as coisas. <sup>5</sup>Abraçou-a ternamente e nem por um instante deixou de lhe ser fiel<sup>92</sup>. Ensinava aos filhos que ela é o caminho da perfeição e o penhor das riquezas eternas.

<sup>6</sup>Nunca ninguém foi tão ambicioso do ouro como ele o foi da pobreza; nem que melhor guardasse um tesouro do que ele esta pérola evangélica. <sup>7</sup>Nada ofendia tanto o seu olhar como ver entre os irmãos, quer nos conventos, quer fora deles, alguma coisa contrária à pobreza.

<sup>8</sup>Desde o início da sua vida religiosa até à sua morte, teve como única riqueza uma pobre túnica, um cordão, umas bragas<sup>93</sup> e nada mais. <sup>9</sup>O seu hábito pobre dizia bem eloquentemente não ser na terra que juntava riquezas. <sup>10</sup>Por isso, vivia contente e seguro; por isso podia correr expedito, porque desembaraçado de tudo; por isso se sentia feliz, porque definitivamente trocadas as riquezas perecíveis por um bem mil vezes maior.

## A POBREZA DAS CASAS

### CAPÍTULO XXVI

**56.** <sup>1</sup>Ensinava os seus irmãos a construírem habitações pequenas e pobres, de madeira e não de pedra, choupanas diríamos, de aspecto rústico e precário. <sup>2</sup>Frequentemente, falando da pobreza, recordava aos irmãos o dito evangélico: «As raposas têm as suas

---

<sup>92</sup> Todo este trecho é indubitavelmente inspirado (tal como o magnífico canto XI do *Paraíso* de Dante) no *Sacrum Commercium*.

<sup>93</sup> Preferi este vocábulo para indicar a única peça de roupa que então se usava por baixo de outra veste e chegava até aos joelhos, ainda que historicamente não corresponda com exactidão ao literal *femuralia*. Aceita-se que tal vocábulo já não seja do uso corrente; todavia, ainda hoje, por não se ter bragas (pejo, contenção verbal) é que se é *desbragado* e se cometem *desbragamentos*.

tocas e os pássaros do céu os seus ninhos, mas o Filho de Deus não tem onde reclinar a cabeça»<sup>94</sup>.

## CAPÍTULO XXVII

### **Como se demoliu uma casa perto da Porciúncula**

**57.** <sup>1</sup> Ia ser celebrado um Capítulo junto de Santa Maria da Porciúncula. Aproximava-se o tempo fixado, e o povo de Assis, verificando não haver onde o pudessem celebrar condignamente, construiu uma casa a toda a pressa, sem que o soubesse o homem de Deus, então ausente. <sup>2</sup> Quando o Pai voltou e viu o edifício, ficou deveras triste e ofendido. <sup>3</sup> Sentindo o dever de o demolir imediatamente, trepou ao telhado e, com mão vigorosa, fez voar telhas e tijolos. <sup>4</sup> Deu ordem aos irmãos para subirem também eles e acabarem de vez com semelhante monstro, tão avesso à pobreza. <sup>6</sup> Dizia ele que tudo quanto ali<sup>95</sup> fosse consentido de pretensioso e atentatório da pobreza, cedo se espalharia por toda a Ordem e viria a ser tomado como exemplo para todos.

<sup>7</sup> E tê-la-ia arrasado por completo, até aos caboucos, se os soldados presentes não se tivessem interposto para lhe dominarem os ímpetos e não declarassem que ela pertencia à Comuna e não aos frades<sup>96</sup>.

## CAPÍTULO XXVIII

### **Como, por ordem sua, até os doentes tiveram que ser evacuados da casa de Bolonha**

**58.** <sup>1</sup> Voltando ele um dia de Verona com o propósito de passar por Bolonha, ouviu dizer que tinham construído recentemente nesta cidade uma nova casa dos irmãos. <sup>2</sup> Ao ouvir falar em «casa

---

<sup>94</sup> Mt 8, 28; Lc 9, 50. Em ambos os textos se lê «o Filho do Homem».

<sup>95</sup> A Porciúncula era considerada como o berço e modelo da Ordem, porque os postulantes eram ali recebidos à Religião (LP 56) e ali se reuniam todos os irmãos para o Capítulo do Pentecostes.

<sup>96</sup> Cf. 2C 18 e 59.



de irmãos», mudou logo de rumo, afastou-se de Bolonha e mandou recado aos frades para dela saírem imediatamente.<sup>3</sup> Abandonaram estes a moradia e nem sequer lá ficaram os doentes, pois também eles foram mandados retirar, juntamente com os demais.

<sup>4</sup>E não lhes foi dada licença de para lá voltarem, enquanto o senhor Hugolino, então bispo de Óstia e legado na Lombardia<sup>97</sup>, não declarou publicamente, durante o sermão, que a casa lhe pertencia a ele.

<sup>5</sup>Quem isto refere e testemunha é precisamente um dos doentes evacuados nessa ocasião<sup>98</sup>.

## CAPÍTULO XXIX

### **Como ele não quis habitar uma cela por a considerarem sua**

**59.** <sup>1</sup>Não queria que os irmãos habitassem em lugar algum, por exíguo que fosse, sem primeiro se assegurarem de que era pertença de um determinado proprietário. <sup>2</sup>Quis sempre nos seus filhos a condição de peregrinos. Como tais, deviam acolher-se a tecto alheio, caminhar pacificamente de um lado para outro e suspirar pela pátria.

<sup>3</sup>Ora sucedeu que um irmão do ermitério de Sartiano, tendo perguntado a outro donde vinha e ele tivesse respondido que da cela do irmão Francisco, este, ao ouvi-lo, replicou: <sup>4</sup>«Já que puseste a cela em nome de Francisco, atribuindo-me a sua propriedade, procura um outro que nela habite, que eu já não a quero daqui por diante». <sup>5</sup>E observou: «Durante os quarenta dias que o Senhor estive no deserto a orar e a jejuar, não quis para Si nem cela nem casa, antes tomou por abrigo uma lapa do monte. <sup>6</sup>Ora nós, se é certo que não podemos viver sem fazer uso de habitações, também não podemos deixar de imitar o Senhor, conforme a Regra no-lo prescreve, recusando ao menos qualquer propriedade sobre elas».

---

<sup>97</sup> O caso ocorreu, sem qualquer dúvida, em 1221.

<sup>98</sup> Esta «vítima» seria certamente a pessoa de quem ele recebeu a notícia, e não o próprio Tomás de Celano. Talvez Frei Leão ou qualquer outro religioso.

## POBREZA DAS COISAS

## CAPÍTULO XXX

**60.** <sup>1</sup>Este homem não só aborrecia a ostentação nas casas como detestava profundamente a abundância e afectação no recheio das mesmas. <sup>2</sup>Não via com bons olhos que as mesas e o que nelas se punha lembrassem o mundo. Tudo devia proclamar – cantar mesmo – a sua condição de peregrinos e exilados.

## CAPÍTULO XXXI

**O episódio da mesa preparada no dia de Páscoa  
em Greccio, e como, a exemplo de Cristo, ele se  
apresentou como peregrino**

**61.** <sup>1</sup>Um dia de Páscoa, tinham os irmãos do ermitério de Greccio preparado a mesa com mais esmero que o habitual, com toalhas brancas e copos de vidro. <sup>2</sup>Baixa da cela o Pai e vai também ele para a mesa. <sup>3</sup>Mas se a mesa, levantada do chão e ostentadamente decorada, toda ela ri, ele, ao vê-la, é que não sorri sequer. Dissimuladamente, pé ante pé, esgueira-se, enfia na cabeça o chapeirão de um pobre ali casualmente presente, pega de um bordão e desaparece. <sup>4</sup>Uma vez fora, de pé e voltado para a porta, espera que os irmãos comecem a refeição, conforme estavam habituados a fazer, sempre que ele não aparecia ao sinal de chamada.

<sup>5</sup>Principiada a refeição, o pobrezinho de verdade bate à porta e suplica: «Uma esmola, por amor do Senhor Deus! Sou um peregrino pobre e doente!». <sup>6</sup>Respondem de dentro os irmãos: «Homem, entra, por amor d'Aquele a quem invocaste!». <sup>7</sup>Entrando imediatamente, apresenta-se aos comensais. <sup>8</sup>Qual não terá sido o espanto de tão acomodados cidadãos, ao verem entrar o peregrino<sup>99</sup>! <sup>9</sup>A seu pedido, é-lhe dada uma escudela, e ele, sentado sozinho no chão, coloca o prato sobre um monte de cinza e ex-

---

<sup>99</sup> *Cidadão*: sentado, instalado, em oposição a *peregrino*, que é a condição do irmão menor.

clama: <sup>10</sup> «Agora, sim, que estou sentado como um verdadeiro frade menor»<sup>100</sup>. E, voltando-se para os irmãos, acrescentou: «Mais do que todos os outros religiosos, devemos ser sensíveis aos exemplos de pobreza que nos deixou o Filho de Deus. <sup>11</sup> Vi esta mesa abastecida e enfeitada e não reconheci nela a mesa dos pobres, que esmolam de porta em porta».

<sup>12</sup> Todo o desenvolvimento deste caso patenteia claramente a semelhança do santo Pai com aquele outro peregrino que ficou sozinho em Jerusalém no mesmo dia de Páscoa, e que, apenas falou, deixou abrasados os corações dos discípulos<sup>101</sup>.

## CAPÍTULO XXXII

### Contra o desejo imoderado dos livros

**62.** <sup>1</sup> Ensinava também que nos livros se deve buscar o testemunho do Senhor e não o seu valor material; a edificação e não a sua aparência. <sup>2</sup> Queria que fossem poucos e estivessem sempre à disposição dos irmãos que deles precisassem<sup>102</sup>.

<sup>3</sup> Por isso, certo ministro, que um dia lhe pediu licença para ter a seu uso uns quantos livros de grande valor, obteve esta resposta: «Por causa dos teus livros não quero eu perder o livro do Evangelho que prometi observar. <sup>4</sup> Faz como entenderes; só não quero que a minha licença te venha a causar engulhos»<sup>103</sup>.

---

<sup>100</sup> Sabe-se pela LP 32, que, na Porciúncula, conformando-se os irmãos com o exemplo e vontade do santo Pai enquanto viveu, se sentavam no chão para comer.

<sup>101</sup> Alusão ao episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24, 23).

<sup>102</sup> Cf. 1 C 180.

<sup>103</sup> A LP 69 relaciona o episódio com uma discussão referente à passagem da Regra em que se reproduz a proibição evangélica: *Não leveis nada para o caminho* (1R 14, 1).

## DA POBREZA NOS LEITOS

## CAPÍTULO XXXIII

**Um episódio da vida do Senhor de Óstia e a sua edificação**

**63.** <sup>1</sup>Tão opulenta e copiosa era a pobreza nos leitos que, se alguém tivesse por cima das palhas algum mísero pano cotiado, cuidava possuir um sumptuoso leito nupcial.

<sup>2</sup>Ora aconteceu que, durante um Capítulo em Santa Maria da Porciúncula, o senhor bispo de Óstia apareceu ali com numeroso séquito de cavaleiros e clérigos de visita aos irmãos. <sup>3</sup>Vendo como estes dormiam no chão, e observando as enxergas, que mais pareciam jazidas de animais, desfez-se em lágrimas e disse diante de todos: <sup>4</sup>«Vede bem onde dormem os irmãos!» E acrescentou: «Que será de nós, miseráveis, que vivemos abusivamente de tantas coisas supérfluas?». <sup>5</sup>E, compungidos até às lágrimas, todos retiraram edificados.

<sup>6</sup>Este foi aquele senhor ostiense que, tendo chegado a ser finalmente a porta principal da Igreja, resistiu sempre ao assalto dos inimigos, até ao dia em que rendeu ao céu, como hóstia santa, a sua ditosa alma<sup>104</sup>.

<sup>7</sup>Coração generoso, entranhas de caridade! Tendo subido tão alto, lamentava-se de não serem tão elevados os seus merecimentos, quando, na realidade, ele se encontrava em mais sublime altura pelas virtudes que praticava do que pela dignidade que o revestia.

## CAPÍTULO XXXIV

**O que aconteceu certa noite por causa de uma almofada de penas**

**64.** <sup>1</sup>Já que de leitos falamos, ocorre-me um outro episódio que talvez interesse contar.

---

<sup>104</sup> Aliteraões que muito deliciavam os leitores medievais: *Ostiensis* (nome de sede episcopal), *ostium* (porta), *hostibus* (inimigos), *hostia* (vítima).

<sup>2</sup>Desde que, a Cristo convertido, votara ao esquecimento as coisas do mundo, jamais o Santo se quis deitar em colchão algum ou usar almofadas de penas para a cabeça. <sup>3</sup>Nem a doença nem a hospitalidade aceite em casa alheia bastavam para abater as barreiras de uma tal severidade.

<sup>4</sup>Aconteceu-lhe, porém, que estando ele no ermitério de Grecio e encontrando-se particularmente doente dos olhos, foi obrigado, contra sua vontade, a fazer uso de uma pequena almofada<sup>105</sup>.

<sup>5</sup>Na madrugada da primeira noite, chama o Santo o companheiro e diz-lhe: «Irmão, esta noite não consegui dormir, nem levantar-me para rezar. <sup>6</sup>Sinto vertigens na cabeça, os joelhos fraquejam-me e todo o corpo me treme como se tivesse comido um pão de joio<sup>106</sup>. <sup>7</sup>Tenho para mim – acrescentou – que é o demónio que se esconde na almofada. <sup>8</sup>Leva-ma daqui, que eu não quero ver mais o demónio à minha cabeceira». E levaram-lhe a almofada.

<sup>9</sup>Procura o irmão consolar o Pai, que continua a lamuriar-se em voz baixa, apara a almofada que lhe é atirada e leva-a consigo. <sup>10</sup>Porém, ao sair o irmão da cela, perde imediatamente a fala e apossa-se dele um tal pavor que não consegue dar mais um passo nem articular os braços.

<sup>11</sup>Pouco depois chama por ele o Santo, que se dera conta do facto, e, recobrados os movimentos, refere-lhe o irmão o sucedido. <sup>12</sup>Disse-lhe o Santo: «Ontem, à noite, rezando eu completas, tive a nítida percepção de que o demónio me tinha entrado na cela». <sup>13</sup>E mais acrescentou: «O nosso inimigo é muito matreiro e subtil, e, quando não pode fazer-nos mal dentro da alma, dá-nos ao corpo ocasião de se queixar».

<sup>14</sup>Reflectam nisto os que se aconchegam entre almofadinhas de todos os lados, de modo que, para onde quer que tombem, tenham sempre brandos apoios. <sup>15</sup>O diabo compraz-se em rondar de perto

---

<sup>105</sup> Que lhe tinha sido comprada pelo senhor João de Greccio (LP 94).

<sup>106</sup> O joio (em latim *ebriaca*: que embriaga) contém um componente narcótico. Certas espécies são mesmo tóxicas, como o *lolium temulentum*, que é exactamente o termo usado aqui por Celano. Os sintomas descritos por S. Francisco correspondem justamente aos de uma intoxicação alimentar: cefaleia, contracção espasmódica dos músculos, formigueiro, acessos convulsos...

a muita riqueza e fazer guarda aos leitos sumptuosos, sobretudo quando o conforto excede a necessidade e está em contradição com a vida professada. <sup>16</sup> Todavia, não é menos verdade que a serpe antiga foge do homem inteiramente despojado, ou porque desdenha privar com os pobres, ou porque lhe causa horror a excelência da pobreza. <sup>17</sup> Se os irmãos se convencerem de que o diabo pode esconder-se entre plumas, contentes se deitarão entre palhas.

## EXEMPLOS DE AVERSÃO AO DINHEIRO

### CAPÍTULO XXXV

#### **Severa correcção de um irmão que tocou no dinheiro com as mãos**

**65.** <sup>1</sup> Sumamente enamorado de Deus, testemunhava o mais soberano desprezo por todas as vaidades do mundo, mas o que mais execrava era o dinheiro. <sup>2</sup> Já desde o princípio da sua conversão o tinha por objecto e recomendava aos seus que o evitassem como ao demónio em pessoa. <sup>3</sup> E isto lhes propunha: que o tivessem na mesma conta e apreço que ao esterco.

<sup>4</sup> Entrando um dia um secular na igreja de Santa Maria da Porciúncula, depôs este, junto da cruz, uma oferta em dinheiro. <sup>5</sup> Depois de o secular ter saído, foi-se ao dinheiro um irmão e, depois de o juntar, com toda a simplicidade o lançou para o desvão da janela. <sup>6</sup> Chega o caso ao conhecimento do Santo, e o frade, vendo-se descoberto, corre para ele a pedir perdão, cai-lhe aos pés e mostra-se pronto a receber o castigo. <sup>7</sup> O Santo repreende-o asperamente por ter ousado tocar no dinheiro, obriga-o a recolhê-lo com a boca do lugar onde o tinha posto e, sempre com a boca, a depô-lo em cima do esterco de um asno, fora do recinto do convento. <sup>8</sup> E enquanto o irmão cumpre de bom grado a ordem recebida, ficam os outros cheios de temor, <sup>9</sup> aprendem a desprezar ainda mais o que ali viam rebaixado ao nível do esterco, e todos os dias se vêem encorajados a esta aversão com renovados exemplos.

## CAPÍTULO XXXVI

**Castigo de um irmão que, um dia, apanhou  
uma moeda no caminho**

**66.** <sup>1</sup>Uma vez, seguiam juntos dois irmãos, quando, já perto de uma leprosaria, encontraram dinheiro no caminho. <sup>2</sup>Parando, discutem sobre o destino a dar àquele esterco. <sup>3</sup>Um deles, rindo-se dos escrúpulos do companheiro, abaixa-se para o recolher e entregar aos que ali mesmo cuidavam dos leprosos. <sup>4</sup>Mas o companheiro interrompe-o, explica-lhe que está a ser induzido por falaciosa piedade, e, ao mesmo tempo, recorda ao temerário a prescrição da Regra, segundo a qual o dinheiro deve ser calcado aos pés como se calca o pó do caminho<sup>107</sup>. <sup>5</sup>Apesar disso, o outro, que sempre foi obstinado por natureza, recusa as advertências e, desprezando a Regra, acaba por se abaixar e recolher a moeda. <sup>6</sup>Mas não pôde escapar à vingança divina: imediatamente perde a fala, põe-se a matraquear os dentes e não consegue dizer palavra.

<sup>7</sup>Deste modo, o castigo pôs em evidência aquela insânia, e o soberbo punido aprendeu a obedecer às leis do Pai. <sup>8</sup>Por fim, desembaraçado já de tal pestilência e purificados os lábios pecadores nas águas do sacramento do perdão, abriram-se estes aos louvores de Deus que o tinha castigado. <sup>9</sup>Bem diz o velho adágio: «Corrige o néscio e terás um amigo».

## CAPÍTULO XXXVII

**Censuras a um irmão que, a pretexto de necessidade,  
queria guardar dinheiro**

**67.** <sup>1</sup>Verificando o Vigário do Santo, frei Pedro Catânio, serem em grande número os irmãos forasteiros de visita a Santa Maria da Porciúncula e não bastarem as esmolos para ocorrer às necessidades de todos, disse a S. Francisco: «Já não sei que fazer, irmão. É tal a chusma de confrades que de toda a parte nos visitam,

---

<sup>107</sup> Cf. IR 8, 7-8.

que já não tenho com que prover às suas necessidades. <sup>2</sup>Peço-te que me seja permitido receber e reservar os bens dos noviços que entram na Ordem, para a eles recorrer sempre que necessário».

– <sup>3</sup>«Irmão caríssimo – respondeu o Santo –, Deus nos livre de semelhante piedade: que, para servirmos um homem, seja quem for, queiramos atentar impiamente contra a Regra.

– Que devo então fazer?

– <sup>4</sup>Se não vês outra maneira de prover às necessidades dos irmãos, vai ao altar da Virgem e despoja-o dos seus ornamentos. <sup>5</sup>Acredita, a Senhora há-de comprazer-se mais em ver despojado o seu altar, para podermos observar o Evangelho do Seu Filho, do que ver adornado o altar e desprezado a Ele. <sup>6</sup>O Senhor nos enviará quem restitua à Mãe o que Ela nos emprestar a nós».

## CAPÍTULO XXXVIII

### **O dinheiro convertido numa serpente**

**68.** <sup>1</sup>Passava uma vez o homem de Deus com o companheiro pela Apúlia quando, já perto de Bari, deu no caminho com uma dessas escarcelas de comerciante, grande e recheada de dinheiro, que nem taleigo abarrotado. <sup>2</sup>Chama o companheiro a atenção do Santo e com insistência o instiga a apanhar e a distribuir o dinheiro pelos pobres. <sup>3</sup>Exalta ademais a compaixão pelos necessitados e louva as obras de misericórdia que se poderiam praticar com tal distribuição. Mas o Santo nega-se em absoluto e afirma tratar-se duma cilada do demónio. «Filho – diz ele –, não nos é lícito tomar o que é dos outros. <sup>4</sup>Dar o que não nos pertence não é acção meritória; é pecado e merece punição».

<sup>5</sup>Afastando-se dali, estugam o passo para chegarem ao destino. Contudo, enganado pela sua piedade pouco iluminada, o confrade não desarma e insiste em propor a transgressão. <sup>6</sup>Condescende o Santo em voltar atrás, não para comprazer com o insensato, mas para lhe dar a conhecer o mistério de Deus. <sup>7</sup>Chama um rapaz que estava ali sentado no poial de um poço, à beira do caminho, para



que, na presença de duas ou três testemunhas<sup>108</sup>, se manifeste o segredo da Trindade Santíssima. <sup>8</sup> Voltam ao sítio da bolsa e lá a vêem, empanturrada de moedas.

<sup>9</sup> Ordena o Santo que ninguém se aproxime: pelo poder da oração é que a astúcia do demónio há-de ser posta a descoberto.

<sup>10</sup> Afastando-se dali coisa de uma pedrada, o Santo entrega-se fervorosamente à oração. <sup>11</sup> Finda esta, e já de novo no local, manda ao companheiro que revire a bolsa.

<sup>12</sup> Teme de pavor o irmão e, tomado não sei de que estranho pressentimento, começa a não ver bem as coisas como antes as via.

<sup>13</sup> Porém, pelo respeito devido à santa obediência, vence decididamente a hesitação e apanha a bolsa. <sup>14</sup> Apenas lhe toca, salta dela um enorme serpentalho, e é quando se patenteia aos olhos do irmão o ardil diabólico.

<sup>15</sup> Comenta o Santo, concluindo: «Para os servos de Deus, irmão, o dinheiro é isto que tu vês, nem mais nem menos: um demónio, uma serpente venenosa».

## A POBREZA NO VESTIR

### CAPÍTULO XXXIX

#### **Reprova o Santo, com suas palavras e exemplo, os que se vestem com refinada delicadeza**

**69.** <sup>1</sup> Revestido com a virtude do alto, era mais o calor da chama divina que por dentro abrasava este homem do que esse outro que, por fora, lhe oferecia a pobre veste com que abrigava o corpo. <sup>2</sup> Execrava os que, na Ordem, usavam roupas a mais e, sem necessidade, as queriam de pano macio. <sup>3</sup> Consultar os sentidos e não a razão para julgar das necessidades era, para ele, manifesto sinal de se haver extinguido o espírito. <sup>4</sup> «Quando uma alma se entibia e perde progressivamente o calor da graça, é fatal que a carne e o sangue exijam ver-se satisfeitos. <sup>5</sup> Se a alma não alcançar

---

<sup>108</sup> Cf. Mt 18, 16.

a sua felicidade, buscará a carne a que lhe é própria. <sup>6</sup>É então que o instinto animal inventa a necessidade, e as exigências da carne se impõem às da consciência». <sup>7</sup>E acrescentava: «Suponhamos um irmão posto em real necessidade: se mostra demasiada pressa em remediá-la e forceja por sair dela, que recompensa há-de receber? <sup>8</sup>Teve certamente ocasião de merecer, mas deu claramente a entender que tal não era do seu agrado». <sup>9</sup>Com estas e semelhantes palavras flagelava ele os que não queriam sofrer a mínima necessidade, pois não as suportar com paciência era, para ele, o mesmo que voltar ao Egito<sup>109</sup>.

<sup>10</sup> Além disso, em nenhum caso consentia que os irmãos tivessem mais de duas túnicas. Admitia, no entanto, que estas pudessem ser reforçadas, cosendo-lhes alguns retalhos. <sup>11</sup>Ordenava que fossem rejeitados com verdadeiro desprezo os tecidos preciosos e censurava asperamente os contraventores. Para os confundir com o seu exemplo, coseu sobre a túnica um pobre retalho de burel já puído, e, mesmo no ponto de morrer, pediu que recobrissem com um pano grosseiro<sup>110</sup> o já pobre saial que lhe serviria de mortalha.

<sup>12</sup> Porém, aos frades que padeciam alguma enfermidade ou necessidade evidente permitia-lhes usarem uma túnica mais macia, directamente sobre o corpo, nunca, todavia, sem que o hábito exterior fosse áspero e vil. <sup>13</sup> «Dias virão – dizia ele – em que se mitigará a tal ponto o rigor da observância e se imporá o relaxamento, que filhos de um pai pobre nem vergonha terão de usar hábitos de pano escarlate<sup>111</sup>, mudando-lhes apenas a cor».

<sup>14</sup> Em nada disto, Pai, nós, teus filhos espúrios, alguma vez te enganámos a ti; a nossa vileza é que a si mesma tenta enganar-se<sup>112</sup>. E isto de dia para dia se vai tornando mais evidente e de mais graves proporções.

---

<sup>109</sup> Alusão ao cap. XI do *Livro dos Números*, em que os hebreus se mostram saudosos das cebolas do Egito e desejam voltar ao que foi simultaneamente, para eles, terra de prazer e de escravidão.

<sup>110</sup> Cf. 3C 6 e EP 112.

<sup>111</sup> *Pano escarlate*: Cf. 1C 8, nt.17

<sup>112</sup> Literalmente: *mentir a si próprio*. O texto cita o SI 26, 12, na versão dificilmente compreensível da VULGATA: *et mentita est iniquitas sibi*.

## CAPÍTULO XL

**Os que se apartam da pobreza serão  
punidos com a miséria**

**70.** <sup>1</sup> Por vezes, o Santo lamentava-se, dizendo: «Na medida em que os irmãos se afastem da pobreza, nessa medida se afastará deles o mundo; buscarão e não encontrarão. <sup>2</sup> Mas se continuarem fiéis à minha senhora, a Dona Pobreza, o mundo os sustentará, pois ao mundo foram dados para cuidarem da sua salvação». <sup>3</sup> E mais: «Há um contrato entre o mundo e os irmãos<sup>113</sup>: estes devem ao mundo o bom exemplo; o mundo deve-lhes a eles o necessário sustento. <sup>4</sup> Se os irmãos, faltando à palavra, lhe negarem o bom exemplo, o mundo, como justo castigo, recusar-lhes-á o seu apoio».

<sup>5</sup> Preocupado com a pobreza, o homem de Deus temia para a sua Ordem um número demasiado grande de frades, pois que até isso podia ser, se não na realidade, ao menos na aparência, um sinal de riqueza. <sup>6</sup> O que o levava a dizer: «Pudesse chegar o dia (e venha ele!) em que o mundo, vendo raramente os irmãos, se admire de serem tão poucos»<sup>114</sup>.

<sup>7</sup> Indissolúvelmente unido à senhora Dona Pobreza, vivia na expectativa do dote que ela lhe havia de trazer um dia, não nesta vida mas na outra. <sup>8</sup> Os salmos que ele cantava com maior alegria e fervor eram os que glorificam a pobreza, como este: «O pobre não ficará abandonado em perpétuo esquecimento»<sup>115</sup>. E este outro: «Os pobres verão a Deus e alegrar-se-ão»<sup>116</sup>.

---

<sup>113</sup> Cf. 1R 9, 10.

<sup>114</sup> Em 1C 27 formula-se o voto exactamente oposto.

<sup>115</sup> SI 9, 19.

<sup>116</sup> SI 58, 33. S. Francisco inseriu este último versículo no seu *Ofício da Paixão*, 14, 5.

## A MENDICÂNCIA

## CAPÍTULO XLI

## Elogio da mendicância

71. <sup>1</sup>O Santo Pai preferia as esmolas recolhidas de porta em porta às que lhe eram oferecidas espontaneamente. <sup>2</sup>Dizia que a vergonha de mendigar é contrária à salvação, embora assegurasse depois ser santo o pudor que não ceifa as pernas ao mendicante. <sup>3</sup>Aprovava o rubor que sobe ao rosto por candidez, não o embaraço que abate e confunde. <sup>4</sup>Para encorajar os seus frades a irem esmolar, dizia-lhes: <sup>5</sup>«Ide, porque os frades menores foram dados ao mundo nesta última hora<sup>117</sup>, para que os eleitos cumpram em seu favor acções dignas de serem premiadas pelo Juiz: «O que fizeste a um destes meus *irmãos menores* a mim o fizeste». <sup>6</sup>Por isso, afirmava que a sua Ordem havia recebido do grande Profeta<sup>118</sup> a singular distinção de uma consagração antecipada<sup>119</sup>, uma vez que a ela se tinha referido de maneira tão explícita.

<sup>7</sup>Por essa razão, ainda, queria ele que os frades morassem, não apenas nas cidades, mas também nos ermitérios, pois aí todos podiam encontrar ocasião de merecer, e os relaxados não teriam com que se desculpar<sup>120</sup>.

---

<sup>117</sup> *Hac novissima hora*. Cf. Mt 20, 10; é o tempo do Juízo. Não é forçoso descobrir aqui um ressaibo de Joaquimismo: a mesma interpretação encontra-se igualmente nas *Cartas de J. de Vitry*

<sup>118</sup> Jesus Cristo. Cf. Lc 16.

<sup>119</sup> *Privilegiare*: conceder alguma imunidade, aprovar.

<sup>120</sup> Quererá Celano referir-se a escusas relativamente à mendicância? A frase com que principia o parágrafo parece sugerir que há situações em que as esmolas voluntariamente oferecidas podem levar os irmãos a não as procurar. Tal poderia acontecer nas cidades; nos ermitérios, pelo contrário, a mendicância era o único meio de subsistência.

## CAPÍTULO XLII

**Do exemplo que o Santo dava, ao pedir esmola**

**72.** <sup>1</sup>Para nunca ofender, minimamente que fosse, a sua santa esposa, a Pobreza, o servo de Deus altíssimo procedia quase sempre deste modo: <sup>2</sup>quando era convidado por algum senhor de maior consideração e previa que este o queria distinguir com uma mesa mais lauta, ia primeiro às casas vizinhas esmolar algum pedaço de pão, e só depois, rico de tanta minguia, corria a sentar-se à mesa.

<sup>3</sup>Perguntando-lhe alguém porque procedia assim, explicou que «não desejava perder pelo feudo de uma hora uma sólida herança para sempre»<sup>121</sup>. <sup>4</sup>«É a pobreza – assegurava – que nos faz herdeiros e reis do reino dos céus, e não as riquezas enganosas»<sup>122</sup>.

## CAPÍTULO XLIII

**Como se comportou em casa do senhor de Óstia  
e a resposta que deu ao bispo**

**73.** <sup>1</sup>Um dia, Francisco foi visitar o papa Gregório, de veneranda memória, quando este era ainda de menor dignidade. Ao aproximar-se a hora da refeição, saiu a mendigar e, no regresso, compôs na mesa do bispo um pequeno monte de pão negro.

<sup>2</sup>Quando isto viu, ficou o bispo não pouco embaraçado, sobretudo por causa dos comensais que tinha convidado pela primeira vez. Mas o Pai, semblante prazenteiro, pegando no pão esmolado, repartiu-o pelos cavaleiros e fâmulos presentes. <sup>3</sup>Todos o receberam com grande respeito, e enquanto uns o comeram, outros o guardavam por devoção.

<sup>4</sup>Terminado o repasto, levantou-se o bispo, chamou aos seus aposentos o homem de Deus e, estendendo-lhe os braços, estreitou-o amorosamente: <sup>5</sup>«Meu irmão, – disse-lhe ele – sabes perfeitamente que esta minha casa é também a tua e de teus ir-

---

<sup>121</sup> Para bem compreender esta frase, há que recordar toda a interpretação «cavaleiresca» do reino de Deus no século XIII.

<sup>122</sup> Cf. 2R 6, 4.

mãos; porque então me envergonhaste, indo primeiro pedir esmola?» <sup>6</sup> Respondeu o Santo: «Pelo contrário, foi uma grande honra que desejei prestar-vos; honrando um Senhor maior ainda, quis honrar-vos também a vós. <sup>7</sup> Porque esse Senhor compra-se com a pobreza, sobretudo com a mendicidade voluntária. <sup>8</sup> E eu, por minha parte, tenho como insigne nobreza e dignidade real seguir um tal Senhor<sup>123</sup> que, sendo rico, se fez pobre por nosso amor». <sup>9</sup> E acrescentou: «É maior o prazer que sinto numa mesa pobre, preparada com poucas esmolas, do que nas sumptuosas, em que o número de pratos é quase incontável».

<sup>10</sup> Ficou o bispo muito edificado e disse ao Santo: «Meu filho, faz o que te parecer melhor, que o Senhor está contigo».

## CAPÍTULO XLIV

### **Pelo exemplo e pela palavra, exorta a pedir esmola**

**74.** <sup>1</sup> Ao princípio, quer para se exercitar a si mesmo na mortificação, quer por compreender o retraimento dos irmãos, ia ele sozinho ao peditório. <sup>2</sup> Mas, observando que alguns esqueciam as exigências da vocação, disse-lhes um dia: «Meus irmãos caríssimos, o Filho de Deus era muito mais nobre do que nós; todavia, fez-se pobre por nosso amor neste mundo<sup>124</sup>. <sup>3</sup> Ora, se foi por seu amor que escolhemos o caminho da pobreza, não devemos ter vergonha de mendigar. <sup>4</sup> Não é decente que os herdeiros do reino sintam vergonha daquilo que, afinal, lhes há-de assegurar a herança do céu. <sup>5</sup> Eu vos afirmo que muitos nobres e sábios virão juntar-se a nós e hão-de sentir-se honrados em esmolar. <sup>6</sup> Portanto, vós, que sois as suas primícias, alegrai-vos e exultai, e jamais receeis cumprir aquilo que haveis de transmitir aos santos que vos hão-de seguir»<sup>125</sup>.

---

<sup>123</sup> Importa reintegrar esta comparação no seu contexto «feudal», para melhor lhe apreciarmos o sabor.

<sup>124</sup> Cf. 2R 6, 3.

<sup>125</sup> Para o Santo, pedir esmola era, acima de tudo, um exercício de humildade. A mendicância fora proibida às Ordens monásticas. Era, portanto, para os religiosos, uma nova forma de viver a pobreza.

## CAPÍTULO XLV

**Repreende um irmão que não queria esmolar**

**75.** <sup>1</sup>Um verdadeiro frade menor – dizia muitas vezes o bem-aventurado Francisco – não devia hesitar nunca em sair ao peditório. <sup>2</sup>«E quanto mais nobre for algum dos seus filhos – observava ele – tanto mais disposto deve estar a fazê-lo, pois que assim verá acrescidos os seus méritos».

<sup>3</sup>Havia em certo lugar um irmão que, para esmolar, ninguém o chamasse, mas para comer valia por quatro. <sup>4</sup>Vendo o Santo que ele era tão amigo do ventre, participando no fruto e não no trabalho dos outros, repreendeu-o um dia com estas palavras: <sup>5</sup>«Segue o teu caminho, irmão mosca! Queres comer o suor dos teus irmãos e ficar ocioso nas obras de Deus. Pareces-te com o irmão zângão, que vê trabalhar as abelhas e quer ser o primeiro a comer-lhes o mel». <sup>6</sup>Vendo esse homem carnal descoberta a sua glotonaria, regressa ao mundo, que na verdade não havia deixado ainda, e saiu da Ordem. <sup>7</sup>Aquele, com quem ninguém contava para esmolar, deixou igualmente de contar no número dos irmãos. Aquele que valia por muitos à mesa, acabou por valer uma legião de demónios.

## CAPÍTULO XLVI

**Como ele foi ao encontro de um irmão que regressava do peditório e lhe beijou o ombro**

**76.** <sup>1</sup>Outra ocasião, regressava um irmão de Assis à Porciúncula com as esmolas mendigadas, quando, quase ao chegar, rompeu a cantar e a louvar o Senhor em alta voz. <sup>2</sup>O Santo, ao ouvi-lo, levanta-se de golpe, corre-lhe ao encontro e, beijando-lhe o ombro, carrega ele próprio com o saco, exclamando: <sup>3</sup>«Bendito seja o meu irmão que parte com presteza, pede com humildade e regressa a cantar».

## CAPÍTULO XLVII

**Como levou alguns cavaleiros a pedirem esmola**

77. <sup>1</sup> Quando o bem-aventurado Francisco, já muito doente e próximo do fim, se encontrava no lugar de Nocera, o povo de Assis, receoso de o perder, enviou uma solene embaixada para o irem buscar, não fosse o caso de outros virem a desfrutar da glória de possuírem o corpo do homem de Deus. <sup>2</sup> Os cavaleiros que o transportavam a cavalo com muita devoção alcançaram um lugar-rejo paupérrimo, chamado Satriano, precisamente à hora em que a fome mais lhes aguçava o apetite. <sup>3</sup> Todavia, por mais que procurassem, nada puderam comprar para comer. Voltaram a ter com Francisco e disseram-lhe: «Tens que nos dar alguma parte do que esmolaste, pois não há aqui nada que se compre».

<sup>4</sup> «Sabeis porque não encontrais nada? – observou o Santo. – É por terdes mais fé nas vossas moscas do que em Deus». (Chamava moscas às moedas). <sup>5</sup> «Voltai de novo às casas onde haveis batido e, oferecendo o amor de Deus em vez do vosso dinheiro, pedi esmola com humildade. <sup>6</sup> Não vos envergonheis, que, depois do pecado, tudo nos é concedido por esmola, e o grande Esmoler reparte prodigamente, com piedosa clemência, por todos os necessitados, tanto dignos como indignos».

<sup>7</sup> Os cavaleiros, vencido o respeito humano, partiram logo a mendigar cheios de decisão e puderam recolher por amor de Deus o que, por dinheiro, não haviam conseguido. <sup>8</sup> Com efeito, todos à compita, davam generosamente do que tinham, com ânimo alegre. A rica pobreza tinha sido mais forte do que a riqueza famélica.

## CAPÍTULO XLVIII

**A perna de galinha transformada em peixe**

78. <sup>1</sup> Esmolar, para Francisco, mais do que buscar o sustento do corpo, era ganhar as almas dos benfeitores. Por isso, ele queria servir de modelo aos outros, tanto na maneira de dar como na de receber.



<sup>2</sup>Aproximando-se ele de Alexandria da Lombardia com a intenção de aí pregar a palavra evangélica, ficou hospedado em casa de um homem temente a Deus e de reconhecida reputação. Convidado a comer de tudo o que lhe pusessem diante (em conformidade, aliás, com o santo Evangelho), acedeu amavelmente, vencido pela gentileza do anfitrião.

<sup>3</sup>Alegre, correu logo o bom do homem a preparar com esmero um belo capão de sete anos<sup>126</sup>, escolhido propositadamente para o servo de Deus. <sup>4</sup>Estava o patriarca dos pobres sentado à mesa entre os familiares em festa, quando, inesperadamente, se apresentou à porta, feito mendigo, um filho de Belial<sup>127</sup>.

<sup>5</sup>Na verdade, o que a este faltava era apenas a divina graça. Para pedir esmola, invocava astuciosamente o amor de Deus com lágrimas na voz.

Apenas o Santo ouve esse nome entre todos bendito, e para ele mais doce que o mel, pega da coxa do capão que lhe haviam servido e dá-a ao mendigo com um naco de pão. Mas que sucede?

<sup>6</sup>Que o desgraçado a guarda para poder desacreditar o Santo.

**79.** <sup>1</sup>No dia seguinte, estando Francisco, como de costume, a pregar a palavra de Deus ao povo reunido, <sup>2</sup>de repente, o malvado atira um berro e exhibe ao mesmo tempo o pedaço de capão para que todos o vejam. <sup>3</sup>«Sabei todos – diz ele em alta grita – quem é esse Francisco que aí está a pregar e vós venerais como santo. Vedes aqui este belo pedaço de carne? Foi ele que mo deu ontem, à noite, quando estava a comer». <sup>4</sup>Todos à uma invectivaram o miserável e lhe lançaram em rosto que estava possesso do demónio. <sup>5</sup>Efectivamente, sustentando ele com afinco ser aquilo um pedaço de carne, o que na realidade todos viam era um peixe. <sup>6</sup>Atónito, face ao prodígio, até o miserável se viu obrigado a reconhecer o que os outros testemunhavam. <sup>7</sup>Por fim, envergonhado, o

---

<sup>126</sup> Alguns consideram errado o «septennem» do texto e crêem dever entender-se «de sete meses», encontrando confirmação para tanto no provérbio francês: «Chapon de huit mois, manger de rois». Creio, mais simplesmente, que se deveria entender: fabulosamente gordo.

<sup>127</sup> Provavelmente, algum filiado numa seita herética que proibia o uso da carne, como os cátaros.

infeliz lavou com a penitência o delito descoberto e, tornando público o seu infame propósito, pediu perdão ao Santo na presença de todos.<sup>8</sup> E, enquanto a carne de capão voltava a ser o que realmente era, voltava a si o pobre transviado.

## OS QUE RENUNCIAM AO MUNDO

### CAPÍTULO XLIX

#### **O caso de um homem que deixou os bens aos parentes e não aos pobres. A censura do Santo.**

**80.** <sup>1</sup> Aos que vinham a pedir a admissão à Ordem ensinava o Santo que, primeiro, deviam apresentar ao mundo «um certificado de repúdio»<sup>128</sup>, ou seja, fazer a Deus a oferta dos seus bens no átrio do templo, antes de a ele se oferecerem no interior do mesmo. <sup>2</sup> Não admitia na Ordem senão os que se despojavam de todos os haveres, sem nada reservarem para si, desse modo cumprindo o santo Evangelho<sup>129</sup>. Assim se observava a palavra evangélica e se impedia o escândalo da reserva de pecúlios<sup>130</sup>.

**81.** <sup>1</sup> Um dia, depois de ter pregado em Marca de Ancona, foi ter com o Santo um homem a pedir-lhe humildemente para entrar na Ordem. <sup>1</sup> «Se queres associar-te aos pobres de Deus – respondeu-lhe o Santo – começa por distribuir os teus bens pelos pobres deste mundo».

<sup>3</sup> A estas palavras, partiu o dito homem, mas, guiado pelo amor da carne, distribuiu os bens pelos seus, nada entregando aos pobres. <sup>4</sup> Quando voltou e deu conta ao Santo de tão deslumbrante largueza, disse-lhe ele com ironia: «Segue o teu caminho, irmão mosca, que ainda não saíste de tua casa nem da tua parentela»<sup>131</sup>.

---

<sup>128</sup> Cf. Mt 5, 31.

<sup>129</sup> Cf. Mt 19, 21, reproduzido em 1R 1.

<sup>130</sup> *Loculi*. Cf. Jo 12, 6; Ex 4, 3.

<sup>131</sup> Gn 12, 1; Act 7, 3.

<sup>5</sup> Dando os bens à tua família, defraudaste os pobres; não és digno de viver entre os pobres que servem a Deus. <sup>6</sup> Começaste pela carne, o que, para um edifício espiritual, é fundamento ruinoso!» <sup>7</sup> Voltando este homem carnal para junto dos seus, reclama os bens que não tinha querido deixar aos pobres e abandona imediatamente qualquer veleidade de perfeição.

<sup>8</sup> Quantos a si próprios se enganam, hoje, com a triste farsa da distribuição dos bens! Pretendem uma vida santa, e começam-na servindo a carne.

<sup>9</sup> Ninguém se consagra a Deus para enriquecer os seus, mas para expiar os próprios pecados e ganhar a vida eterna com o fruto das suas obras.

<sup>10</sup> «E se for o caso de os irmãos passarem necessidade – ensinava ele amiúde –, é aos estranhos que se deve recorrer e não aos postulantes, primeiro para dar exemplo e, depois, para evitar toda a aparência de torpe especulação».

## CAPÍTULO L

### Uma visão relacionada com a pobreza

**82.** <sup>1</sup> Apraz-me contar aqui uma visão de S. Francisco, bem digna de ser recordada. <sup>2</sup> Uma noite, após longa oração, sonolento, acabou por adormecer. <sup>3</sup> É a sua alma santa introduzida no santuário de Deus e, em sonhos, vê, entre outras coisas, uma dama com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre de cristal e pernas de ferro. Era alta, esbelta e bem proporcionada. <sup>4</sup> Contudo, sendo de beleza tão singular, aparecia envolta num manto miserável. <sup>5</sup> Ao levantar-se pela manhã, o bem-aventurado Pai refere a visão ao irmão Pacífico, homem de grande santidade de vida, mas não lhe revela o significado.

<sup>6</sup> Ainda que muitos o interpretaram à sua maneira, não me parece descabido manter a interpretação do mencionado Pacífico, sugerida pelo Espírito Santo.

<sup>7</sup> «Esta dama de grande beleza – explicou – é a alma formosa de São Francisco. <sup>8</sup> A cabeça de ouro, a contemplação e sabedoria das coisas eternas; o peito e os braços de prata, as palavras do Senhor meditadas no coração e concretizadas em obras. <sup>9</sup> O cristal

duro e transparente simboliza respectivamente a sua temperança e a sua castidade; o ferro, a tenaz perseverança; <sup>10</sup> finalmente, o manto sórdido é o corpo franzino e frágil que revestia a sua alma preciosa».

<sup>12</sup> Todavia, muitos outros, assistidos também pelo Espírito de Deus, querem ver nesta dama a pobreza, enquanto esposa do Pai<sup>132</sup>:

<sup>13</sup> «O ouro – dizem – representa a glória, que será a sua recompensa; a prata, a divulgação da sua fama; o cristal, a profissão duma vida íntegra, igual por dentro como por fora, sem riquezas materiais a esconder<sup>133</sup>; o ferro, a perseverança final. <sup>14</sup> Mas o manto sórdido de tão distinta senhora, esse, foi a opinião dos homens carnaís que o teceu».

<sup>15</sup> Outros ainda, e em número maior, aplicam esta visão à Ordem, de acordo com a sucessão dos tempos, à maneira de Daniel<sup>134</sup>.

<sup>16</sup> Mas o facto de o Santo se ter recusado a interpretá-la (certamente para não cair na tentação da vanglória) mostra claramente ser a ele a quem a devemos referir, <sup>17</sup> pois se da Ordem se tratasse, decerto não o teria escondido<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> *Esposa do Pai*: interpretação rara. A pobreza é comumente interpretada como esposa do Filho (2C 55). Referir-se-á ao Pai celeste, ou ao Pai Francisco? Esta última interpretação parece abonada pelas últimas palavras deste mesmo capítulo.

<sup>133</sup> Cf. *Loculi* 2C 80.

<sup>134</sup> Cf. Dn 2, 31. Dante retomou a alegoria no episódio do velho de Creta (*Inferno*, XIV, 94-120).

<sup>135</sup> Há várias redacções deste mesmo episódio e diferentes interpretações da visão na corrente biográfica de inspiração chamada leonina (Cf. *Actus* cap. 25). WADDING e SABATIER recolheram e comentaram um destes textos.

## COMPAIXÃO DE SÃO FRANCISCO PELOS POBRES

### CAPÍTULO LI

#### Como ele invejava os mais pobres do que ele

**83.** <sup>1</sup>Que língua poderá exprimir a compaixão que este homem sentia pelos pobres? <sup>2</sup>Era naturalmente bondoso, mas a sua bondade foi duplamente acrescida com a que recebeu do alto. <sup>3</sup>Por isso, o coração de Francisco todo se derretia à vista dos pobres, e, sempre que lhes não podia estender a mão, dava-lhes ao menos o testemunho do afecto. <sup>4</sup>Necessidade ou penúria que descobrisse nos outros, imediatamente as reportava a Cristo, pois logo a mente lhe dava rebates d'Ele. <sup>5</sup>Em todos os pobres via o Filho da Senhora pobre, e nu O trazia em seu coração como nu Ela o trouxera em seus braços. <sup>6</sup>Tendo embora expulsado de si toda a inveja, não resistia a cobiçar a pobreza. Ao ver alguém mais pobre do que ele, imediatamente se tomava de inveja e, lutando por lhe levar a palma, tremia de poder ficar vencido.

**84.** <sup>1</sup>Uma vez, andava ele a pregar, quando encontrou um pobre no caminho. <sup>2</sup>Ao vê-lo sem roupa, voltou-se compungido para o companheiro e disse: «A pobreza deste homem é uma vergonha para nós e uma severa censura à nossa pobreza».

<sup>3</sup>«Porquê, irmão?» – replicou-lhe o confrade. E o Santo, com voz magoada: «Escolhi a pobreza como meu único tesouro e minha dama, e eis que ela brilha muito mais neste homem. <sup>4</sup>Ou não saberás tu que se anda a espalhar por todo o mundo que nós somos, por amor de Cristo, os mais pobres dos pobres? É falso, e aqui tens a prova».

<sup>5</sup>Inveja nunca vista! Inveja que nós, seus filhos, deveríamos invejar! <sup>6</sup>Não a inveja que se perturba com o bem dos outros, não a que teme os raios do sol, ou fecha as portas à compaixão, ou em-

palidece, derrancada até às hérnias<sup>136</sup>. <sup>7</sup> Ou pensarás tu que a pobreza evangélica nada tem em si digno de inveja? Tem a Cristo e, n'Ele, tudo em todas as coisas<sup>137</sup>. <sup>8</sup> Por que então esta corrida às prebendas, ó eclesiástico dos nossos dias? Mais tarde compreenderás qual foi a riqueza de Francisco, quando tiveres nas tuas mãos, como único lucro, o prémio dos tormentos.

## CAPÍTULO LII

### Como repreendeu um irmão que falava mal de um pobre

85. <sup>1</sup> Num outro dia da pregação, apareceu no convento onde Francisco se encontrava um pobrezinho doente, a pedir socorro. <sup>2</sup> Compadecido do seu duplo infortúnio, ou seja, da miséria e da enfermidade, pôs-se a discorrer com o companheiro acerca da pobreza.

<sup>3</sup> E quando já a compaixão pelo infeliz se transformava em ternura do coração, o companheiro interrompeu-o: «Sim, irmão, é pobre, mas talvez não haja em toda a redondeza nenhum outro que seja mais ambicioso»<sup>138</sup>.

<sup>4</sup> Imediatamente o repreendeu o Santo e, confessada a culpa, impôs-lhe: «Tira já o hábito e ajoelha-te aos pés do pobre, confessando o teu pecado. <sup>5</sup> E não basta que lhe peças perdão; hás-de pedir-lhe também que reze por ti». <sup>6</sup> O outro obedeceu, cumpriu a penitência e, ao voltar, disse-lhe o Santo:

<sup>7</sup> «Irmão, quando vires um pobre, é a imagem do Senhor e de sua Mãe pobrezinha que terás diante dos olhos. <sup>8</sup> Do mesmo modo deverás contemplar nos enfermos as misérias que Ele assumiu por nossa causa».

<sup>9</sup> Breve e em resumo: Francisco trazia sempre em seu coração este ramalhete de mirra<sup>139</sup>. Jamais desprendia os olhos da face do

---

<sup>136</sup> «O invejoso emagrece de ver a gordura alheia» (HORÁCIO). Uma vez mais aqui se patenteia a influência dos antigos moralistas.

<sup>137</sup> 1Cor 12, 6.

<sup>138</sup> Este mesmo episódio é apresentado de maneira diferente em 1C 76.

<sup>139</sup> Cant 1, 13.

seu Cristo<sup>140</sup> e tinha constantemente presente o Homem das dores, que nenhum sofrimento deixou de conhecer<sup>141</sup>.

## CAPÍTULO LIII

### **Oferece o manto a uma pobrezinha de Celano**

**86.** <sup>1</sup>Um habitante de Tivoli, amigo dos irmãos, tinha emprestado a Francisco uma peça de pano que o Santo usava à guisa de manto. <sup>2</sup>Certo Inverno, em Celano, estando ele hospedado no palácio do bispo de Marsi, encontrou uma velhinha que pedia esmola. <sup>3</sup>Pegou imediatamente do pano e, embora lhe não pertencesse, entregou-o à pobre velhinha, dizendo: «Vai e faz dele um vestido, que bem precisas». <sup>4</sup>A velhinha, surpreendida, não sei se por temor, se por contentamento, arrebatada-lhe nervosamente o pano das mãos, <sup>5</sup>afasta-se a toda a pressa, e, para evitar que lho voltem a pedir, corta-o à tesoura.

<sup>6</sup>Mas, ao verificar que o pano, uma vez cortado, não dá para o vestido, volta de novo ao Santo e, encorajada pela primeira experiência, faz-lhe ver que não chega. <sup>7</sup>O Santo, volvendo os olhos para o companheiro, que usava um outro de igual medida, observa: <sup>8</sup>«Ouves, irmão, o que diz esta pobrezinha? Soframos o frio por amor de Deus e dá-lhe também o teu manto para poder acabar o vestido».

<sup>9</sup>Deu também o irmão o seu manto e, despojados ambos, teve a pobre velhinha com que se vestir.

## CAPÍTULO LIV

### **Outro pobre a quem deu o manto**

**87.** <sup>1</sup>Noutra ocasião, ao voltar de Sena, encontrou-se também com um pobre. Disse o Santo ao companheiro;

---

<sup>140</sup> SI 83, 10.

<sup>141</sup> Is 53, 3; Hb 4, 15.

<sup>2</sup> «Temos que devolver o manto ao pobrezinho porque é dele. Foi-nos emprestado até encontrarmos alguém mais pobre do que nós». <sup>3</sup> O companheiro, vendo a necessidade em que se encontrava o compassivo Pai, resistiu obstinadamente à ideia de socorrer alguém à sua custa. <sup>4</sup> «Não quero ser ladrão – replicou o Santo. – Seria um roubo não dar a quem precisa mais do que nós». O outro assentiu, e Francisco ofereceu-lhe o manto.

## CAPÍTULO LV

### Um caso parecido, com outro pobre

**88.** <sup>1</sup> Caso semelhante foi o que aconteceu em Celle di Cortona<sup>142</sup>. <sup>2</sup> Andava S. Francisco com um manto novo, que os frades lhe tinham arranjado com a maior solicitude, <sup>3</sup> quando chegou ao ermitério um pobre a chorar a morte da mulher e a triste sorte da família, a contas com a miséria.

<sup>4</sup> «Dou-te este manto por amor de Deus – disse-lhe o Santo – mas com uma condição: se o venderes, que seja por bom preço». <sup>5</sup> Precipitaram-se os irmãos imediatamente sobre ele, no propósito de impedirem semelhante liberalidade. <sup>6</sup> Mas o pobre, encorajado pelo olhar benévolo do Santo, pôs-se a defendê-lo com unhas e dentes, como se o manto lhe pertencesse desde sempre. <sup>7</sup> Por fim, os irmãos resgataram<sup>143</sup> o manto e o pobre foi-se dali com a soma do resgate.

---

<sup>142</sup> Ermitério situado a poucos quilómetros de Cortona.

<sup>143</sup> Os irmãos, portanto, usaram dinheiro para comprar o manto (uso proibido pela 1R 8, 3); mas era para um doente (uso permitido pela 1R 8, 8).



## CAPÍTULO LVI

**Como ele deu o manto a um homem, para o impedir de odiar a seu amo**

**89.** <sup>1</sup> Uma vez, em Colle, condado de Perúsia<sup>144</sup>, São Francisco encontrou um pobre que já era seu conhecido do tempo em que vivia no século. <sup>2</sup> Perguntou-lhe: «Como estás, irmão?» <sup>3</sup> Vinha irritado o pobre contra o patrão, por este lhe ter extorquido todos os bens, e contra ele vociferava maldições e ameaças. <sup>4</sup> «Depois do que me fez o patrão, não posso estar senão mal – respondeu ele. – Que Deus o amaldiçoe!»

<sup>5</sup> Mais compadecido da alma que do corpo de infeliz, que persistia em seu ódio mortal, disse-lhe o bem-aventurado Francisco: «Irmão, perdoa a teu senhor por amor de Deus! Salvarás a tua alma da morte eterna e talvez possas reaver o que te subtraiu. <sup>6</sup> De contrário, perdidos os bens, arriskas-te a perder também a alma». <sup>7</sup> «Impossível! – respondeu o outro. – Não lhe perdoo enquanto não me tiver restituído o que tirou». Disse-lhe então o bem-aventurado Pai: «Pega: aqui tens o meu manto, mas peço-te que perdoes a teu amo por amor de Deus».

<sup>8</sup> Acalmado e comovido com a oferta, aceitou o manto e perdoou a injustiça de que fora vítima.

## CAPÍTULO LVII

**Como deu a um pobre um pedaço da túnica**

**90.** <sup>1</sup> Certa altura, solicitada por um pobre e não tendo absolutamente nada a que lançar mão, descoseu a barra do hábito e entregou-a ao pobre. <sup>2</sup> Outras vezes, e em idêntica situação, chegou a dar os panos menores. <sup>3</sup> Assim era a compaixão que sentia pelos indigentes; assim, também, a generosidade com que seguia os passos de Cristo pobre.

---

<sup>144</sup> Provavelmente, Colestrada, perto da famosa Ponte San Giovanni, onde o exército de Assis foi vencido em 1202 e Francisco feito prisioneiro.

## CAPÍTULO LVIII

**Como ele mandou dar à mãe de dois frades o primeiro exemplar do Novo Testamento que a Ordem teve**

**91.** <sup>1</sup> Certa ocasião foi ter com o Santo a mãe de dois frades a pedir esmola confiadamente. <sup>2</sup> Dela compadecido, disse o santo Pai a seu Vigário, Pedro Catânio: <sup>3</sup> «Teremos aí alguma coisa para dar à nossa mãe?» (Para ele, a mãe de qualquer irmão era igualmente sua e de todos os frades). <sup>4</sup> Respondeu-lhe frei Pedro: «Nada temos em casa que lhe possamos dar. <sup>5</sup> Só se for – acrescentou – o livro do Novo Testamento com que fazemos as leituras de Matinas, uma vez que não dispomos de breviários».

<sup>6</sup> Respondeu-lhe Francisco: «Pois dá à nossa mãe o Novo Testamento. Ela que o venda e, assim, remediará as suas necessidades, tanto mais que nele se exorta a socorrermos os pobres. <sup>7</sup> Tenho a certeza de que mais agradará a Deus dar o Livro do que lê-lo».

<sup>8</sup> Deram, pois, o livro à mulher, e foi assim que saiu da Ordem o primeiro exemplar do Novo Testamento que nela entrou<sup>145</sup>.

## CAPÍTULO LIX

**Como ele deu o manto a uma pobre mulher que era doente dos olhos**

**92.** <sup>1</sup> Durante a permanência de S. Francisco no palácio episcopal de Rieti, onde fora tratar dos olhos, uma pobre mulher de Machilone, que padecia da mesma enfermidade, foi ali consultar o médico.

<sup>2</sup> O Santo tomou familiarmente à parte o guardião e começou por insinuar: «Irmão guardião, temos que restituir o que não é nosso».

---

<sup>145</sup> Muitas abadias impunham aos seus religiosos o juramento de não venderem, em proveito dos pobres, os livros da comunidade. Os concílios de Paris e de Rouen (1213-1214) proibiram tal juramento, porque «vender para dar é uma das obras de misericórdia».

– <sup>3</sup> Certamente, Pai, se é que alguma coisa temos que não nos pertença.

– <sup>4</sup> Restituamos este manto que recebemos emprestado desta pobrezinha, pois não tem com que pagar as suas dívidas.

– <sup>5</sup> Mas este manto é meu – objectou o guardião –, ninguém mo emprestou. <sup>6</sup> Tu, sim, podes usá-lo enquanto te aprouver, mas depois, quando já dele não precisares, voltarás a dar-mo. <sup>7</sup> (Na verdade, o guardião tinha-o comprado pouco antes, porque o Santo precisava dele).

– <sup>8</sup> Irmão guardião – insistiu o Santo – sempre foste cortês para comigo; honra agora a tua cortesia.

– <sup>9</sup> Como quiseses, Pai; faça-se como o Espírito te inspirar.

– <sup>10</sup> Chamou então o Pai um secular muito devoto e pediu-lhe:  
<sup>11</sup> «Toma este manto e doze pães, vai ter com aquela mulher pobrezinha e diz-lhe assim: <sup>12</sup> Um pobre, a quem emprestaste o manto, agradece e manda-mo entregar». <sup>13</sup> Foi ter com ela o homem e falou como se lhe tinha ensinado. <sup>14</sup> A mulher, cuidando que troçavam dela, respondeu ruborizada. «Deixa-me em paz com o teu manto! <sup>15</sup> Sei lá o que pretendes dizer!» Insiste o homem e põe-lho nas mãos. <sup>16</sup> Ela, vendo que não se tratava nem de logro nem de galanteio, e receando perder um tesouro tão facilmente adquirido, levantou-se de noite e, sem pensar mais no tratamento aos olhos, abalou para casa com o manto.

## CAPÍTULO LX

### **Como lhe apareceram no caminho três donzelas que, depois de o saudarem, estranhamente, desapareceram**

**93.** <sup>1</sup> Eis, em poucas palavras, um facto maravilhoso, cujo significado poderá não ser muito claro, mas cuja autenticidade é irrecusável.

<sup>2</sup> Ia Francisco, o pobre de Cristo, de Rieti para Sena, a fim de tratar dos olhos<sup>146</sup>, quando, ao atravessar a planície de Rocca Campiglia, em companhia de um médico amigo da Ordem, <sup>3</sup> lhe

---

<sup>146</sup> Foi em Abril de 1226. Cf. IC 105.

apareceram três donzelas pobrezinhas à beira do caminho. <sup>4</sup> Eram tão semelhantes entre si na estatura, na idade e no aspecto que dir-se-iam três cópias saídas do mesmo molde. <sup>5</sup> Quando já o Santo estava perto, elas, inclinando a cabeça com reverência, dirigiram-lhe esta singular saudação: «Benvinda seja a senhora Pobreza!» <sup>6</sup> Encheu-se o Santo de indizível alegria, pois não havia para ele saudação que mais lhe agradasse do que exactamente a que lhe tinham dirigido.

<sup>7</sup> Cuidando a princípio que elas fossem realmente pobres, assim se dirigiu ao médico, seu companheiro de jornada: «Peço-te, por amor de Deus, que dês alguma coisa a estas pobrezinhas». <sup>8</sup> Imediatamente o outro se aproximou-se delas e, saltando do cavalo, entregou às três algumas moedas.

<sup>9</sup> Retomando o caminho que antes levavam, nem os irmãos nem o médico, espaiando a vista em todo o redor da planície deserta, viram rasto das ditas donzelas. <sup>10</sup> Assombrados em extremo, puderam registar mais este facto entre as maravilhas do Senhor, certos como estavam de que não podiam ser criaturas humanas quem dali desaparecera mais rapidamente que os pássaros.

## O AMOR DE S. FRANCISCO À ORAÇÃO

### CAPÍTULO LXI

#### **O tempo, o lugar e o fervor da sua oração**

**94.** <sup>1</sup> Francisco, homem de Deus, sentindo-se peregrino e ausente de Deus pelo corpo, esforçava-se por manter sempre o espírito no céu, na presença de Deus, de quem, já concidadão dos anjos, apenas o separava o mundo da carne. <sup>2</sup> Toda a sua alma tinha sede de Cristo; a Cristo votava não apenas o coração, mas todo o corpo. <sup>3</sup> Das maravilhas da sua oração iremos dizer aqui algumas palavras, ao menos a partir do que vimos com os nossos próprios olhos e na medida em que é possível transmitir coisas destas a ouvidos humanos. O nosso propósito é que sirvam de exemplo aos vindouros.

<sup>4</sup> Consagrava todo o seu tempo ao recolhimento e elevação da alma<sup>147</sup>, a fim de imprimir no coração os ensinamentos da Sabedoria, receoso de voltar atrás se não progredia sempre. <sup>5</sup> Quando solicitações prementes ou visitas de seculares se lhe tornavam molestas, não lhes dava seguimento: truncava-as abruptamente, e de novo se refugiava na contemplação<sup>148</sup>. <sup>6</sup> Para ele, que só se alimentava das doçuras celestes, o mundo era insípido. O seu gosto requintado pelas delícias divinas tornava-lhe insuportáveis os grosseiros prazeres dos homens.

<sup>7</sup> Para se unir a Deus todo inteiro, com toda a alma e todo o corpo, procurava sempre a solidão dos lugares apartados. <sup>8</sup> E se lhe acontecia ser surpreendido com a visita do Senhor enquanto estava com os outros, <sup>9</sup> fazia do manto a sua cela, ou, à falta de manto, escondia o rosto com a manga do hábito, para não pôr a descoberto o maná escondido. <sup>10</sup> De uma maneira ou de outra, furtava-se sempre aos olhares dos presentes, a fim de não se aperceberem da presença do Amado, e tão perfeitamente o conseguia entre multidões trepidantes como no recolhimento de uma nave<sup>149</sup>. <sup>11</sup> Quando, enfim, nem isto lhe era possível, fazia do coração um santuário. De si mesmo esquecido e absorto em Deus, não gemia, não tossia, não suspirava. <sup>12</sup> Todos os sinais exteriores da sua presença como que desapareciam<sup>150</sup>.

**95.** <sup>1</sup> Tal era o seu comportamento entre irmãos. Mas quando orava nas florestas ou nos ermos, enchia-os de gemidos, batia no peito, banhava o chão de lágrimas e, como quem encontra final-

---

<sup>147</sup> *Otium*, no original. Ao tempo que se dedicava ao estudo ou cultura do espírito e da inteligência, chamava-se *otium*; pelo contrário, *negotium* correspondia à actividade prática. Portanto, parece dever entender-se aqui como recolhimento e repouso, tendo igualmente em conta a teologia mística.

<sup>148</sup> Pormenor já referido em IC 96.

<sup>149</sup> *In arcto navis plurimis insertus*. A frase é algo obscura. Para os intérpretes de Quaracchi trata-se de linguagem figurada. Para o tradutor francês *navis* é dativo de *navus* ou *gnavus*: diligente, activo. Para Fagot, trata-se de uma nave de igreja (como para os de Quaracchi, aliás). Casolini propõe uma correcção: *quamvis* por *navis*. O autor da presente tradução opta pela palavra *nave*, mantendo toda a obscuridade inerente ao texto original.

<sup>150</sup> Cf. LM 10, 4.

mente um lugar mais recôndito<sup>151</sup>, conversava muitas vezes em voz alta com o Senhor, <sup>2</sup>respondia ao Juiz, suplicava ao Pai, entretinha-se com o Amigo e comprazia-se com o Esposo. <sup>3</sup>Na verdade, para oferecer a Deus, em múltiplos holocaustos, todas as fibras do seu coração, considerava sob diversos aspectos Aquele que é soberanamente simples e uno. <sup>4</sup>As mais das vezes não mexia sequer os lábios: <sup>5</sup>meditava longamente no seu íntimo e, concentrando em si todas as faculdades da atenção, elevava o espírito ao céu. <sup>6</sup>Destarte, transformado todo ele em oração viva<sup>152</sup>, e não apenas num homem orante, unia a lucidez da inteligência ao ímpeto do coração neste único anseio: viver para sempre na casa do Senhor .

<sup>7</sup>De quanta doçura terá sido inundado, habituado como estava a semelhantes transportes! Só ele o soube; a nós apenas nos é dado admirá-lo. Sabê-lo-á também quem o experimentou; para os outros, o mistério persistirá. <sup>8</sup>Quando o espírito se lhe abrasava no auge do fervor, no seu aspecto exterior e na sua alma em delíquio era já um cidadão do reino dos céus.

<sup>9</sup>Todo ele se empenhava em não faltar, por negligência, ao encontro com o Espírito. Deparada a ocasião, não só O acolhia, como desfrutava das suas doçuras todo o tempo que o Senhor lhe permitia. <sup>10</sup>Assim, quando era solicitado por alguma ocupação ou se encontrava de viagem e sentia o toque da graça, saboreava o maná dulcíssimo a espaços vários mas frequentes. <sup>11</sup>Caminhando, muitas vezes se deixava distanciar dos companheiros, para melhor fruir de cada nova visita do Espírito e não receber em vão a sua graça<sup>153</sup>.

## CAPÍTULO LXII

### **Celebração devota das horas canônicas**

**96.** <sup>1</sup>Recitava as horas canônicas com tanta reverência como devoção. <sup>2</sup>E embora estivesse doente dos olhos, do estômago, do

---

<sup>151</sup> Cf. 2C 52.

<sup>152</sup> A absorção da alma em Deus e a suspensão dos sentidos são os dois elementos constitutivos da união extática. Tal como o êxtase, também o delíquio e o arrebatamento ou voo do espírito são as suas fases principais.

<sup>153</sup> 2Cor 6,1. Cf 1C 7; 2C 7.

baço e do fígado, jamais procurava apoios durante a salmodia, antes cumpria a obrigação das horas sempre de pé, a cabeça descoberta, sem vaguear os olhos e sem interrupções.

<sup>3</sup>Quando caminhava a pé, parava sempre para recitar as horas; se a cavalo, apeava-se da montada.

<sup>4</sup>Um dia, voltava ele de Roma sob uma chuva incessante. Apeou-se do animal para rezar o Ofício, e esteve tanto tempo a descoberto que ficou inteiramente encharcado. <sup>5</sup>«Se o corpo – dizia – come tranquilo o alimento que um dia há-de ser, como ele, pasto de vermes, com quanta paz e descanso há-de a alma tomar o alimento que lhe é próprio: o seu Deus!»

## CAPÍTULO LXIII

### Como afugentava as distrações na oração

97. <sup>1</sup>Julgava ele pecar gravemente quando, durante a oração, era assaltado por vãs imaginações. <sup>2</sup>Se tal acontecia, recorria à confissão para expiar quanto antes a sua falta. <sup>3</sup>Tão habitual se tornou este esforço, que rarissimamente era atormentado por esta espécie de «moscas».

<sup>4</sup>Durante certa quaresma, para não desperdiçar instante algum do seu tempo, entreteve-se a modelar um pequeno vaso. <sup>5</sup>Mas um dia, rezando ele devotamente a hora de Tércia, fugiram-lhe casualmente os olhos para o vaso e pôs-se por um momento a contemplá-lo. Tanto bastou para entender e lamentar que o vaso apenas lhe servira para escamotear o fervor do espírito. <sup>6</sup>Aflito, porque a voz do coração fora impedida de subir até Deus, acabada Tércia, disse aos confrades que o rodeavam: «Frívolo trabalho este: tanto poder teve em mim, que me esfriou o fervor da alma! <sup>7</sup>Oferecê-lo-ei em sacrifício ao Senhor, cujo sacrifício estorvou».

<sup>8</sup>Dito isto, pegou no vaso e atirou-o ao fogo, dizendo: «Devíamos ter vergonha de nos deixarmos arrastar por fantasias inúteis, quando no tempo da oração falamos com o Grande Rei».

## CAPÍTULO LXIV

## Um dos seus êxtases

**98.** <sup>1</sup> Era frequentemente elevado à doçura de tão alta contemplação, que, arrebatado em êxtase, com ninguém se abria sobre o que então experimentava para além das nossas faculdades humanas. <sup>2</sup> Mas, graças a um só facto tornado público, podemos deduzir com que frequência ele se abismava nas doçuras do céu.

<sup>3</sup> Um dia, como passasse por Borgo San Sepolcro montado em um jumento e manifestasse desejos de descansar em certa leprosaria, <sup>4</sup> logo se espalhou que o varão de Deus ia passar por ali. <sup>5</sup> Acorrem de todas as partes homens e mulheres desejosos de o verem e de o tocarem devotamente, como sempre acontecia. <sup>6</sup> Mas que sucede? Vão-se a ele, puxam-no de um lado, puxam-no do outro e cortam-lhe pedaços da túnica para os levarem como lembrança<sup>154</sup>. <sup>7</sup> Parecia insensível a tudo: semelhante a um cadáver, não dava conta do que se passava em redor. <sup>8</sup> Levam-no finalmente ao lugar do destino<sup>155</sup> e, quando já Borgo lhes ficava muito para trás, o Santo, eterno contemplativo das coisas do céu, como se chegasse naquele momento de um outro mundo, pergunta preocupado quando chegariam a Borgo.

## CAPÍTULO LXV

## Como se comportava depois da oração

**99.** <sup>1</sup> Ao voltar das suas orações solitárias, em que quase se transformava num outro homem, todo o seu cuidado era assemelhar-se aos demais, não fosse a onda de admiração que o seu

---

<sup>154</sup> Cf. 1C 63; 2C 94.

<sup>155</sup> Uma vez mais, voltamos a encontrar um «lugar» ou convento de Irmãos Menores identificado com uma «leprosaria». Cf 1C 17 e 1R 9, 2 e 8, 10, onde se prevê esta estância entre leprosos e a mendicidade em seu favor. Entre Borgo e a abadia de São Justino encontra-se uma pequena igreja dedicada a São Ladre ou Lázaro; esta igreja ocupa provavelmente o lugar da antiga leprosaria.



aspecto afogueado suscitava fazer-lhe perder o que antes havia lucrado<sup>156</sup>.

<sup>2</sup>Muitas vezes repetia aos seus mais íntimos «Quando, na oração, o servo de Deus é visitado pelo seu Senhor com alguma nova consolação, deve levantar os olhos ao céu antes de a concluir e, de mãos postas, dizer: <sup>3</sup>Senhor, mandaste-me do céu, a mim, pecador, esta consolação e doçura; eu tas restituo para que mas guardes, que eu sou um ladrão do teu tesouro». <sup>4</sup>E mais: «Senhor, priva-me do teu bem neste mundo e reserva-mo para o futuro». <sup>5</sup>«E assim ele proceda – acrescentava – que, ao sair da oração, se apresente aos demais tão pobrezinho e pecador como se não tivesse obtido nenhuma nova graça». <sup>6</sup>E explicava: «Às vezes, por uma vantagem medíocre, perde-se um tesouro inestimável, levando assim quem no-lo oferece a não se mostrar tão generoso no futuro»<sup>157</sup>.

<sup>7</sup>Tinha o costume de se levantar para a oração tão discreta e silenciosamente que nenhum dos companheiros podia saber quando se levantava ou quando rezava. <sup>8</sup>Pelo contrário, ao deitar-se, à noite, fazia-o tão rumorosamente que todos soubessem que se deitava.

## CAPÍTULO LXVI

### **Como o bispo que o surpreendeu a rezar perdeu a fala**

**100.** <sup>1</sup>Estava um dia S. Francisco em oração no convento da Porciúncula, quando apareceu o bispo de Assis<sup>158</sup>, seu amigo, para uma das suas visitas habituais. <sup>2</sup>Uma vez dentro, sem qualquer aviso, dirige-se imediatamente para a cela do Santo<sup>159</sup>, empurra a pequena porta e dispõe-se a entrar. <sup>3</sup>Apenas mete dentro a cabeça e vê o Santo em oração, sacodem-no fortes tremuras, imobilizam-se-

---

<sup>156</sup> Cf. 1C 96.

<sup>157</sup> Cf. Ex 22 e 28.

<sup>158</sup> Guido II, o mesmo que tinha acolhido Francisco no seu manto. Cf. 1C 15; 2C 12.

<sup>159</sup> Mais pormenores em LP 6, onde se diz que o Santo estava numa celazita de colmo dentro de um quarto maior.

-lhe os membros e perde a fala, <sup>4</sup> ao mesmo tempo que uma força divina o empurra para trás, obrigando-o a sair.

<sup>5</sup> Dou por entendida uma de duas coisas: ou o bispo não era digno de presenciar aquele mistério, ou merecia o Santo desfrutá-lo por mais tempo. <sup>6</sup> O bispo, atordoado, procura os irmãos e, ao tentar confessar a sua culpa, retoma o uso da fala.

## CAPÍTULO LXVII

### Como um abade experimentou o poder da sua oração

**101.** <sup>1</sup> Noutra ocasião, o abade do mosteiro de São Justino, do bispado de Perúsia, encontrando-se com S. Francisco no caminho, saltou imediatamente da montada e com ele se pôs a conversar acerca da salvação da sua alma. <sup>2</sup> Por fim, ao separar-se, pediu-lhe humildemente que rezasse por ele. S. Francisco respondeu-lhe: <sup>3</sup> «Senhor, com muito gosto o farei». <sup>4</sup> Pouco se havia ainda afastado o abade, quando S. Francisco disse ao companheiro: «Irmão, espera aí um momento, que eu quero pagar a dívida que mesmo agora contraí». <sup>5</sup> E, na verdade, este foi sempre o costume do Santo: não atirar para trás das costas as orações que lhe eram pedidas, mas cumprir quanto antes com o prometido, como agora fazia. <sup>6</sup> E assim, enquanto o Santo orava, sentia o abade no espírito uma doçura e um fervor jamais experimentados, a ponto de, extasiado, ter desfalecido. <sup>7</sup> Permaneceu assim algum tempo, até que, voltando a si, pôde comprovar o poder da oração de S. Francisco. <sup>8</sup> Daí por diante, maior foi o seu amor à Ordem e muitos lhe ouviram falar do caso como de um verdadeiro milagre<sup>160</sup>.

<sup>9</sup> Estas são as pequenas dádivas que entre si devem permutar os servos de Deus, este o intercâmbio que melhor lhes quadra. <sup>10</sup> A amizade santa, igualmente chamada amizade espiritual, contenta-se com os frutos da oração; a caridade, aliás, tem em pouco apreço os pobres dons terrenos. <sup>11</sup> De resto, julgo ser próprio do

---

<sup>160</sup> Parece que o abade ofereceu o terreno para o convento franciscano de Farneto, a vinte minutos de São Justino.

amor sobrenatural ajudar e ser ajudado nos combates da alma, recomendar e ser recomendado no tribunal de Cristo.

<sup>12</sup> A que alturas de oração não terá subido quem de tal modo fez subir a outrem com os seus méritos!

## O ENTENDIMENTO QUE DAS ESCRITURAS TINHA O SANTO E A EFICÁCIA DAS SUAS PALAVRAS

### CAPÍTULO LXVIII

#### A sua ciência e a sua memória

**102.** <sup>1</sup>Embora este homem se não tivesse cultivado intelectualmente pelo estudo das ciências humanas, possuía, no entanto, instruído pela sabedoria que vem do alto e iluminado pelos fulgores da Luz eterna, uma compreensão altíssima das Escrituras. <sup>2</sup>A sua alma, limpa de qualquer mancha, penetrava a obscuridade dos mistérios, e aquilo que ao entendimento dos mestres persistia inacessível devassava-o ele com o seu amor impetuoso<sup>161</sup>.

<sup>3</sup>Lia de quando em quando os Livros Sagrados, e o que uma vez confiasse à alma ficava-lhe indelevelmente gravado no coração. <sup>4</sup>A sua memória supria os livros<sup>162</sup>: verdade que lhe ferisse o ouvido atento, logo o coração amante a repassava com incessante fervor. <sup>5</sup>Este era, na sua opinião, o método mais proveitoso de estudar e de aprender, e não o da consulta a milhares de tratados. <sup>6</sup>O verdadeiro filósofo, dizia, era aquele que nada antepunha ao desejo da vida eterna, <sup>7</sup>pelo que, asseverava, quem estudar as Escrituras, perscrutando-as com mais humildade que presunção,

---

<sup>161</sup> «Em S. Francisco, as citações bíblicas são-lhe impostas não pelas palavras em si, mas pelos sentimentos, pela experiência religiosa. Quando ele lê a Bíblia, não lê só as palavras, contempla a tradição de Israel ou a tradição cristã e assimila-as. Não pensa em mobilizar a memória, mas em encontrar uma luz e uma força, em assimilar a vida eterna da Igreja» (SABATIER, *Allocution prononcée dans la cathédrale de Canterbury à l'occasion du septième centenaire de l'arrivée des Frères Mineurs en cette ville*. Texto em RFH, II, p. 118).

<sup>162</sup> Frase tomada da *Vida de Santo Antão Abade*, escrita por Santo Atanásio.

facilmente chegará ao conhecimento de si mesmo e de Deus. <sup>8</sup>Muitas vezes uma palavra certa lhe bastava para resolver as questões mais difíceis e, mesmo não sendo mestre na arte de falar, dava mostras de grande inteligência e profunda penetração.

## CAPÍTULO LXIX

### **Como ele explicou um dito profético, a pedido de um frade pregador**

**103.** <sup>1</sup>Durante a sua permanência em Sena calhou de aparecer na cidade um irmão da Ordem dos Pregadores, homem espiritual e doutor em Sagrada Teologia. <sup>2</sup>Foi visitar o bem-aventurado Francisco, e ambos se entreteram em dulcíssima conversação sobre as palavras do Senhor. <sup>3</sup>A certa altura, interrogou-o o religioso acerca desta passagem de Ezequiel: «Se não manifestares ao ímpio a sua impiedade, é a ti que pedirei contas da sua alma»<sup>163</sup>. <sup>4</sup>«Ora sucede – expôs ele – que eu próprio conheço muitos a quem nem sempre falo da sua maldade, apesar de saber que vivem em pecado mortal. <sup>5</sup>Será que vou ter de prestar contas das suas almas?»

<sup>6</sup>E como o bem-aventurado Francisco tivesse protestado a sua ignorância<sup>164</sup> e afirmasse que mais precisava ele de aprender do irmão do que este ouvir os seus comentários à sentença da Escritura, replicou o doutor com humildade: <sup>7</sup>«Meu irmão, embora eu tenha ouvido alguns sábios exporem esta passagem, gostaria, mesmo assim, me dissesse como a entendes tu». <sup>8</sup>Respondeu-lhe o bem-aventurado Francisco: «Se o versículo houver de ser tomado em sentido genérico, eu a entendo desta maneira: o servo de Deus deve arder de tal modo pela santidade de vida, que na luz do seu exemplo e no perfume da sua reputação vejam os ímpios uma advertência». <sup>9</sup>Ficou o doutor deveras edificado com esta interpretação e, ao despedir-se, disse aos companheiros do bem-aventurado Francisco: <sup>10</sup>«Meus irmãos, a teologia deste homem,

---

<sup>163</sup> Ez 3, 18.

<sup>164</sup> Ou que era *idiota*. Cf. 1C 120.

firmada na pureza e na contemplação, é como águia que voa. A nossa ciência, pelo contrário, rasteja pelo chão».

## CAPÍTULO LXX

### **Os esclarecimentos que prestou a um cardeal que o foi consultar**

**104.** <sup>1</sup>Noutra ocasião, sendo hóspede de um cardeal em Roma, interrogado acerca de algumas passagens obscuras, expô-las com tanta clareza, que dir-se-ia um homem constantemente embebido nas Escrituras divinas. <sup>2</sup>Disse-lhe o senhor cardeal: «Eu não te interrogo como a letrado, mas como a homem que tem o espírito de Deus, e se eu desejo conhecer com tanto empenho as tuas interpretações é por saber que d’Ele procedem».

## CAPÍTULO LXXI

### **Exortado à leitura das Escrituras, expõe a um irmão qual é a sua ciência**

**105.** <sup>1</sup>Um seu companheiro, vendo-o enfermo e achacado em todo o corpo, disse-lhe um dia: «Pai, sempre as Escrituras te serviram de refúgio, sempre te proporcionaram alívio no sofrimento. <sup>2</sup>Peço-te que mandes ler alguma coisa dos Profetas; talvez deste modo o teu espírito exulte no Senhor». <sup>3</sup>Respondeu ele: «É bom ler os testemunhos das Escrituras; é bom buscar nelas ao Senhor nosso Deus, mas, pelo que me diz respeito, tantas coisas já delas aprendi que me basta agora recordá-las e meditá-las. <sup>4</sup>Não preciso agora de mais, meu filho; basta-me conhecer a Cristo pobre e crucificado».

## CAPÍTULO LXXII

**As espadas que frei Pacífico viu brilhar  
no rosto do Santo**

**106.** <sup>1</sup>Havia em Marca de Ancona um secular que, esquecido da sua salvação e ignorante de Deus, se tinha prostituído completamente à vaidade. <sup>2</sup>Chamavam-lhe o «Rei dos Versos», por não ter rival em compor e interpretar madrigais e outras canções profanas. <sup>3</sup>Em suma, a glória do mundo tornara-o tão famoso que chegou a ser coroado pelo Imperador com extraordinária pompa<sup>165</sup>. <sup>4</sup>Enquanto assim caminhava envolto em trevas, e, enredado nos laços da vanglória, arrastava consigo o pecado, resolve a bondade divina, dele compadecida, chamá-lo a outro caminho para não perecer abandonado e caído por terra<sup>166</sup>. <sup>5</sup>Por disposição da Providência, encontraram-se ambos um dia, ele e Francisco, junto de um mosteiro de reclusas pobres<sup>167</sup>. <sup>6</sup>Ia o Pai saudar suas filhas na companhia dos irmãos, quando o outro, com inúmeros amigos, se dirigia a casa de uma sua parente.

<sup>7</sup>Pousa Deus a mão sobre o poeta, e este, com os seus olhos corporais, vê S. Francisco marcado com uma cruz feita de duas fulgentíssimas espadas, uma da cabeça aos pés, a outra de mão a mão, à altura do peito. <sup>8</sup>Ainda não conhecia pessoalmente o bem-aventurado Francisco, mas, depois de um tão assombroso prodígio, logo o identificou. <sup>9</sup>Cheio de pasmo, imediatamente se propôs melhorar de vida, mas a seu tempo<sup>168</sup>.

<sup>10</sup>O santo Pai, entretanto, pregando a todos os presentes, varou logo o poeta com a espada da palavra de Deus. <sup>11</sup>Seguidamente, chamou-o à parte e admoestou-o com mansidão acerca das vaidades e do desprezo do mundo, e, por fim, trespassou-lhe o coração com a ameaça dos juízos de Deus. <sup>12</sup>Responde o poeta sem hesitar: «Para quê mais palavras? Vamos a obras. Tira-me de

---

<sup>165</sup> Frederico II. Alguns põem em dúvida semelhante coroação.

<sup>166</sup> Todo este fraseado a respeito da louca juventude de Pacífico soa identicamente ao que foi dedicado à juventude de Francisco (1C 1).

<sup>167</sup> O das Clarissas de Colpersito, perto de São Severino. Cf. 1C 78.

<sup>168</sup> Ver mais abaixo, em 2C 109, uma visão quase idêntica de frei Silvestre.

entre os homens e devolve-me ao grande Imperador». <sup>13</sup>No dia seguinte, o Santo vestiu-lhe o hábito e, como fora devolvido à paz do Senhor, pôs-lhe o nome de frei Pacífico<sup>169</sup>. <sup>14</sup>A sua conversão teve tanto maior repercussão quanto mais numerosos tinham sido os companheiros de vaidade.

<sup>15</sup>Gozando da companhia do Pai, o irmão Pacífico começou a desfrutar de consolações jamais sentidas até esse momento. <sup>16</sup>Uma segunda visão permitiu-lhe ver o que permanecia oculto aos olhos dos outros: na frente do bem-aventurado Francisco viu ele um grande *Tau*<sup>170</sup> de círculos ocelados e multicolores, como as penas do pavão.

## CAPÍTULO LXXIII

### **A eficácia da sua palavra. Testemunho de um médico.**

**107.** <sup>1</sup>Pregador do Evangelho, sempre que falava recorria a expressões mezinhas e de fácil alcance, sabendo haver mais necessidade de virtudes que de palavras. Todavia, entre pessoas espirituais e cultas, tirava do coração palavras profundas, que davam vida. <sup>2</sup>Aliás, poucas bastavam para sugerir o inexprimível. Recorrendo à animação gestual e a palavras de fogo, a todos arastava às alturas celestes<sup>171</sup>.

<sup>3</sup>Não se valia de esquemas prévios<sup>172</sup>, pois seria incapaz de pregar o que não idealizasse ele próprio. O segredo do seu poder era o único poder verdadeiro, a única sabedoria: Cristo.

---

<sup>169</sup> Antes de entrar na Ordem chamava-se Guilherme Divini. Morreu em França em 1236.

<sup>170</sup> Letra do alfabeto grego e hebraico, com forma de cruz chamada «Comissa». Quando o papa Inocêncio III, em 11 de Novembro de 1215 abriu o IV Concílio de Latrão, disse: «Tau é a última letra do alfabeto hebraico. Quem trazer este sinal na frente, é porque já submeteu as suas acções ao poder da cruz». A letra Tau encontra-se também como assinatura de Francisco no final da sua carta a frei Leão.

<sup>171</sup> Cf. 1C 73.

<sup>172</sup> Segundo o método escolástico, que procedia por distinções e era então ensinado nas universidades.

<sup>4</sup>Um médico muito douto e eloquente disse dele, uma vez: «Enquanto sou capaz de reter palavra por palavra a pregação dos outros, a de Francisco é a única que me escapa. <sup>5</sup>E se consigo fixar algumas palavras, já depois me não parecem as mesmas que lhe saíram da boca».

## CAPÍTULO LXXIV

### **Como expulsou de Arezzo os demónios com o poder da sua palavra transmitida pelo irmão Silvestre**

**108.** <sup>1</sup>As suas palavras não eram eficazes apenas quando as proferia directamente; mesmo transmitidas por outros, não deixavam de produzir os seus frutos<sup>173</sup>.

<sup>2</sup>Um dia, chegava ele a Arezzo, quando a população da cidade, sacudida pela guerra civil, se encontrava na iminência do extermínio total. <sup>3</sup>Tendo-se hospedado nos arrabaldes da cidade, o homem de Deus viu sobre ela os demónios incitarem os habitantes à matança. <sup>4</sup>Chamou frei Silvestre, homem de Deus, de respeitável e deliciosa simplicidade, e disse-lhe: «Vai à entrada da cidade e, da parte de Deus Omnipotente, intima os demónios a saírem dela quanto antes».

<sup>5</sup>Piedoso e simples, apressou-se o irmão a obedecer e, encomendando-se a Deus com hinos de louvor<sup>174</sup>, trovejou diante da porta com forte clamor: «Da parte de Deus e por ordem do nosso Pai Francisco, sumi-vos para longe daqui, malditos!» <sup>6</sup>Pouco depois, a cidade reencontrava a paz, e os seus moradores passaram a respeitar pacificamente os direitos uns dos outros.

<sup>7</sup>Mais tarde, pregando-lhes Francisco, começou o sermão com estas palavras: <sup>8</sup>«Falo-vos como a gente que já esteve um dia submetida e escravizada aos demónios, mas que deles se libertou graças às orações de um pobre».

---

<sup>173</sup> Alusão a um dos mais belos textos proféticos sobre o poder da Palavra criadora de Deus: Is 55, 10-11.

<sup>174</sup> Sl 94, 2.



## CAPÍTULO LXXV

**Da conversão do mesmo irmão Silvestre e de  
uma visão que teve**

**109.** <sup>1</sup>Creio não ser sem interesse acrescentar a esta narração a conversão do irmão Silvestre, e como ele entrou na Religião movido pelo Espírito. <sup>2</sup>Silvestre era aquele sacerdote secular da cidade de Assis a quem, um dia, o varão de Deus tinha comprado umas pedras para a igreja que andava a restaurar. <sup>3</sup>O mesmo também que, pouco depois, roído de insaciável cupidez, ao ver o irmão Bernardo – a primeira plantazinha da Ordem dos Menores, depois do Santo<sup>175</sup> – despojar-se de todos os bens e dá-los aos pobres, havia de se queixar ao servo de Deus do facto de este ainda lhe não ter pago totalmente as pedras que vendera. <sup>4</sup>Francisco, ao ver que a alma do sacerdote estava a ser corroída pelo veneno da avareza, <sup>5</sup>teve um sorriso de compaixão e, para apaziguar tão sordida cupidez, encheu-lhe as mãos de moedas sem as contar sequer. <sup>6</sup>Alegrou-se o padre Silvestre, mas muito mais se espantou com a liberalidade do ofertante. De regresso a casa, entra em si, cisma no acontecido e recrimina-se do facto de, sendo já tão velho, ainda ter apego a um mundo, pelo qual esse jovem manifestava tamanho desprezo.

<sup>7</sup>Depois de assim ter aspirado o «bom odor de Cristo»<sup>176</sup>, <sup>8</sup>abre-lhe o Senhor o seio da sua misericórdia e faz-lhe considerar, numa visão, como são preciosas aos seus olhos as obras de Francisco e com que magnificência enchem toda a terra.

<sup>9</sup>De facto, estando ele a sonhar, viu sair da boca de Francisco uma cruz de ouro, cujo topo tocava o céu e cujos braços estendidos abraçavam o mundo inteiro. <sup>10</sup>Emocionado o sacerdote com a visão, não espera muito tempo, que bem cara lhe podia custar a demora: abandona o mundo e faz-se perfeito imitador do varão de

---

<sup>175</sup> 1C 24 cataloga-o como segundo.

<sup>176</sup> Ou seja, o bom exemplo dado pelo irmão Bernardo. Cf. 2Cor 2, 15.

Deus. <sup>11</sup> A vida de perfeição que depois levou na Ordem foi, pela graça de Deus, coroada com uma morte mais perfeita ainda<sup>177</sup>.

<sup>12</sup> Não nos admiremos de ver o Santo aparecer marcado com o sinal da cruz: à cruz esteve sempre unido. <sup>13</sup> E como ela sempre esteve enraizada profundamente no seu coração, não nos admiremos também de que, implantada em boa terra, tenha feito desabrochar tão maravilhosos ramos, flores e frutos. <sup>14</sup> Outra coisa, de resto, não podia nascer deste chão que, já desde o princípio, ela havia ocupado inteiramente<sup>178</sup>.

Mas voltemos ao assunto.

## CAPÍTULO LXXVI

### Como um irmão se viu livre dos assaltos do demónio

**110.** <sup>1</sup> Havia um irmão que de há muito andava atormentado com certa tentação espiritual, bem mais subtil e insidiosa que a da carne. <sup>2</sup> Acode por fim a S. Francisco e cai-lhe humildemente aos pés. Porém, desfeito em lágrimas e sufocado pelos fortes soluços, não acerta em dizer palavra. <sup>3</sup> Compadece-se dele o Pai e, vendo que o pobre estava a ser molestado pelo maligno, exclama: «Pelo poder de Deus te ordeno, demónio, que deixes de atormentar este irmão, como tens ousado fazer até agora». <sup>4</sup> Imediatamente desvanecida a negrura das trevas, levanta-se o irmão completamente liberto e jamais lhe sofreu as arremetidas, ficando tão livre delas como se nunca as tivesse padecido.

---

<sup>177</sup> Em 1246; portanto, pouco tempo antes da redacção desta Legenda. Cf. 3C 3.

<sup>178</sup> Evidente aproveitamento do hino de Venâncio Fortunato «*Pange lingua*», aplicado liturgicamente: «*Nulla talem silva profert, fronde, flore, germine*».

## CAPÍTULO LXXVII

**A porca feroz que devorou o cordeirinho**

**111.** <sup>1</sup> Já em outro lugar<sup>179</sup> pusemos em relevo o poder admirável da sua palavra sobre os animais. <sup>2</sup> Contarei, contudo, um episódio que tenho à mão. <sup>3</sup> Certa noite em que o servo do Excelso se hospedara no mosteiro de São Verecundo, do bispado de Gúbio, uma ovelha deu à luz um cordeirinho. <sup>4</sup> Calhou de o ver uma porca muito má e, sem contemplações por aquela vida inocente, com uma dentada feroz trancou-lhe a existência. <sup>5</sup> Ao levantarem-se de manhã os da casa, encontraram morto o cordeirinho. Logo ali lhes bacorejou ter sido a porca a autora do malefício. <sup>6</sup> Quando isto soube, o Pai, compassivo, encheu-se de mágoa e, lembrando-se de outro Cordeiro<sup>180</sup>, chorou o cordeirinho morto, dizendo na presença de todos. <sup>7</sup> «Pobre irmão cordeiro, criatura inocente, que tão utilmente recordas Cristo aos homens, maldita seja a ímpia que te matou! Nem homem nem animal comam da sua carne!»

<sup>8</sup> Espantoso! Não tardou que a porca malvada comesse a sentir-se mal, e, penando três dias as torturas de uma grave maleita, levou-a por fim a morte vingadora. <sup>9</sup> Jogada para a estrumeira do convento, aí ficou largo tempo, mirrada que nem uma tábua, não havendo ser vivo que nela cevasse a fome.

## CONTRA A FAMILIARIDADE COM MULHERES

## CAPÍTULO LXXVIII

**Por que se deve evitar a familiaridade com mulheres.  
Como tratava com elas.**

**112.** <sup>1</sup> Mandava que se evitassem a todo o custo as familiaridades com mulheres, mel venenoso que até homens santos corrompe. <sup>2</sup> De facto, temia ele que, por causa delas, se perdessem os mais

---

<sup>179</sup> Cf. 1C 56-61, 2C 167- 171.

<sup>180</sup> Cristo, cf. Jo 1,29. 36; 1C 77, 79.

fracos e se enfraquecessem os mais fortes.<sup>3</sup> A menos que se trate de varão provadíssimo – asseverava ele, recorrendo à Sagrada Escritura – é tão difícil não lhes sofrer o contágio tratando com elas, como andar sobre carvões acesos sem queimar os pés<sup>181</sup>.

<sup>4</sup>Para mostrar com factos aquilo que dizia, procurava ser exemplo acabado de virtude.<sup>5</sup> As mulheres, de facto, eram-lhe tão molestas, que mais facilmente se acreditaria que as evitava por medo e repulsa que por prudência e bom exemplo.

<sup>6</sup>Quando tinha de se enfrentar com a sua loquacidade importuna, não respondia senão com monossílabos, e, baixando a cabeça, remetia-se ao silêncio.<sup>7</sup> De vez em quando, levantava os olhos ao céu, como para aí encontrar resposta adequada às linguageiras mundanas.

<sup>8</sup>Todavia, àquelas a quem a sabedoria havia escolhido para sua morada, graças a uma piedade fervorosa e perseverante, a essas exortava-as com breves palavras de maravilhosa simplicidade.

<sup>9</sup>Quando falava com mulheres, fazia-o em voz alta e clara, de modo a ser ouvido por todos.<sup>10</sup> Certa ocasião chegou a dizer ao companheiro: «Com franqueza te confesso, irmão caríssimo, que se as olhasse no rosto não reconheceria senão duas apenas.<sup>11</sup> De facto, de uma e de outra conheço-lhes o rosto: das outras, não»<sup>182</sup>.

<sup>12</sup>Muito bem, Pai, que nunca ninguém se fez mais santo a olhar para elas! Muito bem, repito, porque o proveito não é nenhum e a perda pode ser muita, pelo menos a de tempo.<sup>13</sup> Só servem de estorvo para quem deseja seguir o árduo caminho da santidade e chegar à contemplação da face de Deus, de radiante beleza.

---

<sup>181</sup> Prov 6, 28.

<sup>182</sup> Ângelo Clarenco, tributário dos escritos dos irmãos Leão e Conrado de Offida, diz que S. Francisco se referia a sua mãe e a Santa Clara (*Expositio Regulae*, ed. OLIGER, Quaracchi 1912, p. 217). Mas o mesmo OLIGER indica que o texto de 2C 112, comparado com o de 3C 37-39 e EP 186, leva a concluir que se trata não de Dona Pica, mas de Jacoba de Settesoli.

## CAPÍTULO LXXIX

**Parábola contra os olhares lançados às mulheres**

**113.** <sup>1</sup> Para verberar os olhos que não são castos, costumava ele contar a seguinte parábola: <sup>2</sup> «Um rei poderosíssimo enviou à rainha, um após outro, dois emissários. <sup>3</sup> Volta o primeiro da sua missão e limita-se a transmitir a resposta da soberana. <sup>4</sup> É que os olhos do sábio tinham-lhe ficado na cabeça<sup>183</sup>, não os tinha projectado fora. <sup>5</sup> Volta o segundo e, transmitida a resposta, curta e seca, lança-se em intermináveis ditirambos à formosura da rainha: «Em verdade, senhor, que mulher formosíssima! Ditoso quem a possui!»

– <sup>6</sup> Servo mau<sup>184</sup> – replicou o rei – como ousaste fixar os teus olhos impuros naquela que é a minha esposa? Está-se mesmo a ver que a desejava fazer tua, uma vez que a olhaste com tanta atenção.

<sup>7</sup> Manda chamar o primeiro e pergunta-lhe:

– Que pensas tu da tua rainha?

– <sup>8</sup> O melhor possível, pois me escutou em silêncio e me respondeu com sabedoria.

– <sup>9</sup> E não a achaste bonita?

– <sup>10</sup> Isso haveis de saber vós, majestade! A mim apenas me cumpria levar o recado.

– <sup>11</sup> Tens os olhos castos – sentenciou o rei –; castos serão também dentro dos meus aposentos. Quanto ao outro, seja expulso do palácio, não aconteça venha a violar mais tarde a intimidade do meu leito».

<sup>12</sup> «Quando estamos demasiado seguros de nós mesmos, é quando menos nos acautelamos do inimigo. <sup>13</sup> Se o diabo puder apossar-se de um só dos nossos cabelos, em breve o transformará numa trave, num jugo pesado. <sup>14</sup> E ainda que lhe leve muitos anos a fazer cair um homem, pouco lhe importa a demora: cedo ou tarde lhe cairá nas mãos. <sup>15</sup> É esse o seu ofício; nem outra coisa o preocupa dia e noite».

---

<sup>183</sup> Cf. Ecl 2, 14.

<sup>184</sup> Mt 18, 32.

## CAPÍTULO LXXX

**Como ele se manifestou contra a demasiada  
familiaridade com mulheres**

**114.** <sup>1</sup> Certa vez, indo ele a Bevanha, esgotado como andava de tanto jejuar, faltaram-lhe as forças pelo caminho. <sup>2</sup> Então o companheiro mandou recado a uma piedosa senhora, pedindo-lhe humildemente pão e vinho para o Santo. <sup>3</sup> Recebido o recado, foi esta imediatamente ao encontro dele acompanhada de uma sua filha, virgem consagrada a Deus<sup>185</sup>, e ambas lhe levaram o conforto solicitado.

<sup>4</sup> Já um tanto reanimado, foi a vez de o santo Pai as confortar a elas com a palavra de Deus. <sup>5</sup> Mas, ao dirigir-lhes a palavra, nem sequer por um instante as fitou. <sup>6</sup> Depois que partiram, perguntou-lhe o companheiro: <sup>7</sup> «Irmão, porque não olhaste para a santa virgem que te veio socorrer com tanta dedicação?» <sup>8</sup> E o Pai: «Quem não sentirá temor em olhar para uma esposa de Cristo? <sup>9</sup> Porque, se é verdade que o rosto e os olhos devem dar expressão ao que se diz, era ela que devia olhar para mim e não eu para ela».

<sup>10</sup> Muitas vezes, falando a este respeito, asseverava ser frívola toda a conversação com mulheres fora da confissão ou para além de algum breve conselho. <sup>11</sup> E comentava: «Que tem um irmão a ver com uma mulher, a não ser quando esta lhe pede o sacramento da penitência ou um conselho para se tornar melhor?»<sup>186</sup>»

---

<sup>185</sup> Esta «virgem consagrada a Deus», é provavelmente a mesma a quem S. Francisco devolveu a vista: 3C 124.

<sup>186</sup> Cf. IR 12, 3.

## AS TENTAÇÕES QUE PADECEU

## CAPÍTULO LXXXI

**Como ele venceu uma tentação**

**115.** <sup>1</sup>À medida que aumentavam os méritos de S. Francisco, mais graves eram os conflitos com a antiga serpente. <sup>2</sup>Quanto maiores eram as graças recebidas, mais insidiosas se tornavam as tentações, mais violentos os combates. <sup>3</sup>Porque, embora o demónio soubesse por experiência como ele era combativo e esforçado e não abandonava a luta um momento sequer, continuava empenhado em agredi-lo, mesmo sabendo que saía sempre vencido.

<sup>4</sup>A certa altura da sua vida sofreu o Pai uma violentíssima tentação espiritual, certamente para que mais bela fosse um dia a sua coroa de glória<sup>187</sup>. <sup>5</sup>Angustiado e pesaroso, infligia ao corpo duras penitências, orava e chorava amargamente<sup>188</sup>. <sup>6</sup>Durou anos esta luta, mas, um dia, estando a orar em Santa Maria da Porciúncula, ouviu em espírito estas palavras<sup>189</sup>:

– «Francisco, se tiveres tanta fé como um grão de mostarda e disseses a um monte que se mude, ele se mudará.

– <sup>7</sup>Senhor – respondeu o Santo – que montanha havia eu de querer mudar?

– A montanha da tua tentação.

<sup>8</sup>E ele, chorando:

– Senhor, faça-se segundo a Tua palavra».

<sup>9</sup>Logo a tentação se dissipou e, uma vez liberto, pôde gozar da mais perfeita serenidade.

---

<sup>187</sup> Trata-se, segundo VORREUX, do período que vai da redacção da 2R à do T: 1223-1226 (*Saint François. Documents*, p. 443, n.1).

<sup>188</sup> LP 21 e EP 99 anotam aqui um pormenor característico: quanto maior era nele a tristeza, de modo a não poder apresentar-se diante dos irmãos com o seu «rosto habitualmente alegre», tanto mais evitava aparecer. Cf. também 2C 128 e 1R 7, 16.

<sup>189</sup> Mt 17, 19. Era o trecho do Evangelho que tinha anunciado a Francisco as penas por que havia de passar (1C 92-93). Um versículo do Evangelho assinalará também o seu desaparecimento definitivo.

## CAPÍTULO LXXXII

**Como ele venceu o demónio que o chamava  
e tentava com a luxúria**

**116.** <sup>1</sup>Sucedeu no ermitério dos irmãos de Sartiano. O maligno, sempre invejoso do progresso dos filhos de Deus, atreveu-se a tentar o Santo da forma que vamos descrever.

<sup>2</sup>Vendo o Santo santificar-se de dia para dia, sem nunca se dar por satisfeito com os progressos infatigavelmente realizados, certa noite em que se entregava à oração na sua pequena cela, chamou-o o demónio por três vezes.

— «Francisco! Francisco! Francisco!

— <sup>3</sup>Que me queres? — respondeu o Santo.

— <sup>4</sup>Não há neste mundo nenhum pecador a quem o Senhor não perdoe, se se converter: mas, se se matar com penitências, jamais alcançará misericórdia».

<sup>5</sup>Imediatamente, porém, uma revelação faz compreender ao Santo a astúcia do inimigo que forceja vergá-lo à mediocridade. <sup>6</sup>E que sucede? O inimigo não se dá por vencido. <sup>7</sup>Falhada a primeira tentativa, volta à carga, armadilhando nova cilada: a dos desejos carnavais. <sup>8</sup>Mas em vão, porque tendo o Santo neutralizado as cavilações do espírito, não ia deixar-se engodar pelas da carne. <sup>9</sup>Tendo então o demónio desencadeado uma violentíssima tentação de luxúria, <sup>10</sup>o bem-aventurado Pai, ao sentir-lhe os primeiros acicates, despe a túnica e flagela-se vigorosamente: «Toma, irmão asno<sup>190</sup>, que só à pancada é que vais! <sup>11</sup>A túnica é da Ordem, não é tua, nem te assenta bem. E se queres ir asnear para outra banda, arranca e some-te!»

**117.** <sup>1</sup>Vendo, porém, que os golpes da disciplina lhe não afugentavam a tentação, apesar de ter enchido o corpo de vergões, sai da cela para o jardim e espolinha-se nu na espessa camada de neve. <sup>2</sup>Depois, revolvendo a neve com as mãos, põe-se a modelar sete

---

<sup>190</sup> Sobre o irmão asno, ver 2C 129 e 2C 211.



grandes bonecos. Feitos eles, passa-os em revista, e assim fala, para o corpo ouvir:

<sup>3</sup>«A maior, repara bem, é a tua mulher; estes quatro são os teus dois filhos e as tuas duas filhas; os outros dois são o criado e a criada, que deles bem precisarás para te ajudarem. <sup>4</sup>Anda, trata de os vestir agora, que estão mesmo a morrer de frio. <sup>5</sup>Mas se achares pesados e molestos tantos cuidados, então serve ao Senhor decididamente, com diligência».

<sup>6</sup>No mesmo instante vencido, bate o tentador em retirada, e o Santo volta à sua cela, glorificando a Deus. <sup>7</sup>Um irmão, homem de grande piedade, ainda em oração naquele momento, foi testemunha de toda a cena, graças ao luar que fazia nessa noite. <sup>8</sup>O homem de Deus soube que tinha sido observado e, aborrecido, ordenou-lhe que a ninguém revelasse coisa alguma enquanto vivesse.

## CAPÍTULO LXXXIII

### **Como ele livrou da tentação um irmão.**

#### **Vantagens da tentação.**

**118.** <sup>1</sup>Certo frade, que andava a contas com uma tentação, disse um dia ao Santo, quando ambos estavam sentados sozinhos: «Bom Pai, pede a Deus por mim, pois, se o fizeres, estou certo de ficar imediatamente livre de tentações. <sup>2</sup>É que me sinto tentado acima das minhas forças, e sei que não o ignoras».

<sup>3</sup>Disse-lhe S. Francisco: «Acredita, meu filho, que por isso mesmo te considero melhor servidor de Deus, e quanto mais tentado fores, mais te hei-de amar. <sup>4</sup>Em verdade te digo – acrescentou –: ninguém poderá dizer-se verdadeiro servo de Deus, se primeiro não for provado pelo sofrimento e pela tentação. <sup>5</sup>Uma tentação vencida é, em certo modo, uma aliança que o Senhor passa para o dedo do seu servo. <sup>6</sup>Muitos comprazem-se com os méritos acumulados ao longo de anos e louvam-se do facto de não terem sido submetidos à provação, <sup>7</sup>quando, afinal, nós sabemos que o Senhor apenas tomou em conta a debilidade do seu espírito, porque, se assim não fosse, antes mesmo de se medirem com o perigo, já o medo os teria esmagado. <sup>7</sup>Os rudes combates são unicamente para as almas comprovadamente fortes».

## LUTA COM OS DEMÓNIOS

## CAPÍTULO LXXXIV

**Como o açoitaram os demónios.  
É preciso evitar os palácios dos grandes.**

**119.** <sup>1</sup> Este homem não só foi assaltado por Satanás com tentações, como teve de lutar com ele corpo a corpo. <sup>2</sup> Convidado certa ocasião pelo senhor Leão, cardeal de Santa Cruz, a viver algum tempo com ele em Roma, escolheu para habitação uma torre solitária com uma galeria de nove apartamentos abobadados, semelhantes às celas dos eremitas. <sup>3</sup> Na primeira noite, já ele tinha terminado as suas orações e se dispunha a dormir, quando lhe apareceram os demónios e com ele travaram uma luta de morte. <sup>4</sup> Açoitaram-no largo tempo com extrema crueldade e deixaram-no meio morto. <sup>5</sup> Depois de se retirarem, o Santo, cobrado já o alento, chamou o companheiro, que dormia num dos cubículos disse-lhe: «Irmão, quero que fiques perto de mim, que eu tenho medo de ficar só. Os demónios acabam de me açoitar». <sup>6</sup> Todo ele tremia e os calafrios percorriam-lhe o corpo, como se estivesse com febre altíssima.

**120.** <sup>1</sup> Passaram toda a noite sem dormir e, a certa altura, disse o Pai ao companheiro: «Os demónios são os esbirros de Nosso Senhor, que deles se serve para nos castigar os excessos. <sup>2</sup> É sinal de graça extraordinária não deixar sem castigo o seu servo enquanto vive neste mundo. <sup>3</sup> Eu, a bem dizer, não me lembro de nenhuma falta que, por misericórdia divina, não tenha expiado, porque, na sua paternal bondade, <sup>4</sup> sempre se dignou manifestar-me, enquanto meditava e orava, aquilo que era do seu agrado e aquilo que o ofendia. <sup>5</sup> Mas se, apesar disso, Ele permitiu que estes esbirros me atacassem, foi talvez porque a minha permanência nos palácios dos grandes é um mau exemplo para os outros. <sup>6</sup> Os meus irmãos, que moram em conventos pobrezinhos, ao ouvirem dizer que me instalo entre cardeais, poderão pensar que nado em delícias. <sup>7</sup> Por isso, irmão, eu acho preferível que todo aquele que foi

escolhido para modelo dos outros<sup>191</sup> deve andar longe de palácios e confortar os que sofrem penúria, padecendo com eles as mesmas privações». <sup>8</sup> De madrugada, apresentaram-se ao cardeal e, depois de lhe contarem tudo, dele se despediram.

<sup>9</sup> Sirva isto de lição para os frades palacianos<sup>192</sup>, e saibam eles que, fora dos conventos, não passam de abortos arrancados ao seio materno. <sup>10</sup> Não condeno a obediência dos que aí são enviados; reprovo, sim, a ambição, a ociosidade e as comodidades que por lá buscam. <sup>11</sup> Em suma, proponho São Francisco para modelo de todas as situações em que nos possa colocar a obediência: <sup>12</sup> abandonemos ao menos aquilo que, sendo grato aos homens, desagrada a Deus.

## CAPÍTULO LXXXV

### Um exemplo a propósito

**121.** <sup>1</sup> Vem-me à lembrança um facto que não quero deixar de referir. <sup>2</sup> Vendo certo frade que uns quantos irmãos moravam num palácio, um dia, levado não sei por que ventos, desejou fazer parte do grupo e ser também ele um palaciano. <sup>3</sup> Ardendo em ânsias de uma tal experiência, viu uma noite em sonhos os ditos frades fora da habitação dos irmãos e separados da comunidade, <sup>4</sup> afocinhados numa gamela de porcos, donde sorviam uma repelente massa-morda de chicharo com esterco humano. <sup>5</sup> Semelhante espectáculo deixou o irmão vivamente desconcertado e, ao levantar-se de madrugada, deixou-se para sempre de palácios.

---

<sup>191</sup> 2C 188; EP 81.

<sup>192</sup> Acerca dos «palacianos», ou irmãos que moravam em palácios, cf. SALIMBENE, *Crónica*, p. 184-210. O irmão Hugo de Digne disse ao rei São Luís (que insistia com ele para que continuasse na corte): «O religioso fora do claustro é como o peixe fora da água» (JOINVILLE, *Histoire de Saint Louis*).

## CAPÍTULO LXXXVI

**Tentações na solidão. Visão que um irmão teve.**

**122.** <sup>1</sup> Certo dia, caminhando o Santo na companhia de um irmão<sup>193</sup>, chegou a uma igreja situada longe do povoado.

Desejando orar sozinho, disse ao confrade: «Irmão, gostaria de ficar aqui só, esta noite. <sup>2</sup> Vais tu dormir ao hospital<sup>194</sup>, e volta de madrugada».

<sup>3</sup> Tendo ficado só, começou por dirigir a Deus longas e fervorosas orações, findas as quais procurou um lugar onde pudesse reclinar a cabeça para dormir. <sup>4</sup> Mas, de repente, turbou-se-lhe a alma, apossaram-se dele o pavor e o tédio<sup>195</sup>, e todo o corpo entrou a tremer. <sup>5</sup> Sentia claramente que o Inferno movia contra ele os seus assaltos e ouvia multidões de demónios galopando de um lado para o outro, por cima do coberto. <sup>6</sup> Levanta-te imediatamente, sai fora e, fazendo o sinal da cruz, exclama: «Da parte de Deus todo-poderoso, eu vos peço, demónios, que façais em meu corpo tudo aquilo que vos foi permitido fazer. <sup>7</sup> Tudo suportarei de bom grado, porque, não tendo eu inimigo maior que o meu corpo<sup>196</sup>, vingar-me-ei do meu adversário, se o castigardes vós na minha vez. <sup>8</sup> Mas os demónios, que se tinham reunido para o atormentar, vendo um espírito tão decidido em carne tão fraca<sup>197</sup>, dali se foram envergonhados.

**123.** <sup>1</sup> Ao amanhecer, voltou o companheiro, e encontrou o Santo prostrado diante do altar. Não ousando penetrar no coro, pôs-se também a rezar fervorosamente diante duma cruz. <sup>2</sup> Arrebatado em êxtase, viu no céu, entre muitos, um trono singu-

---

<sup>193</sup> Este companheiro, que não é mencionado nem em 2C nem na LM 6, 6, é o irmão Pacifico, segundo o testemunho da LP 23 e EP 59. UMBERTINO DE CASAL diz que é o irmão Masseu (*Arbor Vitae* v. 4). Sobre a atribuição desta visão ao irmão Leonardo de Assis, cf. AFH 20 (1927) p. 107. A igreja é a de Bovara. Ainda nela se conserva o crucifixo do século XII, diante do qual S. Francisco orou.

<sup>194</sup> A leprosaria de Trevi.

<sup>195</sup> Cf. Mc 14, 33; Jo 13, 21.

<sup>196</sup> Ex 10; SV 15-16, 1CCt 37-38.

<sup>197</sup> Mt 26, 41.

larmente belo, coberto de pérolas preciosas e todo refulgente de glória. <sup>3</sup>Assombrado, a si mesmo se interrogava sobre quem iria ocupá-lo, <sup>4</sup>quando uma voz lhe disse: «Era o trono de um anjo que foi precipitado do céu e está agora reservado ao humilde Francisco». <sup>5</sup>Voltando a si, vê o Santo regressar da oração. Cai-lhe aos pés com os braços em cruz, dirige-se a ele, não como a um ser deste mundo, mas como a um habitante do céu, e diz-lhe: «Pai, roga por mim ao Filho de Deus para que Ele não tenha em conta os meus pecados!» <sup>6</sup>O homem de Deus estendeu-lhe a mão, levantou-o e compreendeu que algo lhe fora revelado durante a oração.

<sup>7</sup>Já de regresso, pergunta o irmão ao bem-aventurado Francisco: «Pai, que pensas de ti mesmo?» <sup>8</sup>«Reconheço que sou o maior dos pecadores – respondeu ele –, pois se Deus tivesse usado de tanta misericórdia com um celerado como a que tem usado comigo, decerto seria o celerado dez vezes melhor do que eu»<sup>198</sup>.

<sup>9</sup>Então o Espírito, falando ao coração do irmão, concluiu: «Fica sabendo que a visão que tiveste corresponde à verdade. De facto, a humildade há-de elevar este homem humilíssimo ao trono que a soberba fez perder».

## CAPÍTULO LXXXVII

### Como um frade se viu livre da tentação

**124.** <sup>1</sup>Certo irmão, homem santo e dos mais antigos na Ordem, andava tão apoquentado com uma grave tentação da carne, que dir-se-ia ter chegado às vascas do desespero. <sup>2</sup>De dia para dia era maior o seu tormento, porquanto, sendo nele a consciência mais escrupulosa que delicada, julgava-se no dever de se confessar por qualquer ninharia. <sup>3</sup>Legítimo seria que assim procedesse no caso, certamente lamentável, de ter cedido à tentação; nunca, todavia, por a ter sentido. <sup>4</sup>Apesar disso, mesmo não tendo caído, tanta era a vergonha de se ver tentado que, temendo manifestar tudo a um mesmo sacerdote, repartiu por lotes as suas inquietações e, ora as confiava a um, ora a outro.

---

<sup>198</sup> Cf. 2C 133.

<sup>5</sup> Até que, um dia, caminhando ele com o bem-aventurado Francisco, este lhe disse: «Irmão, de futuro não confesses mais a tua inquietação a ninguém. <sup>6</sup> E não te venham escrúpulos disso, porque, não sendo do teu consentimento aquilo que te acontece, tudo há-de redundar em tua glória e não em tua condenação. <sup>7</sup> Todas as vezes que te sentires atribulado, reza sete Pai-Nossos, à minha responsabilidade». <sup>8</sup> Muito admirado, não atinando como chegara o Santo ao conhecimento do seu caso, sentiu-se o irmão cheio de alegria, e não tardou em ver-se livre de semelhantes angústias.

## A VERDADEIRA ALEGRIA

### CAPÍTULO LXXXVIII

#### **Elogio da alegria. Malefícios da tristeza.**

**125.** <sup>1</sup> A nossa melhor defesa contra as maquinações e velhacarias do inimigo – afirmava o Santo – é a alegria espiritual. <sup>2</sup> Dizia ele: «Nunca o diabo se alegra tanto, como quando logra arrebatara um servo de Deus a alegria interior. <sup>3</sup> Traz sempre consigo uma reserva de pó subtil para o assoprar pelas frinchas da consciência e, assim, conspurcar a candura da alma e a pureza da vida. <sup>4</sup> Mas – acrescentava – quando a alegria espiritual inunda o coração, em vão injecta a serpente o seu veneno mortal. <sup>5</sup> Os demónios nada podem contra o servo de Cristo, quando o vêem transbordar de santa alegria. <sup>6</sup> Pelo contrário, o ânimo abatido, desolado e melancólico facilmente se deixa vencer pela tristeza e dominar pelos falsos prazeres».

<sup>7</sup> Por isso, o Santo se empenhava tanto em viver sempre no contentamento do coração e em conservar a união do espírito e o óleo da alegria<sup>199</sup>. <sup>8</sup> Evitava com suma diligência a melancolia, o pior de todos os males, tanto que, apenas a sentia infiltrar-se-lhe na alma, corria pressuroso à oração.

---

<sup>199</sup> Cf. SI 44, 8.

<sup>9</sup> «Quando o servo de Deus – explicava ele – se sentir perturbado por qualquer motivo, o que não é de surpreender, deve imediatamente recorrer à oração e permanecer diante do soberano Pai, até que lhe restitua a alegria de se ver salvo<sup>200</sup>. <sup>10</sup> Mas se persevera na tristeza, crescerá nele esse mal babilónico e, a menos que o lave com lágrimas, há-de instalar-se no coração como ferrugem corrosiva»<sup>201</sup>.

## CAPÍTULO LXXXIX

### Como um anjo o confortou tocando cítara

**126.** <sup>1</sup>No tempo em que se demorou em Rieti<sup>202</sup> para tratar dos olhos, chamou um dia um dos companheiros, que no mundo era citarista<sup>203</sup>, e disse-lhe: «Irmão, os filhos deste mundo não entendem os planos do Senhor. <sup>2</sup> Até os instrumentos músicos, que noutros tempos se destinavam aos louvores de Deus, os converteu agora a sensualidade dos homens em comprazimento dos sentidos. <sup>3</sup> Quisera pois, irmão, que, em segredo, pedisses emprestada uma cítara e me tocases uma melodia muito bela<sup>204</sup>, que me desse alívio ao irmão corpo que tanto sofre». <sup>4</sup> Respondeu-lhe o irmão: «Tenho vergonha de ir pedi-la. Hão-de pensar que cedi à tentação da frivolidade». <sup>5</sup> «Dizes bem, irmão – replicou o Santo –. Tiremos daí o sentido, que, na verdade, sempre havemos de renunciar a alguma coisa para manter intacta a boa reputação».

<sup>200</sup> Do Miserere (SI 50, 14).

<sup>201</sup> Reminiscência da Babilónia, muitas vezes citada no *Apocalipse*; idem, da marmita enferrujada que simboliza, em Ezequiel 24, a cidade de Jerusalém atacada pelos babilónios. Babilónia é assim, na Sagrada Escritura, o símbolo do mal.

<sup>202</sup> Cf. 2C 92. Era hóspede, segundo a LP 24, do cônego Teobaldo Sarraceno. O episódio parece ter ocorrido no Verão ou Outono de 1225.

<sup>203</sup> Este irmão músico era, sem dúvida, frei Pacífico. Cf. P. OCTAVIO DE ANGERS, *Du frère cithariste qui à Rieti se recusa*. EF 1932, p. 549-556.

<sup>204</sup> *Versum honestum*. Importa tomar o termo na sua acepção técnica: um canto é *honestus* quando flui agradavelmente, com elegância e, naturalmente, «não profano», como acontecia na poesia trovadoresca.

<sup>6</sup>Na noite seguinte, estando o Santo acordado a meditar em Deus, ouve alguém dedilhar numa cítara<sup>205</sup> de sons arrebatadores uma melodia de indizível maviosidade. <sup>7</sup>Não se via ninguém, mas, pela direcção do som, percebia o ouvido que a pessoa que a tangia e cantava se movimentava de um lado para outro. <sup>8</sup>Arrebatado o espírito em Deus ao ouvir tão doce melodia, foi tal o prazer sentido que se julgou transportado a um outro mundo. <sup>9</sup>Ao levantar-se de manhãzinha, chama o Santo o dito irmão e, depois de lhe ter contado o sucedido, concluiu: «O Senhor, que sempre atende aos aflitos, nunca me deixou sem conforto. <sup>10</sup>Como não pude ouvir a cítara dos homens, ouvi uma outra, mais suave ainda».

## CAPÍTULO XC

### Como ele cantava em francês, quando transbordava de alegria

127. <sup>1</sup>Às vezes, acontecia o seguinte: <sup>2</sup>quando as dulcíssimas melodias do espírito mais lhe enterneciam o coração, era em francês que se exprimia<sup>206</sup>. E era em francês, também, que ele, com esfuziante alegria, cantava o que Deus furtivamente lhe murmurava ao ouvido. <sup>3</sup>Outras vezes – como eu próprio vi com os meus olhos – apanhava do chão um pauzito, apoiava-o no ombro esquerdo e, empunhando com a direita uma verga retesada por um fio, balanceava o corpo ao ritmo das arcadas sobre o improvisado instrumento, ao mesmo tempo que ao Senhor cantava em francês<sup>207</sup>. <sup>4</sup>As mais das vezes, porém, todos estes transportes se desfazião em lágrimas, e o júbilo dissolvía-se na contemplação dolorosa da paixão de Cristo. <sup>5</sup>Prorrrompendo então em contínuos sus-

---

<sup>205</sup> *Cithara*, nesta época, pelo menos na Itália, significa talvez alaúde ou harpa, por serem mais usados tais instrumentos.

<sup>206</sup> Cf. 1C 16, 1.

<sup>207</sup> CLAUDEL, citando sem dúvida de memória, conclui assim: «Quantos fabricantes de barulho à nossa volta, quantos surdos! E quão pouca gente como frei Pacifico, amigo de S. Francisco, a quem dois pauzitos, apanhados ao acaso, bastavam para arrancar melodias mais deliciosas que as evoladas de um Stradivarius!» (*Positions et propositions*, II, 173).



piros e prolongados gemidos esquecia as pobres coisas que trazia entre mãos e ficava arroubado nas do céu.

## CAPÍTULO XCI

### **Repreende um irmão por andar triste e ensina-lhe como se deve comportar**

**128.** <sup>1</sup> Certa ocasião, vendo ele um irmão cabisbaixo e triste e não suportando vê-lo assim, disse-lhe: «Nunca um servo de Deus se deve apresentar triste e carrancudo diante dos homens, mas sempre sereno e amável. <sup>1</sup> Os teus pecados examina-os na cela; geme e chora, mas na presença do teu Deus. Depois, deixando a tristeza, volta para junto dos irmãos e comporta-te como um deles». <sup>3</sup> E, algum tempo mais tarde: «Os inimigos da salvação, que não me toleram por não conseguirem perturbar-me, desforram-se perturbando os meus companheiros».

<sup>4</sup> Tinha em tanto apreço um religioso cheio de alegria espiritual que, em certo Capítulo, mandou registrar esta recomendação<sup>208</sup>: <sup>5</sup> «Guardem-se os irmãos de andar mal humorados e hipocritamente tristes, antes se mostrem alegres no Senhor, sempre prazenteiros e joviais, como convém».

## CAPÍTULO XCII

### **Como se deve tratar o corpo para evitar que murmure**

**129.** <sup>1</sup> Disse também o Santo em dado momento: «É preciso atender com discrição ao irmão corpo, não vá ele desencadear a tempestade da tristeza e inquietação. <sup>2</sup> Para não se aborrecer de vigiar e poder perseverar devotamente na oração, procuremos não lhe dar motivos de queixa: <sup>3</sup> «Ai que morro de fome! Ai que me derreia o peso de tanta reza!»<sup>209</sup> <sup>4</sup> Mas se, depois da necessária

---

<sup>208</sup> Cf. 1R 7, 16.

<sup>209</sup> Cf. 2C 22.

pitança, mesmo assim vier com lamúrias, sabeí que o jumento está a pedir chicote»<sup>210</sup>.

<sup>5</sup>Foi este o único ensinamento do Pai em que a sua conduta não correspondeu às palavras, pois multiplicou sobre o corpo inócense açoites e privações sem motivo. <sup>6</sup>Mas foi assim, também, que o ardor do espírito de tal modo lhe afinou o corpo que, se a alma desfalecia sequiosa de Deus, sequiosa desfalecia também a própria carne<sup>211</sup>.

## A FALSA ALEGRIA

### CAPÍTULO XCIII

#### **Contra a hipocrisia e a vanglória**

**130.** <sup>1</sup>Mas se ele tinha em tanto apreço a alegria espiritual, evitava cuidadosamente a alegria fátua, convencido como estava de que, se é verdade que urge amar diligentemente aquilo que ajuda a avançar, muito mais se impõe evitar o que não deixa progredir. <sup>2</sup>Assim, procurava ele sufocar no próprio embrião os pruridos da vanglória, não deixando sobreviver, um instante sequer, coisa alguma que pudesse ofender os olhos do Senhor. <sup>3</sup>Muitas vezes, vendo-se enaltecido, sofria e gemia, assumindo um ar triste e grave.

<sup>4</sup>Certo dia de Inverno, em que o Santo, para agasalhar o pobre corpo, não dispunha senão de uma túnica reforçada com toscos remendos ao acaso<sup>212</sup>, o guardião, que era também seu companheiro, comprou uma pele de raposa e entregou-lha, dizendo: <sup>5</sup>«Pai, andas tão doente do baço e do estômago que por caridade te peço, em nome do Senhor, deixes coser este forro por dentro do

---

<sup>210</sup> Cf. 2C 116.

<sup>211</sup> Reminiscência do Sl 62 «composto por David errando no deserto». Já em 1C 97 se encontra desenvolvido o mesmo tema.

<sup>212</sup> Cf. 2C 69.

hábito, ao menos na região do estômago, se a não quiseses usar toda».

<sup>6</sup> «Se me pedes que a use por dentro do hábito – respondeu Francisco –, terás de me arranjar outra igual para fora, pois quero que todos saibam que trago uma escondida comigo». <sup>7</sup> Ouve isto o irmão e não concorda. Insiste e nada consegue. <sup>8</sup> Por fim, o guardião cede e manda coser os dois forros, para que Francisco não parecesse por fora aquilo que não era por dentro.

<sup>9</sup> Que belo exemplo de coerência! Que perfeita identidade de palavras e de vida! Sempre o mesmo por dentro que por fora, e tanto na condição de súbdito como na de superior! <sup>10</sup> Só no Senhor te gloriavas<sup>213</sup>, Pai, e nenhuma outra glória apetecias, quer entre estranhos, quer entre irmãos.

<sup>11</sup> Longe de mim querer magoar os que usam peles, pelo facto de eu aqui dizer que uma pele substituiu outra<sup>214</sup>. É que já outros, por terem perdido a túnica da inocência, se viram obrigados a recorrer a túnicas de pele<sup>215</sup>.

## CAPÍTULO XCIV

### Confessa-se hipócrita

**131.** <sup>1</sup> Por alturas do Natal, aconteceu ter ele convidado o povo para um sermão, junto ao ermitério de Poggio Bustone. E começou com estas palavras: <sup>2</sup> «Vós tendes-me por santo e, por isso, aqui estais devotamente. Mas eu confesso-vos que em toda esta Quaresma<sup>216</sup> tomei alimentos preparados com banha». <sup>3</sup> Atribuía assim aos caprichos da gula o que só a enfermidade obrigava a aceitar.

---

<sup>213</sup> 1Cor 1, 31.

<sup>214</sup> Job 2, 4.

<sup>215</sup> Gn 3, 21.

<sup>216</sup> A Regra prescreve o jejum desde a festa de Todos os Santos até ao Natal. É a Quaresma chamada de São Martinho (LP 40) ou do Advento.

## CAPÍTULO XCV

**Acusa-se de vanglória**

**132.** <sup>1</sup>Com igual intransigência e candura revelava publicamente as tentações de vanglória que lhe assaltavam o espírito. <sup>2</sup>Um dia, atravessando Assis, foi-lhe ao encontro uma velhinha a pedir esmola. <sup>3</sup>Como não tinha mais que lhe dar além do manto, com pronta generosidade lho entregou. <sup>4</sup>E como se lhe infiltrasse na alma uma certa vã complacência, diante de todos confessou que se tinha deixado arrastar pela estulta vaidade.

## CAPÍTULO XCVI

**Como respondia aos seus admiradores**

**133.** <sup>1</sup>Procurava guardar no segredo do coração os dons do Senhor, não desejando que, por expô-los à admiração pública, lhe servissem de ruína para a alma. <sup>2</sup>E como, efectivamente, muitos eram os que o louvavam amiúde, respondia-lhes com palavras como estas: «Não queirais louvar-me como a quem está seguro de si. Ainda posso ter filhos e filhas! Não se deve louvar ninguém, enquanto estiver incerto do seu fim. <sup>3</sup>Se quem faz o empréstimo retira o que emprestou, restarão apenas o corpo e a alma, coisas que até um infiel possui». <sup>4</sup>Isto respondia ele aos que o louvavam. E a si mesmo dizia: <sup>5</sup>«Francisco, se um ladrão tivesse recebido do Altíssimo tão grandes graças como as que te dispensou a ti, muito mais agradecido ele seria»<sup>217</sup>.

## CAPÍTULO XCVII

**Palavras do Santo contra aqueles que a si mesmo se louvam**

**134.** <sup>1</sup>Dizia muitas vezes a seus irmãos: «Ninguém deve jactar-se ou felicitar-se injustamente por aquilo que até um pecador

---

<sup>217</sup> Cf. 2C 123.

pode fazer». <sup>2</sup>E explicava: «O pecador pode jejuar, orar, chorar, macerar o corpo. <sup>3</sup>Mas de uma coisa não é capaz: ser fiel ao Senhor. <sup>4</sup>Portanto, só nisto nos podemos gloriar: em devolver a Deus a sua glória, ou, como seus fiéis servidores, em lhe atribuir quanto nos dá. <sup>5</sup>A carne é o maior inimigo do homem<sup>218</sup>: é incapaz de repensar o passado para dele se doer, e nada sabe prever para se acautelar. <sup>6</sup>O seu único afã é desfrutar abusivamente do presente. <sup>7</sup>E, o que é pior – acrescentava –, usurpa os dons outorgados à alma, como se a ela fossem dispensados. <sup>8</sup>Mais: a carne recolhe os louros das virtudes e desvia em seu proveito a admiração das gentes pelas orações e vigílias. <sup>9</sup>Nada deixa à alma, e até das próprias lágrimas quer tirar dividendos.

## A OCULTAÇÃO DAS CHAGAS

### CAPÍTULO XCVIII

#### **O que respondeu a um irmão acerca das chagas e o cuidado em as ocultar**

**135.** <sup>1</sup>Não é possível passar em silêncio o cuidado que sempre pôs em ocultar os gloriosos sinais do Crucificado, dignos até da veneração dos espíritos celestes. <sup>2</sup>Cedo transfigurado pelo amor de Cristo na própria imagem do Amado, já este divino amante se empenhara de tal modo em dissimular o seu tesouro, que nem os seus mais íntimos tiveram dele conhecimento durante largo tempo<sup>219</sup>. <sup>3</sup>Todavia, não quis a Providência que permanecessem ocultas e sem que eles as vissem. <sup>4</sup>Até a circunstância de se encontrarem em sítios bem visíveis do corpo para isso contribuiu. <sup>5</sup>Um dos companheiros que viu em certa altura as chagas dos pés disse-lhe: <sup>6</sup>«Que é isto, bom irmão?» E ele, de volta: «Trata da tua vida!».

---

<sup>218</sup> Cf. Ex 10 e 12; 1R 17 e 22, etc.

<sup>219</sup> A mesma afirmação em 1C 95 e 98

**136.** <sup>1</sup> Outra vez, o mesmo irmão pede ao Santo a túnica para a limpar. Vendo-a manchada de sangue, pergunta-lhe: «Que sangue é este na túnica?» <sup>2</sup> O Santo, levando o indicador a um dos olhos, respondeu: «Pergunta-me o que é isto, se não sabes o que é um olho».

<sup>3</sup> Raro era que lavasse as mãos totalmente: mergulhava apenas os dedos na água, para não descobrir o segredo a ninguém<sup>220</sup>; <sup>4</sup> mais raramente e com maior circunspeção, os pés. <sup>5</sup> Se lhe pediam a mão para a beijarem, não descobria senão metade, ou seja, os dedos apenas, o indispensável para deporem o beijo, mas outras vezes estendia as mangas do hábito, em vez da mão. <sup>6</sup> Para não mostrar os pés chagados, calçava peúgas de lã, não sem primeiro ligar as feridas com uma pele que lhe mitigava a aspereza do tecido. <sup>7</sup> E embora o santo Pai não pudesse encobrir as chagas dos pés e das mãos aos companheiros, desgostava-se de que alguém lhas observasse. <sup>8</sup> Por isso, quando o Santo se via na necessidade de descobrir as mãos ou os pés, os companheiros desviavam prudentemente os olhos.

## CAPÍTULO XCIX

### **Estratagema de que se serviu um irmão para as ver**

**137.** <sup>1</sup> Enquanto o varão de Deus residia em Sena, chegou à cidade um irmão de Brescia. Ansioso por ver as chagas ao Santo Pai, pede com insistência ao irmão Pacífico lhe obtenha essa oportunidade. <sup>2</sup> Ao que este lhe propõe: «Quando estiveres para ir embora, eu lhe pedirei que me dê as mãos a beijar e, apenas mas tenha dado, eu te farei sinal com os olhos para que as vejas»<sup>221</sup>.

<sup>3</sup> Preparados já para sair, ambos vão ter com o Santo, e Pacífico, de joelhos, pede a S. Francisco: «Abençoa-nos, mãe caríssima<sup>222</sup>, e dá-me a tua mão a beijar». <sup>4</sup> Estendendo-lha ele um tanto contrariado, Pacífico beija-a e faz sinal ao companheiro para que a

---

<sup>220</sup> Mais tarde, Francisco usou mitenes (LM 13, 8).

<sup>221</sup> Cf. 1C 105. Quase cego, Francisco não pôde dar-se conta do logro.

<sup>222</sup> Sobre este vocativo, cf. RE.

observe. <sup>5</sup>Pede-lhe em seguida a outra mão, beija-a também e mostra-a ao companheiro. <sup>6</sup>Estavam já ambos para sair, quando o Pai entrou a suspeitar que havia caído numa piedosa armadilha, como na verdade acontecera. <sup>7</sup>Tendo por irreverente a piedosa curiosidade, manda chamar imediatamente o irmão Pacífico e repreende-o: «Que o Senhor te perdoe, irmão, já que, por vezes me dás bem que sofrer»<sup>223</sup>. <sup>8</sup>Pacífico prostra-se por terra e pergunta humildemente: «Que pena te causei, mãe queridíssima?» E como Francisco não desse qualquer resposta, o incidente caiu no silêncio.

## CAPÍTULO C

### Como um irmão viu a chaga do lado

**138.** <sup>1</sup>Embora as feridas das mãos e dos pés fossem conhecidas de alguns devido à posição das mesmas, bem visíveis a todos, ninguém, todavia, foi digno de ver a do lado, salvo um só e uma só vez, enquanto viveu. <sup>2</sup>Sempre que mandava limpar a túnica, tapava a chaga do lado com o braço direito ou levava a mão esquerda ao lado ferido, mantendo-a escondida. <sup>3</sup>Mas, um dia, ao massajá-lo um seu companheiro<sup>224</sup>, deixou este escorregar a mão sobre a ferida, causando-lhe uma dor muito viva.

<sup>4</sup>Um outro irmão, que andava cheio de curiosidade por saber o que estava escondido aos olhos dos demais, disse um dia ao santo Pai: «Pai, queres que eu te limpe a túnica?» Respondeu-lhe o Santo: <sup>5</sup>«O Senhor te recompense, irmão, que, na verdade, bem preciso». <sup>6</sup>E enquanto o Pai despia o hábito, observou-o o irmão atentamente e viu a chaga impressa no lado. <sup>7</sup>Só este a viu em vida do Santo e ninguém mais, até à sua morte.

---

<sup>223</sup> S. Francisco tinha ainda na memória o episódio recente da cítara em Rieti.

<sup>224</sup> Era frei Rufino (1C 95). O outro, de quem se falará em seguida, é Elias; o texto de Celano distingue bem entre Elias, que viu a ferida, e Rufino, que a tocou.

## CAPÍTULO CI

**A virtude deve permanecer escondida**

**139.** <sup>1</sup> Assim renunciava este homem a toda a glória que não tivesse o sabor de Cristo; assim fulminava com repúdio radical os aplausos dos homens. <sup>2</sup> Sabia que o preço da fama era o esbanjamento do tesouro da consciência, e que muito mais perigoso é abusar das virtudes do que não as possuir. <sup>3</sup> Sabia igualmente que há mais perfeição em conservar as graças adquiridas do que em procurar outras novas.

<sup>4</sup> Desgraçadamente para nós, é menos a caridade do que a vaidade e o aplauso do mundo o que nos move e prevalece sobre o amor de Cristo. <sup>5</sup> Não arbitramos as nossas tendências, não sabemos de que espírito somos, e sendo a vaidade o único móbil das nossas acções, ousamos acreditar que só a caridade nos impele. <sup>6</sup> Mais: se algum bem chegamos a fazer, por modesto que seja, não conseguimos suportar-lhe o peso<sup>225</sup>; durante a vida o vamos aliando, e assim o perdemos na viagem para o último porto. <sup>7</sup> Suportamos com paciência não ser bons; mas é-nos intolerável não o parecermos ou não sermos tidos por tais. <sup>8</sup> Assim, vivemos totalmente dependentes dos louvores dos homens. Ao fim e ao cabo não somos senão homens.

## A HUMILDADE

## CAPÍTULO CII

**Humildade de S. Francisco nas suas atitudes.****Como se julgava a si mesmo. Contra o amor próprio.**

**140.** <sup>1</sup> A humildade é a garantia e o adorno de todas as virtudes. <sup>2</sup> Edifício espiritual que a não tenha por fundamento, ainda que pareça erguer-se, termina em derrocada.

---

<sup>225</sup> Job 31, 23.



<sup>3</sup>Para que nada faltasse a este homem de Deus, cumulado já de tantas graças, nele superabundava a humildade de um modo muito particular. <sup>4</sup>Em seu entender, não passava de um pecador; na verdade, foi um deslumbrante exemplo da mais acrisolada santidade. <sup>5</sup>A si mesmo se edificou esforçadamente sobre o rochedo da humildade, conforme aprendera de Cristo<sup>226</sup>. <sup>6</sup>Esquecendo o que havia ganho, só tinha olhos para as suas faltas, convencido de serem estas muito mais numerosas do que os méritos. <sup>7</sup>Uma só coisa ambicionava: ser melhor, adquirir novas virtudes, sem jamais se contentar com as já conquistadas.

<sup>8</sup>Foi humilde no hábito, mais humilde nos sentimentos, humilíssimo no conceito que de si próprio tinha. <sup>9</sup>Nada, a não ser esta fulgentíssima pérola, denunciava neste príncipe de Deus o cargo de superior; grande aos olhos de Deus, era o mais pequeno entre os Menores. <sup>10</sup>Esta a sua virtude, este o seu título, esta a sua insígnia de Ministro Geral. <sup>11</sup>Ignorava as palavras altaneiras, os gestos cerimoniosos, as encenações faustosas. <sup>12</sup>Ele que, por revelação, tinha chegado à compreensão de tantas coisas, de bom grado se submetia ao parecer dos outros. <sup>13</sup>Tinha por mais seguro o conselho dos companheiros e, melhor que o próprio, o parecer dos demais. <sup>14</sup>«Não deixa tudo pelo Senhor – costumava ele dizer – quem para si reserva a bolsa do seu modo de pensar<sup>227</sup>». <sup>15</sup>Preferia, enfim, a censura ao louvor, porque a censura obriga à emenda e o louvor arrasta à queda.

## CAPÍTULO CIII

### A sua humildade diante do bispo de Terni e de um aldeão

**141.** <sup>1</sup>Um dia, estando ele a pregar ao povo de Terni, o bispo da cidade, terminado o sermão, levantou-se para o felicitar publicamente<sup>228</sup>. Disse-lhe ele: «Nestes últimos tempos, quis Deus

---

<sup>226</sup> Mt 2, 29; cf 1 Cor 3; Heb 6, 1.

<sup>227</sup> Ex 4.

<sup>228</sup> Rainério, nomeado bispo daquela cidade por Honório III em 1218. Note-se que, ao contrário dos hereges do seu tempo, Francisco pregava diante dos bispos, nunca contra eles, e sempre com sua licença. Cf. 2C 147 e 2R 9.

ilustrar a sua Igreja escolhendo este homem pobrezinho, desprezível, simples e sem letras. <sup>2</sup>Isto nos obriga a louvar sempre o Senhor, sabendo que nenhum outro povo foi assim favorecido».

<sup>3</sup>A estas palavras ficou o Santo deveras entusiasmado: o bispo acabava de declarar expressamente que ele era um homem desprezível. <sup>4</sup>Apenas entraram na igreja, lançou-se-lhe aos pés, dizendo: «Verdadeiramente, grande foi a honra que me dispensaste, senhor bispo, pois enquanto os outros me tiram o que me pertence, só tu deixas intacto o que é meu. <sup>5</sup>Quero dizer: como homem de discernimento, soubeste distinguir o precioso do vil e deste a Deus o louvor e a mim o desprezo».

**142.** <sup>1</sup>Mas o varão de Deus não só se mostrava humilde com os grandes, como com os iguais e de condição inferior, e mais prontamente aceitava ser admoestado e corrigido do que admoestar e corrigir.

<sup>2</sup>Um dia, seguia ele montado num jumento (a debilidade e os achaques não lhe consentiam andar a pé), quando, ao atravessar a propriedade de um lavrador que andava no amanho da terra, este correu ao seu encontro e lhe perguntou com vivo interesse se era acaso o irmão Francisco. <sup>3</sup>E como o varão de Deus respondesse com humildade ser ele mesmo, disse-lhe o lavrador: <sup>4</sup>«Pois então trata de ser aquilo que os outros dizem de ti, pois muitos são os que em ti acreditam. Vê lá, pois, não nos desiludas».

<sup>5</sup>Francisco, ao ouvir tais palavras, desceu do burro e, pros-trando-se diante do aldeão, beijou-lhe humildemente os pés e agradeceu-lhe ter-se dignado admoestá-lo.

<sup>6</sup>Em conclusão: gozando embora da reputação de santo, tinha-se por vil aos olhos de Deus e dos homens. <sup>7</sup>Não só o não ensoberbeciam a fama e a santidade que realmente o distinguiam, como nem sequer o facto de possuir tão numerosos e santos irmãos e filhos como os que lhe tinham sido dados como prelúdio e antegozo da recompensa pelos seus méritos.

## CAPÍTULO CIV

**Como renunciou, durante um Capítulo, ao governo da Ordem.  
A oração que então pronunciou.**

**143.** <sup>1</sup>Para conservar a virtude da santa humildade, poucos anos depois da sua conversão renunciou nestes termos ao governo da Ordem, na presença de todos os irmãos reunidos em Capítulo: <sup>2</sup>«Desde agora morri para vós. Mas acrescentou – apresento-vos o irmão Pedro Catânio<sup>229</sup> a quem todos obedeceremos, vós e eu». <sup>3</sup>E inclinando-se em seguida diante dele, prometeu-lhe obediência e reverência. <sup>4</sup>Em vista disto, prorromperam os irmãos em choros e lamentos, sentindo-se de algum modo órfãos de um tal Pai. <sup>5</sup>Então, o bem-aventurado Francisco levantou-se e, de mãos postas e olhos no céu, disse: «Senhor, recomendo-te a família que até agora me confiaste. <sup>6</sup>Já não podendo cuidar dela por causa da enfermidade que tu, dulcíssimo Senhor, bem conheces, eu a confio aos Ministros. <sup>7</sup>A ti, Senhor, darão contas no dia do Juízo, se, por negligência, mau exemplo ou excessiva severidade, algum irmão vier a perder-se»<sup>230</sup>.

<sup>7</sup>Desde esse momento fez-se súbdito até à morte, comportando-se com maior humildade que todos os demais<sup>231</sup>.

## CAPÍTULO CV

**Como renunciou a ter acompanhantes particulares**

**144.** <sup>1</sup>Noutra ocasião pôs à disposição do seu Vigário os irmãos que o acompanhavam habitualmente<sup>232</sup>. «Não quero ter

---

<sup>229</sup> Discípulo da primeira hora, Pedro Catânio tinha sido cônego da catedral de Assis. Acompanhara Francisco ao Oriente e votava-lhe o maior respeito. Os seus estudos de direito em Bolonha valiam-lhe a confiança da ala erudita da Ordem. Foi Vigário Geral da Ordem de 29 de Setembro de 1220 a 10 de Março de 1221, data da sua morte.

<sup>230</sup> Cf. IR 4, 5-6.

<sup>231</sup> Cf. K. ESSER, *Das Ministerium generale des hl. Franziskus von Assisi*, FS 33 (1951) p. 329-348.

privilégios especiais que me distingam dos irmãos. De futuro, acompanhem-me os irmãos de um para outro lugar, conforme o Senhor lhes inspirar. <sup>2</sup>Certa ocasião – acrescentou –, vi passar um cego que tinha como guia único um cachorrinho»<sup>233</sup>.

<sup>3</sup>Era esta, com efeito, a sua glória: rechaçar toda a aparência de singularidade e ostentação, para nele só habitar a virtude de Cristo.

## CAPÍTULO CVI

### **Contra aqueles que aspiram a cargos. Retrato do verdadeiro frade menor.**

**145.** <sup>1</sup>Vendo que alguns aspiravam aos cargos da Ordem<sup>234</sup>, quando esta ambição, por si só (além do mais) já os tornava bastante indignos, recusava-se a considerá-los irmãos Menores, pois tinham desse modo esquecido a sua vocação e não mereciam a glória que ela confere. <sup>2</sup>Lançava frequentes diatribes contra alguns, bem dignos de compaixão, que levavam a mal ser removidos dos seus ofícios, quando, afinal, o que buscavam não era a carga mas o cargo.

<sup>3</sup>Certa vez, disse a um companheiro: «Não me julgaria frade menor se não estivesse disposto ao que te vou dizer: <sup>4</sup>Supõe lá, por exemplo, que, tendo eu o governo dos irmãos, vou ao Capítulo, faço-lhes um sermão, dou os meus avisos e, terminados estes, levantam-se contra mim: <sup>5</sup>«Não nos convém um homem iletrado e desprezível; portanto, não te queremos para superior, porque tu não sabes falar, és um simples e um ignorante». <sup>6</sup>Por fim, sou vergonhosamente posto na rua e humilhado por todos. <sup>7</sup>Digo-te: se, ao ouvir estas palavras, eu não conservar o mesmo rosto, a mesma alegria de alma, o mesmo propósito de santidade, não serei de nenhum modo um frade menor»<sup>235</sup>.

---

<sup>232</sup> Francisco, quase cego e em extremo debilitado, andava sempre acompanhado de um ou vários irmãos que o conduziam e tratavam. Cf. 1C 102.

<sup>233</sup> «Não quero ter melhor sorte do que ele», acrescenta o EP 40.

<sup>234</sup> Cf 1C 104.

<sup>235</sup> Cf. Ex 20; Fl 8:

<sup>8</sup>E acrescentava: «O cargo de superior é uma ocasião de queda; o louvor, um precipício. A humildade do súbdito, pelo contrário, é uma fonte de merecimentos. <sup>9</sup>Por que então desejamos o risco mais do que o proveito, se para nos enriquecer é que esta vida nos foi dada?»

## CAPÍTULO CVII

### **Quer que os irmãos se submetam ao clero e explica porquê**

**146.** <sup>1</sup>Queria ele que os seus filhos vivessem em paz com todos os homens e diante de todos se apagassem como meninos. Mas era em relação aos clérigos que ele, pela palavra e pelo exemplo, mais inculcava nos seus a humildade.

<sup>2</sup>«Nós – repetia – fomos enviados em auxílio do clero para salvar as almas, e o que ele não conseguir fazer teremos de o fazer nós. <sup>3</sup>Cada qual receberá a recompensa em conformidade, não com a sua autoridade, mas com o seu trabalho. <sup>4</sup>Sabei, irmãos, que o bem das almas é muito mais agradável a Deus, e que melhor ele se alcança pela colaboração em paz com o clero do que pela discórdia. <sup>5</sup>Se eles impedirem que o povo seja salvo, é a Deus que está reservado o direito de punir<sup>236</sup>, e o castigo chegará na hora própria. <sup>6</sup>Sede pois submissos aos prelados, e assim evitareis da vossa parte a emulação e o despeito. <sup>7</sup>Se fordes filhos da paz<sup>237</sup>, ganhareis para o Senhor o povo e o clero. E será isso mais agradável a Deus do que atrair e ganhar o povo, escandalizando o clero».

<sup>8</sup>E concluía: «Dissimulai as suas quedas, supri as suas muitas faltas e, quando isto houverdes feito, mais humildes sereis».

---

<sup>236</sup> Ex 26.

<sup>237</sup> Lc 10, 6.

## CAPÍTULO CVIII

**Respeito testemunhado ao bispo de Imola**

**147.** <sup>1</sup> Passando um dia por Imola, na Romanha, apresentou-se ao bispo para lhe pedir licença de pregar.

– <sup>2</sup> «Irmão – respondeu-lhe o bispo – para isso basto eu!»

<sup>3</sup> S. Francisco baixou a cabeça e saiu humildemente. Daí a nada voltou a entrar.

– <sup>4</sup> Que queres, irmão? – perguntou-lhe o bispo. – Que licença insistes em pedir?

– <sup>5</sup> Senhor, se um pai expulsa um filho por uma porta, ele tem necessariamente de entrar por outra».

<sup>6</sup> Vencido por tanta humildade, sorridente, o bispo abraçou-o, exclamando: «De hoje em diante, tu e os teus irmãos, estais plenamente autorizados a pregar na minha diocese, já que assim o mereceu a tua santa humildade».

## CAPÍTULO CIX

**Encontro com São Domingos.  
Humildade e caridade recíprocas.**

**148.** <sup>1</sup> São Domingos e São Francisco, esses dois luminares do mundo, encontraram-se um dia em Roma, em casa do bispo de Óstia, que veio a ser depois Sumo Pontífice<sup>238</sup>.

<sup>2</sup> Ouvindo-os falar entre si com tanta doçura, disse por fim o bispo: «Na Igreja primitiva os pastores eram pobres, transbordavam de caridade e não de cupidez. <sup>3</sup> Por que não escolher para bispos e prelados aqueles de vossos irmãos que sobressaem pela sua doutrina e bom exemplo?»

<sup>4</sup> Logo porfiaram os dois santos em dar resposta, não para a tirarem da boca um do outro, mas para a cederem mutuamente, sendo que cada qual achava que o outro lhe era superior e, portanto, devia ter a palavra. <sup>5</sup> Finalmente, venceu a humildade em

---

<sup>238</sup> O encontro teve lugar nos começos de 1221, alguns meses antes da morte de São Domingos (6 de Agosto).

Francisco, que preferiu calar-se para ficar na sombra, e venceu também em Domingos, porque obedeceu humildemente e respondeu em primeiro lugar.

<sup>6</sup>Disse então Domingos ao bispo: «Senhor, o lugar ocupado por meus irmãos é já bastante nobre se o souberem reconhecer, e, portanto, enquanto de mim depender, não permitirei que assumam qualquer outra dignidade». <sup>7</sup>Depois de tão concisa resposta, o bem-aventurado Francisco inclinou-se diante do bispo e disse: «Os meus irmãos chamam-se Menores exactamente para que não aspirem a ser maiores. <sup>8</sup>A sua vocação<sup>239</sup> é ficarem rentes ao chão e seguirem os passos da humildade de Cristo, para finalmente serem exaltados acima dos outros na assembleia dos santos. <sup>9</sup>Se quereis que dêem frutos na Igreja de Deus – acrescentou –, mantende-os e conservai-os adentro da sua vocação e puxai-os cada vez mais para baixo, se quiserem elevar-se. <sup>10</sup>Por isso, Pai, eu te peço que jamais consintas sejam promovidos a dignidades que os tornem insolentes e mais soberbos do que pobres».

Estas foram as respostas dos dois Santos.

**149.** <sup>1</sup>E vós, filhos de Santos, que dizeis vós? <sup>2</sup>O ciúme e a inveja denunciavam-vos como filhos degenerados; a ambição das honras são a prova do vosso abastardamento. <sup>3</sup>Mordeis-vos e devorais-vos mutuamente. Todas as vossas rivalidades provêm apenas de um conflito de interesses. <sup>4</sup>Deveríeis lutar contra o poder das trevas, combater rudemente contra os esquadrões dos demónios e, afinal, é a vós próprios que vos degladiais. Os vossos pais, colocados de cada lado do propiciatório<sup>240</sup>, olhavam-se com afeição, cheios de sabedoria; mas os filhos, cheios de inveja, nem sequer suportam olhar uns para os outros. <sup>5</sup>Que fará o corpo, se o coração estiver dividido? <sup>6</sup>Pregais a santidade no universo inteiro, mas muitos mais frutos poderíeis colher, se os laços da caridade unissem estreitamente os ministros da palavra de Deus. <sup>7</sup>Tudo

---

<sup>239</sup> Quer dizer, simultaneamente, o nome de menores e o chamamento de Deus. O vocábulo latino *vocatio* possui aqui este duplo sentido.

<sup>240</sup> Êx 25, 27. O propiciatório era uma placa de ouro maciço colocada sobre a arca da Aliança; nas duas extremidades tinha dois querubins que se olhavam de frente. Era tido pelo escabelo do trono de Javé.

quanto dissermos ou ensinarmos se há-de tornar sumamente suspeito, se forem evidentes os sinais de existir entre nós algum fermento de malquerença. <sup>8</sup>Sei muito bem que há inocentes de um e outro lado, e não são esses que ponho em causa; mas há os maus espíritos, e entendo que seria justo expulsá-los, para que os santos não venham a ser contaminados.

<sup>9</sup>Que dizer, enfim, dos que apeteçam altos postos? <sup>10</sup>Os pais alcançaram o Reino pelos caminhos da humildade e não da soberba; os filhos, esses, giram pelos labirintos da ambição e não buscam o caminho da cidade onde têm a morada. Que é, então, legítimo esperar? <sup>11</sup>Que, se não seguirmos o caminho dos pais, não partilharemos da sua glória.

Que tal não aconteça, Senhor! <sup>12</sup>Faz-nos discípulos humildes de tão humildes mestres; faz-nos fraternos e benévolos, consanguíneos que somos pelo espírito, e possas ver os filhos dos teus filhos e a paz sobre Israel<sup>241</sup>.

## CAPÍTULO CX

### Como se recomendaram um ao outro

**150.** <sup>1</sup>Terminadas as respostas dos servos de Deus, conforme referimos, ficou o senhor bispo de Óstia muito edificado com elas e deu imensas graças a Deus. <sup>2</sup>Ao despedir-se, o bem-aventurado Domingos pediu a S. Francisco se dignasse oferecer-lhe o cordão com que se cingia. <sup>3</sup>Não lho cedeu S. Francisco senão ao cabo de muita resistência, tão humilde em recusar, como São Domingos foi afectuoso em pedir. <sup>4</sup>Venceu, todavia, a santa perseverança do

---

<sup>241</sup> SI 127, 6. Precisamente quando Celano escreve estas linhas, em 1246, o Mestre Geral dos Pregadores, João Teutão, acaba de expedir uma encíclica exortando os súbditos à estima e compreensão dos irmãos Menores. Em 1255, João de Parma, Ministro Geral dos Franciscanos, e Humberto de România, Mestre Geral dos Dominicanos, escreveram uma circular em comum, convidando à paz e à união os membros de ambas as Ordens. Todos estes conflitos entre irmãos não impediram que «o beijo de Domingos e de Francisco se tivesse transmitido de geração em geração nos lábios dos seus pósteros», (LACORDAIRE, *Vie de Saint Dominique*, Paris 1860 p. 254.). No canto XI do *Paraíso*, DANTE exalta S. Francisco pela boca de São Tomás, e São Domingos pela de São Boaventura.



requerente, acabando este por se cingir com a corda do santo Pai com enormíssima devoção. <sup>5</sup> Por último, ambos se despediram, dando-se as mãos e recomendando-se efusivamente um ao outro. <sup>6</sup> E o Santo disse ao Santo: «Irmão Francisco, desejaria que a tua Ordem e a minha fossem uma só e vivêssemos no seio da Igreja com a mesma forma de vida»<sup>242</sup>.

<sup>7</sup> Por último, quando já se despediam, São Domingos disse aos circunstantes, que eram muitos: «Em verdade vos digo que todos os religiosos deveriam seguir este santo homem, tão grande e tão perfeita é nele a santidade».

## A OBEDIÊNCIA

### CAPÍTULO CXI

#### **Como, para praticar a obediência, quis ter sempre um Guardião**

**151.** <sup>1</sup> Qual astuto mercador, desejando o bem-aventurado Pai ganhar de muitas maneiras e tornar lucrativa<sup>243</sup> toda a sua vida terrena, quis submeter-se às rédeas da obediência e aceitar a autoridade dos outros. <sup>2</sup> E assim, para mais meritória se tornar a obediência, não só renunciou ao ofício de Geral, como pediu também um guardião particular<sup>244</sup>, a quem reverenciasse constantemente como a seu superior. <sup>3</sup> Assim, pois, disse ao irmão Pedro Catânio, a quem tempos atrás tinha prometido obediência<sup>245</sup>: «Por amor de Deus te peço designes um dos meus companheiros que faça as tuas vezes e a quem eu obedeça com todo o coração como a ti mesmo. <sup>4</sup> Conheço bem – acrescentou – as vantagens da obediência: uma vez vergada a cerviz ao seu jugo, nenhum instante deixará de nos ser proveitoso».

---

<sup>242</sup> Seria interessante saber como S. Francisco torneou a proposta. Nenhum texto no-lo diz.

<sup>243</sup> Mt 13, 45.

<sup>244</sup> T 27.

<sup>245</sup> Cf. 2C 143.

<sup>5</sup> Aceite o pedido, em toda a parte, até à morte, permaneceu submisso, obedecendo sempre com respeito ao guardião. <sup>6</sup> Um dia, declarou aos companheiros: «Entre todas as graças que a divina bondade se dignou conceder-me, obtive a de obedecer com igual prontidão a um noviço de uma hora apenas, que me fosse dado por guardião, como a um outro irmão já provecto e experimentado. <sup>7</sup> O súbdito – acrescentou – deve considerar no seu superior não o homem, mas Aquele por amor de quem se tornou súbdito. <sup>7</sup> Quanto menos digno for o superior, mais grata será a Deus a humildade de quem obedece».

## CAPÍTULO CXII

### **Retrato do verdadeiro obediente. As três espécies de obediência.**

**152.** <sup>1</sup> Noutra ocasião, estando o bem-aventurado Francisco sentado no meio dos companheiros, disse entre suspiros: «A custo se encontrará no mundo inteiro um religioso que obedeça perfeitamente a seu superior». <sup>2</sup> Vivamente picados, perguntaram os companheiros: «Diz-nos, Pai, qual é então a perfeita e suma obediência?»

<sup>3</sup> Recorrendo ao símile do cadáver, assim descreveu o verdadeiro obediente: <sup>4</sup> «Pegai num cadáver e colocai-o onde quiserdes. Vereis que não resiste a ser removido, que não se queixa do sítio onde o põem, nem protesta se é afastado. <sup>5</sup> Se o põem numa cadeira, não olhará para cima mas para baixo; se o vestem de púrpura, há-de parecer duas vezes mais pálido. <sup>6</sup> É este – acrescentou – o verdadeiro obediente: não inquire das razões porque é mudado, não se lhe dá do lugar onde o colocam, não insiste para que o removam. <sup>7</sup> Se lhe dão um cargo, mantém a humildade habitual, e, quanto mais o honram, menos digno se considera».

<sup>8</sup> Um dia, abordando o mesmo assunto, disse que a licença que se concede por ter sido solicitada pelo interessado é propriamente licença, ao passo que a licença que é dada sem ser pedida é obediência autêntica e santa. <sup>9</sup> Ambas são boas, dizia ele, mas a segunda

confere maior segurança<sup>246</sup>. <sup>10</sup> Todavia, a mais perfeita de todas, aquela em que não intervém nem a carne nem o sangue, é a obediência pela qual se vai «por divina inspiração para entre infiéis», quer pelo zelo da salvação do próximo, quer pelo desejo do martírio. <sup>11</sup> Pedir esta obediência<sup>247</sup> era, para ele, um acto muito agradável a Deus.

## CAPÍTULO CXIII

### **Sem razão grave não se deve mandar em nome da obediência**

**153.** <sup>1</sup> Em seu entender, só raramente se deve mandar em nome da obediência e nunca desferir logo, às primeiras, o que deverá ser o último dardo. <sup>2</sup> «Não se deve – repetia – levar logo a mão à espada»<sup>248</sup>. Mas, por outro lado, quem se não apressa em cumprir o preceito da obediência, esse nem teme a Deus, nem respeita os homens<sup>249</sup>.

<sup>3</sup> Nada mais verdadeiro. De facto, que é a autoridade em mãos de um superior temerário, senão uma espada na mão de um louco? Por outra parte, haverá situação mais desesperada que a do religioso que despreza a obediência?

---

<sup>246</sup> Cf. 1C 45.

<sup>247</sup> Todo este parágrafo joga continuamente com o duplo sentido da palavra obediência: ordem imposta e acto de obedecer. Aqui, S. Francisco pretende dizer que, embora o religioso tenha pedido para ir para as missões, esse pedido não deve figurar na primeira categoria (a das licenças), pois não é a carne que o formula, mas o espírito. Cf. 1R 16 e 2R 12.

<sup>248</sup> Francisco mantém a mesma atitude relativamente aos pedidos «em nome de Deus». Desagradava-lhe sobremaneira que, por tudo e por nada, se empregasse inutilmente esta expressão, e muitas vezes corrigia disso os irmãos. «É tão sublime – dizia – o amor de Deus, que não se deveria pronunciar senão raras vezes, com verdadeira necessidade e com suma reverência» (EP 34).

<sup>249</sup> Regra de São Bento, cap. V.

## CAPÍTULO CXIV

**Como lançou ao fogo o capelo de um frade que foi até ele por devoção, mas sem licença**

**154.** <sup>1</sup>A um irmão que tinha chegado sozinho e sem licença para o visitar, ordenou o Santo que lhe tirassem o capelo e o lançassem ao fogo. <sup>2</sup>Ao verem o rosto um tanto irado do Pai, ninguém se atreveu a arrancá-lo das chamas, mas o Santo mandou que o retirassem e ele saiu incólume.

<sup>3</sup>Ainda que os méritos do Santo fossem mais que suficientes para um tal prodígio, talvez não tenham contribuído menos os do irmão, <sup>4</sup>já que este fora vencido pelo devoto desejo de ver o Pai santíssimo. Faltou-lhe, porém, a discrição, disciplinadora única de todas as virtudes.

## O BOM E O MAU EXEMPLO

## CAPÍTULO CXV

**O bom exemplo de um irmão.  
Como os primeiros irmãos se reconciliavam.**

**155.** <sup>1</sup>Afirmava que os irmãos menores tinham sido enviados pelo Senhor nestes últimos tempos<sup>250</sup>, para que os seus exemplos levassem luz aos que estavam sepultados nas trevas do pecado. <sup>2</sup>Costumava dizer que se sentia penetrado de suavíssima fragrância e ungido de precioso bálsamo<sup>251</sup>, quando ouvia falar das obras virtuosas dos santos irmãos dispersos pelo mundo.

<sup>3</sup>Ora aconteceu, certo dia, que um irmão, chamado Bárbaro, ofendeu um confrade com uma palavra injuriosa na presença de um nobre da ilha de Chipre. <sup>4</sup>Mas, ao dar-se conta de que o irmão ficara magoado com a aspereza das suas palavras, e ardendo no desejo de se vingar de si mesmo, pegou no esterco de um asno,

---

<sup>250</sup> Cf. 2C 71, nt. 117.

<sup>251</sup> Ex 29, 18; Jo 12, 3; Mt 26, 7; Act 2, 11.

meteu-o à boca e disse: <sup>5</sup>«Mastigue esterco a boca maldita que lançou o veneno da cólera contra o meu irmão». <sup>6</sup>O cavaleiro, atônito perante o que lhe era dado presenciar, dali partiu muito edificado e, desde esse dia, pôs-se generosamente à disposição dos irmãos com todos os seus haveres.

<sup>7</sup>Havia entre os irmãos este costume inviolável: se algum deles lançava contra o companheiro qualquer palavra que fosse motivo de perturbação, imediatamente se prostrava por terra e acariciava com santos beijos os pés do ofendido, ainda que este lhe resistisse.

<sup>8</sup>O Santo exultava de alegria quando atitudes destas chegavam ao seu conhecimento, pois via que os seus filhos davam por si próprios exemplos de santidade, e cumulava com as bênçãos mais escolhidas aqueles que, pela palavra e pelo exemplo, induziam os pecadores ao amor de Cristo. <sup>9</sup>Transbordando de zelo pela salvação das almas, queria ver os seus filhos possuídos do mesmo zelo.

## CAPÍTULO CXVI

### **Contra os que davam mau exemplo. Como ele sofria com a sua conduta.**

**156.** <sup>1</sup>Terrível era a maldição que reservava aos que violavam a santidade da Ordem com obras iníquas e maus exemplos.

<sup>2</sup>Contaram-lhe um dia que o bispo de Fondi tinha apostrofado dois irmãos que se lhe haviam apresentado com uma barba de comprimento desmesurado, a pretexto de maior desprezo de si mesmos: «Cuidado, não deslustreis a beleza da vossa Ordem com pretensiosas inovações de semelhante jaez!»

<sup>3</sup>O Santo levantou-se, imediatamente ergueu as mãos ao céu e, banhado em lágrimas, deixou escapar estas palavras de súplica, ou antes, de maldição: <sup>4</sup>«Senhor Jesus Cristo, cujos Apóstolos, escolhidos em número de doze, te permaneceram fiéis, apesar da defecção de um deles, e pregaram o Evangelho cheios do mesmo Espírito, <sup>5</sup>Tu, Senhor, recordado da antiga misericórdia, fundaste nesta derradeira hora a Ordem dos irmãos para reanimar a fé e realizar neles as exigências do teu Evangelho. <sup>6</sup>Quem satisfará por eles na tua presença se, no ministério para que foram enviados, não

só não derem exemplos que iluminem os homens, antes forem espectáculo de acções tenebrosas?»

<sup>7</sup> «De ti, Senhor santíssimo, e de toda a corte celeste e de mim, pobrezinho, sejam malditos todos aqueles que, pelo seu mau exemplo, confundem e destroem o que pelos santos irmãos desta Ordem edificaste e não cessas de edificar».

<sup>8</sup> Onde estão os que se gloriam de ter recebido a sua bênção e gozado dos favores da sua amizade? Infelizes deles se (o que Deus não permita!) não se arrependem do escândalo que deram, pondo em perigo o próximo com suas obras tenebrosas! Temam ao menos a eterna condenação<sup>252</sup>!

**157.** <sup>1</sup> «Os melhores dos irmãos – dizia – cobrem-se de vergonha com as acções dos maus frades, e ainda que pessoalmente não hajam pecado, serão julgados pelo mesmo procedimento dos maus. <sup>2</sup>Por isso, eles me traspassam com uma espada cruel e ma revolvem continuamente no coração». <sup>3</sup>Era sobretudo por isso que ele se subtraía à companhia dos irmãos; não queria que a sua dor se reavivasse com o que lhe fosse referido por algum deles.

<sup>4</sup>Costumava dizer também: «Tempos virão em que, por causa dos maus exemplos, esta Ordem tão querida de Deus há-de possuir uma bem triste reputação e os irmãos se hão-de envergonhar de sair a público. <sup>5</sup>Mas os que então chegarem a entrar na Ordem serão guiados unicamente pela graça do Espírito Santo, não os contaminarão nem a carne nem o sangue e serão verdadeiramente benditos de Deus. <sup>6</sup>Não realizarão, é certo, acções de grande mérito, porque o ambiente de caridade, que estimula o fervor dos santos, se terá esfriado; porém, tendo de sofrer terríveis tentações, os que de entre eles superarem a prova serão melhores que os seus predecessores. <sup>7</sup>Mas aí daqueles que, satisfeitos apenas com a aparência de vida religiosa, se entorpecerem na ociosidade, sem opor resistência contínua às tentações que Deus permite para provar os eleitos; <sup>8</sup>porque só aqueles que tiverem sido atribulados pela

---

<sup>252</sup> Tanto aqui como adiante, é clara a alusão a Fr. Elias, ainda excomungado quando Celano escrevia. Porém, os defensores do ex-Ministro Geral consideram interpoladas estas duas passagens. Cf. 1C 108, nt. 169 onde S. Francisco abençoa Fr. Elias.

maldade dos ímpios e vencerem a provação é que hão-de receber a coroa da vida».

## CAPÍTULO CXVII

### **Revela-lhe Deus o estado da Ordem e assegura-lhe que ela jamais perecerá**

**158.** <sup>1</sup>Mas era nas visitas do Senhor que ele recebia maiores consolações: delas saía convencido de que os fundamentos da sua Ordem permaneceriam firmes para sempre, <sup>2</sup>e nelas se lhe prometia também que novos escolhidos viriam ocupar o lugar dos que se perdiam.

<sup>3</sup>Como o Santo se tivesse perturbado certa ocasião com os maus exemplos, e perturbado se apresentasse na oração, interpe-lou-o o Senhor deste modo: «Por que te perturbas, homenzinho? <sup>4</sup>Acaso eu te constituí pastor da minha Ordem, para desconheceres que sou eu o seu principal dono e protector? <sup>5</sup>Por isso te escolhi, homem simples, para que aqueles que desejarem sigam as obras que em ti realizarei e devem ser imitadas por todos os outros. <sup>6</sup>Fui eu que vos chamei; a mim pertence defender-vos e apascentar-vos. Para reparar a queda de uns, chamarei outros, e se estes não existirem, eu mesmo os farei nascer. <sup>7</sup>Não te perturbes, antes trabalha por te salvar, que se a Ordem viesse um dia a reduzir-se a três irmãos apenas, permaneceria sempre firme sob a minha protecção». <sup>8</sup>Desde então costumava dizer que a virtude de um único santo podia mais que uma multidão de imperfeitos, tal como um só raio de luz dissipa as densas trevas.

## CONTRA O ÓCIO E OS OCIOSOS

## CAPÍTULO CXVIII

**Como soube, por divina revelação,  
quando era servo de Deus e quando não era**

**159.** <sup>1</sup>Desde que este homem, abandonando as coisas caducas, começou a unir-se intimamente ao Senhor, não quis desperdiçar a mais pequena fracção do tempo. <sup>2</sup>De facto, mesmo depois de ter acumulado abundantes méritos nos tesouros do Senhor, manteve sempre o fervor e paixão de um principiante, constantemente devotado às coisas do espírito. <sup>3</sup>Tinha por grave ofensa deixar passar algum momento sem o consagrar a uma obra boa; porque, não avançar continuamente, era recuar.

<sup>4</sup>Uma vez, em Sena, enquanto descansava na cela, chamou de noite os companheiros que dormiam e disse-lhes: «Roguei ao Senhor me fizesse saber quando verdadeiramente o sirvo e quando não. <sup>5</sup>Porque, na verdade, outra coisa não desejaria ser senão um seu servidor. E o Senhor, na sua imensa benevolência, dignou-se responder-me agora mesmo: “És meu verdadeiro servidor, quando pensas, dizes e ages santamente”. <sup>6</sup>Por isso vos chamei, irmãos; quero que sejais testemunhas da minha vergonha, se por vezes faltar nestas três coisas».

## CAPÍTULO CXIX

**Penitência prevista, na Porciúncula,  
para os palradores**

**160.** <sup>1</sup>Noutra altura, dando-se conta de que em Santa Maria da Porciúncula todo o fruto da oração se perdia imediatamente em conversas ociosas<sup>253</sup>, prescreveu este remédio contra os faladores:

---

<sup>253</sup> No texto, *otiosa verba*, ou seja, contos divertidos, historietas escabrosas e contarelos de entretem. Foi tal a sua voga na Idade Média, que chegou a provocar



<sup>2</sup> «Todo o irmão que proferir uma palavra ociosa ou inútil seja obrigado a dizer imediatamente a sua culpa e a recitar um Pai-Nosso pela sua alma. <sup>3</sup> Se tomar ele a iniciativa de se acusar, diga um Pai-Nosso pela sua alma; <sup>4</sup> se foi antes algum irmão que lha apontou, aplicá-lo-á por quem lha fez notar»<sup>254</sup>.

## CAPÍTULO CXX

### Operosidade do Santo e a sua detestação dos ociosos

**161.** <sup>1</sup> Costumava dizer que os preguiçosos que não se familiarizam com nenhuma espécie de trabalho serão vomitados da boca do Senhor<sup>255</sup>. <sup>2</sup> Nenhum ocioso podia aparecer na sua presença sem ser censurado por ele asperamente. <sup>3</sup> De resto, ele mesmo, modelo de toda a perfeição, trabalhava com suas mãos e não queria desperdiçar uma só migalha desse dom precioso que é o tempo<sup>256</sup>. <sup>4</sup> Disse um dia: «Quero que todos os irmãos trabalhem e tenham algum ofício, e os que não sabem cuidem de o aprender»<sup>257</sup>. <sup>5</sup> E explicando o motivo, acrescentava: «É para serem menos pesados aos outros e para o coração e a língua não divagarem por coisas ilícitas, estando ociosos». <sup>6</sup> O salário ou gratificação pelo trabalho não o deixava ao arbítrio do próprio; ao guardião ou à comunidade é que devia ser entregue.

---

numerosas intervenções da autoridade eclesiástica. Cf. TH. WELTER, *L'Exemplum dans la littérature religieuse et didactique du Moyen Age*, Paris 1927.

<sup>254</sup> EP 82 apresenta vários outros artigos desta legislação penal.

<sup>255</sup> Cf. Ap 3, 16.

<sup>256</sup> No entanto, encontra-se em S. Boaventura este curioso pormenor: «Não fez muito caso do trabalho manual, a não ser para evitar a ociosidade. Ainda que ele haja sido o mais perfeito cumpridor da Regra, não creio que alguma vez tivesse chegado a ganhar com o trabalho de suas mãos doze moedas ou o seu equivalente em géneros. Advertia preferentemente os irmãos sobre a necessidade da oração, e não queria que, por alcançarem o que é perecível, ela viesse a extinguir-se». (*Epistola de tribus quaestionibus: Opera omnia* 8, 1898, p. 334).

<sup>257</sup> T 20-21.

## CAPÍTULO CXXI

**Queixa feita ao Santo contra os ociosos e glutões**

**162.** <sup>1</sup> Seja-me permitido, Pai santo, elevar hoje ao céu o meu queixume a propósito daqueles que se dizem teus. <sup>2</sup> Muitos – que preferem folgar a trabalhar, e a quem se torna odiosa a prática da virtude – demonstram não ser filhos de Francisco, mas de Lúcifer. <sup>3</sup> Há entre nós muitos mais doentes que combatentes, quando, afinal, tendo nascido para o trabalho, deveriam considerar a vida uma milícia<sup>258</sup>. <sup>4</sup> Não lhes agrada o trabalho empenhado, não aguentam a contemplação. <sup>5</sup> Depois de a todos terem escandalizado com suas singularidades, trabalhando mais com os dentes que com as mãos, detestam quem os repreende quando andam no peditório, e não suportam que alguém lhes toque sequer com a ponta de um dedo.

<sup>6</sup> Mas muito mais me fere o seu impudor, porque, no dizer de S. Francisco, só com muito suor conseguiriam viver em suas casas, e agora, sem trabalhar, comem do suor dos pobres.

<sup>7</sup> Parvos eles? Ainda que nada fazem, parecem andar sempre atarefados. <sup>8</sup> Conhecem à maravilha o horário das refeições e, se a fome os aperta antes do tempo, acusam o sol de ter adormecido.

<sup>9</sup> Poderei eu acreditar, bondoso Pai, que estes homens abomináveis vão ser dignos da tua glória? Nem do teu hábito! <sup>10</sup> Tu sempre nos ensinaste a buscar as riquezas dos méritos neste tempo fugaz e sombrio, para não termos de mendigar na vida futura. <sup>11</sup> Eles, porém, destinados a acabar no desterro, nem sequer desfrutam da pátria terrena. <sup>12</sup> Reina este mal nos súbditos, porque os superiores fingem nada ver, como se fosse possível a estes tolerarem os vícios daqueles, sem partilharem dos seus castigos.

---

<sup>258</sup> Jb 7,1; 5, 7.

## OS MINISTROS DA PALAVRA DE DEUS

## CAPÍTULO CXXII

**Como deve ser um pregador**

**163.** <sup>1</sup> Queria ele que os ministros da divina palavra se ocupassem dos estudos sagrados e não fossem impedidos por outras obrigações. <sup>2</sup> Costumava dizer que os tinha escolhido um grande rei, a fim de transmitirem aos povos as ordens recebidas da sua boca. <sup>3</sup> Observava: «O pregador deve haurir primeiro no segredo da oração aquilo que depois há-de espalhar em palavras sagradas. Deve afervorar-se primeiro interiormente, para não proferir palavras mortas e frias». <sup>4</sup> Afirmava que o ofício de pregador é digno de veneração, tal como aqueles que o exercem. <sup>5</sup> «Eles são – dizia – a vida da Igreja<sup>259</sup>, os adversários do demónio, a luz do mundo».

<sup>6</sup> Dignos de maior honra e estima reputava ele os doutores em sagrada Teologia. <sup>7</sup> Certa ocasião, mandou escrever<sup>260</sup>: «A todos os teólogos e aos que nos administram as palavras divinas devemos honrar e reverenciar como a quem nos comunica o espírito e vida». <sup>8</sup> Escrevendo um dia ao bem-aventurado António, mandou começar a carta com estas palavras: «Ao irmão António, meu bispo»<sup>261</sup>.

## CAPÍTULO CXXIII

**Contra os que apetecem vãos louvores.**  
**Explicação de um texto profético.**

**164.** <sup>1</sup> Dizia ele que deveríamos chorar aqueles pregadores que muitas vezes vendem o seu ministério por um ceitil de vanglória.

---

<sup>259</sup> Literalmente: vida do Corpo, o Corpo de Cristo. Cf. Ef 1, 23.

<sup>260</sup> T 13.

<sup>261</sup> Cf. CA. «Os documentos da Idade Média dão por vezes aos monges missionários o nome de bispos, que é como quem diz pregadores autorizados. É deste modo que são honrados com o título de *episcopi* simples sacerdotes. S. Francisco saudará Santo António chamando-lhe seu bispo, no sentido de pregador da ordem dos Menores». (SCHUSTER, *Vie de Saint Benoit*, 12 p. 153).

<sup>2</sup>Para os curar de tanta inchação, utilizava por vezes, à guisa de contraveneno, a reflexão seguinte: «Porque vos orgulhais da conversão dos homens, quando eles foram convertidos pelas orações dos meus irmãos simples?»

<sup>3</sup>E assim comentava o texto que diz: «A que é estéril teve muitos filhos e a que tem muitos filhos viu-se abandonada»<sup>262</sup>. «A mulher estéril é o irmão pobrezinho que não tem por missão dar filhos à Igreja, <sup>4</sup>mas, ao chegar o dia do Juízo, ver-se-á que ele foi mãe de muitos filhos, porque o Juiz lhe há-de atribuir, revertendo em sua glória, todos os que ele converteu a Cristo pelas orações que ninguém via. <sup>5</sup>E aquele que julgou tê-los em grande número ver-se-á sem apoio, porque o pregador que julga ter gerado muitos filhos pela sua virtude, verificará que neles não existe nada de seu».

<sup>6</sup>Quanto àqueles que buscam fazer-se valer como estilistas e não como pregadores, que falam com afectado requinte mas sem espírito, a esses pouco os apreciava. <sup>7</sup>E dizia que distribuíam mal o tempo, pois o dedicavam todo à forma exterior da pregação, sem nenhum reservarem à oração. Ao louvar o pregador, tinha apenas em mente aquele que, de tempos a tempos, procurava recolher-se para fazer da Sabedoria o seu alimento e as suas delícias.

## A CONTEMPLAÇÃO DO CRIADOR NAS CRIATURAS

### CAPÍTULO CXXIV

#### **O amor do Santo pelas criaturas sensíveis e insensíveis**

**165.** <sup>1</sup>Desejando embora este feliz viandante deixar sem demora a terra, como lugar de peregrinação e desterro, sabia mesmo assim tirar não pouco proveito das coisas deste mundo. <sup>2</sup>Na verdade, ele valia-se do mundo como de um campo de batalha contra o príncipe das trevas e como espelho tersíssimo para contemplar a

---

<sup>262</sup> 1Sm 2, 5, cf. Is 54, 1.

bondade de Deus. <sup>3</sup>Em todas as criaturas ele cantava o Artífice; tudo o que nelas via o referia ao Criador. <sup>4</sup>Exultava de alegria em todas as obras saídas da mão de Deus<sup>263</sup> e, através desta visão letificante, remontava-se Àquele que é a causa e o princípio que lhes dá vida. <sup>5</sup>Nas coisas belas reconhecia a suprema Beleza, pois a todas ele ouvia proclamar: «Quem nos criou é infinitamente bom»<sup>264</sup>. <sup>6</sup>Pelas marcas impressas na natureza, seguia ao encontro do Amado<sup>265</sup> e de tudo se servia para subir ao seu trono.

<sup>7</sup>Abraçava os seres criados com um amor e um entusiasmo jamais vistos e com eles falava acerca do Senhor, convidando-os a louvá-l'O. Para não apagar com as suas mãos a luz, símbolo da Luz eterna, queria que as velas, as lâmpadas e as candeias se extinguíssem por si mesmas. <sup>8</sup>Caminhava com respeito por sobre as pedras, reverenciando nelas Aquele que foi chamado Pedra<sup>266</sup>. <sup>9</sup>E sempre que chegava ao versículo do salmo que diz: «Acima do rochedo me ergueste», ele, para maior respeito, mudava assim as palavras: «Aos pés do rochedo me ergueste»<sup>267</sup>.

<sup>10</sup>Aos irmãos que cortavam lenha proibía-lhes arrancarem as árvores completamente, impedindo-as de voltarem a rebentar. <sup>11</sup>Ao cerqueiro mandava que, ao redor da cerca, deixasse uma faixa por cultivar, a fim de que, a seu tempo, o verdor das ervas e a beleza das flores apregoassem a beleza do Pai de todas as coisas. <sup>12</sup>Ordenava também que se destinasse uma porção da horta ao cultivo de flores e plantas aromáticas, a fim de evocarem em quantos as vissem a fragrância da vida eterna<sup>268</sup>.

<sup>13</sup>Afastava do caminho os vermes para não serem pisados, e às abelhas mandava-lhes servir mel e vinho do melhor, para que não morressem de inanição no gélido Inverno. <sup>14</sup>Chamava irmãos a todos os animais, embora, entre todos, preferisse os mansos.

---

<sup>263</sup> SI 91, 5.

<sup>264</sup> Em Santo Agostinho encontramos o mesmo caminho ascensional (*Confessiones* I 4; II 6, 12; III 6, 10).

<sup>265</sup> Cf. Jb 23, 11; Ct 5, 17

<sup>266</sup> «Este rochedo era Cristo» (1Cor 10, 4).

<sup>267</sup> SI 60, 3. Significava deste modo que desejava ser o escabelo dos pés de Cristo.

<sup>268</sup> Cf. 1C 81.

<sup>15</sup> Impossível esgotar o tema. Porque a Bondade, que é fonte de todas as coisas, e que, um dia, será tudo em todas, já nesta vida se manifestava aos olhos do Santo claramente total em todas elas.

## CAPÍTULO CXXV

### **Como as criaturas lhe retribuía o afecto. A história do fogo que o não queimou.**

**166.** <sup>1</sup> Todas as criaturas se esmeravam em retribuir o amor do Santo, correspondendo-lhe com gratidão. Sorriam quando as acariciava, davam mostras de aceder ao que lhes pedia, obedeciam ao que lhes mandava. <sup>2</sup> Alguns exemplos bastam para aprazimento de quem ler.

<sup>3</sup> Quando já o mal dos olhos o obrigava finalmente a deixar-se tratar<sup>269</sup>, mandam chamar um cirurgião. <sup>4</sup> Chegado este com o ferro para a cauterização, pede que o ponham ao rubro. <sup>5</sup> O Pai, querendo encorajar o corpo, que já tremia horrorizado, assim fala ao fogo: «Meu irmão fogo, o Altíssimo deu-te um esplendor que é a inveja de todas as criaturas. Ele fez-te vigoroso, belo e útil. <sup>6</sup> Sê cortês e amável comigo nesta hora, pois há muito que eu te amo, no Senhor, teu criador<sup>270</sup>. <sup>7</sup> A Ele imploro se digne temperar o teu ardor nesta hora e me dê forças para suportar a tua ardente carícia». <sup>8</sup> Terminada esta súplica, fez o sinal da cruz sobre o fogo e esperou intrepidamente. <sup>9</sup> O médico toma nas mãos o ferro incandescente, os irmãos fogem transidos de compaixão e o Santo oferece-se ao fogo, pronto e sorridente. <sup>10</sup> Rechinando, penetra o ferro na carne delicada e o cautério alastra pouco a pouco desde a orelha à sobrancelha. <sup>11</sup> Foi o próprio Santo (colocado como ninguém para o testemunhar) quem melhor nos informou quanto ao sofrimento que padeceu. <sup>12</sup> Sorrindo, disse o Pai aos irmãos quando voltaram para junto dele: «Cobardes e pusilânimes, porque fugistes? <sup>13</sup> Em verdade vos digo que não senti o ardor do fogo nem dor alguma na

---

<sup>269</sup> Na verdade, foi Fr. Elias quem o obrigou. 1C 98.

<sup>270</sup> Negando-se, por exemplo, a apagar as lâmpadas (2C 156) ou os incêndios (LP 46-49); EP 117.

minha carne». <sup>14</sup> E dirigindo-se ao médico: «Se a carne não ficou bem queimada, começa de novo». <sup>15</sup> O médico, habituado a reacções bem diferentes em operações semelhantes, exaltou o facto como um milagre de Deus: «Digo-vos, irmãos, que vi hoje coisas admiráveis».

<sup>16</sup> É minha convicção que o Santo havia regressado à inocência primitiva, uma vez que, a um simples aceno, até os elementos mais cruéis se aplacavam.

## CAPÍTULO CXXVI

### **A avezinha que lhe pousou nas mãos**

**167.** <sup>1</sup> Atravessava S. Francisco o lago de Rieti numa pequena embarcação a caminho do ermitério de Greccio, <sup>2</sup> quando um pescador lhe ofereceu uma pequena ave aquática, para que se alegrasse no Senhor.

<sup>3</sup> Pegou nela o Pai cheio de contentamento e, abrindo as mãos, convidou-a delicadamente a seguir em liberdade. <sup>4</sup> Mas como ela não quisesse partir, antes se aconchegasse mais ainda nas mãos do Santo como dentro de um ninho, volvendo este os olhos ao céu, pôs-se a rezar. <sup>5</sup> Algum tempo depois, voltando a si como quem chega de outro mundo, ordenou com doçura à avezinha que voltasse confiadamente à sua liberdade.

<sup>6</sup> E o passarinho, com esta licença e uma bênção, partiu voando, não sem primeiro mostrar com requebros do corpo a sua intensa alegria.

## CAPÍTULO CXXVII

### **O falcão**

**168.** <sup>1</sup> Certa ocasião em que, como de costume, o bem-aventurado Francisco, para se furtar à vista e trato com os homens, se encontrava em determinado ermitério<sup>271</sup>, um falcão que

---

<sup>271</sup> O do Monte Alverne, segundo São Boaventura (LM 8, 10).

tinha ali perto um ninho estabeleceu com ele um pacto de amizade. <sup>2</sup>Todas as noites, ao chegar a hora em que o Santo costumava levantar-se para rezar o Ofício divino, punha-se a cantar e a fazer barulho para o avisar. <sup>3</sup>E isto agradava muito ao santo de Deus, pois toda esta solicitude lhe permitia vencer as resistências da preguiça. <sup>4</sup>Mas quando via o Santo queixar-se de alguma dor para além do habitual, o falcão, compadecido, poupava-o e não dava tão cedo o sinal de acordar. <sup>5</sup>Como se Deus o tivesse amestrado, só ao amanhecer é que pulsava levemente a sineta da sua voz.

<sup>6</sup>Não é de espantar que as criaturas venerassem deste modo quem, como ninguém, assim amava o Criador.

## CAPÍTULO CXXVIII

### As abelhas

**169.** <sup>1</sup>Uma vez, o servo de Deus mandou erguer em certo monte uma pequena cabana, na qual se entregou a rigorosíssima penitência durante quarenta dias. <sup>2</sup>Transcorrido esse tempo, abandonou a cela, ficando esta na solidão do monte sem ocupante que lhe sucedesse. <sup>3</sup>Dentro, deixou apenas a bilha que utilizava para beber.

<sup>4</sup>Quando, mais tarde, movidas por devoção, algumas pessoas ali procuravam o Santo, encontraram a bilha cheia de abelhas. <sup>5</sup>Com arte admirável nela fabricavam os alvéolos e o mel, símbolo da doçura que o Santo experimentara na contemplação de Deus.

## CAPÍTULO CXXIX

### O faisão

**170.** <sup>1</sup>Certo nobre do condado de Sena enviou ao bem-aventurado Pai, que estava doente, um faisão. <sup>2</sup>Na alegria de o receber (e não pelo apetite que lhe despertasse, porque sempre se alegrava em tais circunstâncias por amor do Criador), disse ao faisão: «Irmão faisão, louvado seja o nosso Criador!» <sup>3</sup>E aos irmãos: «Vejamos agora se o irmão faisão prefere ficar connosco ou voltar aos lugares a que está afeito e lhe são mais convenientes».



<sup>4</sup>Por ordem do Santo, levou-o dali um irmão para longe, deixando-o numa vinha; mas o faisão, descontente, voltou num ápice para a cela do Pai. <sup>5</sup>Ordena o Santo que o levem para mais longe ainda, mas o faisão, obstinado, volta a toda a pressa até à porta da cela e penetra dentro, quase à força, rompendo por baixo das túnicas dos irmãos que estavam à soleira. <sup>6</sup>Então o Santo, estreitando-o ao peito e acarinhando-o com palavras de ternura, ordenou que o tratassem com solicitude.

<sup>7</sup>Presenciando isto um médico, grande devoto do santo Pai, pediu o faisão aos irmãos, não para o comer, mas para dele cuidar, em reverência ao santo de Deus. <sup>8</sup>Mas quê! Uma vez em casa do médico, considerando-se ofendido por o terem separado do Santo seu amigo, não quis comer coisa alguma todo o tempo que esteve longe dele. <sup>9</sup>Maravilhou-se o médico e, devolvendo-o ao santo Pai sem mais demoras, contou em pormenor tudo o que tinha acontecido. <sup>10</sup>Quanto ao faisão, logo que viu o Santo e o puseram no chão, esqueceu mágoas e pôs-se a comer com alvoraçado apetite.

## CAPÍTULO CXXX

### A cigarra

**171.** <sup>1</sup>Havia na Porciúncula, ao lado da cela do Santo, uma figueira onde uma cigarra cantava incessantemente a sua cegarrega. Um dia, o bem-aventurado Pai chamou-a com muita amabilidade, estendendo-lhe a mão. <sup>2</sup>«Vem cá, irmã cigarra!» Ela, como se tivesse tino, imediatamente lhe voou para a mão. <sup>3</sup>«Canta, minha irmã cigarra – disse-lhe ele – canta e louva jubilosa ao Senhor, teu Criador». <sup>4</sup>Dócil, imediatamente se pôs a cantar e não parou, enquanto o varão de Deus, unindo o seu louvor ao canto dela, lhe não ordenou que voltasse para o sítio onde costumava estar. <sup>5</sup>Ali se manteve depois, como que amarrada, oito dias consecutivos. <sup>6</sup>O Santo, ao baixar da cela, acariciava-a e mandava-a cantar. E sempre ela se mostrava disposta a obedecer-lhe. Até que, um dia, o Santo disse aos companheiros: <sup>7</sup>«Vamos despedir a nossa irmã cigarra, que já nos alegrou bastante com o seu louvor, pois convém que a nossa carne não tire daqui pretexto para se vangloriar». <sup>8</sup>E imediatamente, com licença do Santo, ela afastou-se e não voltou a

aparecer naquele sítio. <sup>9</sup> Os irmãos, testemunhas do facto, ficaram sobremodo admirados.

## A CARIDADE

### CAPÍTULO CXXXI

#### **A caridade do Santo. Como, pela salvação das almas, queria ser modelo de perfeição.**

**172.** <sup>1</sup> A força do amor fizera-o irmão de todas as criaturas. Não é, pois, de surpreender que, mercê da caridade de Cristo, ele tenha sido muito mais irmão daqueles que o Criador fez à sua imagem. <sup>2</sup> Nada há mais importante, dizia ele, do que a salvação das almas e, como prova, aduzia o facto de o Filho de Deus se haver dignado morrer na cruz por amor delas. <sup>3</sup> É aqui que devemos encontrar o segredo do seu empenhamento na oração, das suas andanças de pregador, das suas demasias nos exemplos que dava. <sup>4</sup> Não se teria por amigo de Cristo, se não amasse as almas que Ele amava. <sup>5</sup> E este era o principal motivo por que venerava os mestres da sagrada Teologia<sup>272</sup>, pois sendo colaboradores de Cristo, com Ele desempenham igual missão.

<sup>6</sup> Mas quem ele amava acima de toda a medida, dispensando-lhes um amor particularmente cordial, íntimo e afectuoso, era aos irmãos, por serem os domésticos de uma mesma fé e partilharem de uma mesma herança eterna.

**173.** <sup>1</sup> Quando lhe faziam notar o rigor da vida que levava, respondia que tinha sido dado à Ordem como modelo, semelhante à águia que incita os filhos a voar<sup>273</sup>. <sup>2</sup> Por isso, embora a sua carne inocente já espontaneamente se submetesse ao espírito e não carecesse de ser punida em represália de pecados cometidos, infligia-

---

<sup>272</sup> Cf. 2C 163.

<sup>273</sup> Dt 32, 11.

-lhe o Santo novas penas para dar exemplo, e metia-se a caminhos mais duros ainda, só para alentar os demais<sup>274</sup>.

<sup>3</sup>E razão tinha. Porque mais atentamos nós nas acções dos superiores do que nas suas palavras. <sup>4</sup>Com obras, Pai, tu nos exortavas mais suavemente, persuadias com mais eficácia, davas provas mais seguras. <sup>5</sup>Falassem os superiores todas as línguas dos anjos e dos homens, mas não dessem exemplos de caridade, pouco me aproveitariam a mim, e a eles nada<sup>275</sup>. <sup>6</sup>Se, na verdade, aquele que admoesta não é temido, e o capricho substitui o bom senso, porventura lhe vão bastar os selos de que dispõe<sup>276</sup> para ver garantida a salvação?

<sup>7</sup>Entretanto, impõe-se obedecer-lhes<sup>277</sup>, para que o fio de água, percorrendo embora canais ressequidos, chegue aos canteiros do jardim e, de quando em quando, alguma rosa venha a ser colhida entre espinheiros, podendo assim o maior servir o menor.

## CAPÍTULO CXXXII

### A sua solicitude pelos súbditos

**174.** <sup>1</sup>Quem, até hoje, se desvelou pelos súbditos como Francisco? <sup>2</sup>Mãos erguidas ao céu, sempre de si esquecido, roga continuamente pelos seus verdadeiros Israelitas<sup>278</sup>, cuida primeiro da salvação dos irmãos. <sup>3</sup>Prostra-se aos pés da divina Majestade, oferece pelos filhos sacrifícios espirituais e para eles implora as suas bênçãos. <sup>4</sup>Vela com amor inquieto pelo pequeno rebanho que arrasta consigo, não suceda que, tendo eles deixado a terra, percam depois o céu.

<sup>5</sup>Estava convencido de não ser admitido à glória dos eleitos, se dela não tornasse igualmente participantes os que lhe haviam sido

---

<sup>274</sup> Sl 16, 4.

<sup>275</sup> 1Cor 13, 1-3; Ex 5, 5.

<sup>276</sup> Símbolo exterior de autoridade.

<sup>277</sup> Ex 3, 5.

<sup>278</sup> Ap 10, 5; Ex 17, 11-13; LM 7, 2.

confiados<sup>279</sup>, pois os estava dando à luz do espírito muito mais trabalhosamente que suas mães, ao gerá-los para o mundo.

## CAPÍTULO CXXXIII

### Compaixão pelos enfermos

**175.** <sup>1</sup>Era grande a sua compaixão pelos enfermos e acudia com terna solicitude às suas necessidades. <sup>2</sup>Se a caridade dos seculares lhe fazia entrega de algum fortificante, dava-o logo a outros doentes, quando, em boa verdade, dele precisava como ninguém. <sup>3</sup>Fazia suas as dores de todos os enfermos e dirigia-lhes palavras de compaixão, quando outra ajuda lhes não podia prestar. <sup>4</sup>Em dias de jejum, para que os doentes se não envergonhassem de comer, com eles comia também e corria aos lugares públicos da cidade a pedir a carne de que pudessem precisar.

<sup>5</sup>Todavia, exortava os enfermos a sofrerem com paciência as privações e a não se escandalizarem, quando não fossem inteiramente contentados. <sup>6</sup>Por isso, mandou escrever estas palavras numa das Regras<sup>280</sup>: «Rogo a todos os meus irmãos enfermos que em suas enfermidades não se irritem nem se perturbem contra Deus ou contra os irmãos. <sup>7</sup>Não peçam medicamentos com demasiada impaciência, nem tenham desordenado desejo de reabilitar uma carne que breve há-de morrer e é inimiga da alma. <sup>8</sup>Dêem graças a Deus por tudo o que lhes sucede e aceitem estar como Deus quer que estejam. <sup>9</sup>A todos os que Deus predestinou para a vida eterna, a esses exercita e acicata com enfermidades e castigos, conforme Ele mesmo diz: «Eu repreendo e castigo aos que amo»<sup>281</sup>.

**176.** <sup>1</sup>Chegando-lhe um dia ao conhecimento que certo doente andava com desejos de comer uvas, levou-o à vinha, <sup>2</sup>e, sentando-

---

<sup>279</sup> Cf. 1R 4, 6.

<sup>280</sup> Cf. 1R 10, 3-4; 2R 6, 9.

<sup>281</sup> Ap 3, 19.

-se debaixo duma ramada, pôs-se a comê-las, encorajando o doente a fazer outro tanto.

## CAPÍTULO CXXXIV

### **A sua compaixão pelas almas atribuladas. Os que procedem diversamente.**

**177.** <sup>1</sup>Amava com maior bondade e suportava com maior paciência os que via agitados por tentações ou eram débeis de espírito, como meninos inconstantes. <sup>2</sup>Por isso, evitava corrigi-los com aspereza e, onde não via perigo, poupava a vara para poupar as almas. <sup>3</sup>Dizia ser dever do superior (que há-de ser pai e não tirano<sup>282</sup>) prevenir a ocasião de pecado e impedir de cair, quem, uma vez caído, dificilmente se pode levantar.

<sup>4</sup>Como é digna de compaixão a dureza dos corações neste nosso tempo! <sup>5</sup>Não só não levantamos os que caem, nem amparamos os que vacilam, como, por vezes, os empurramos, provocando-lhes a queda. <sup>6</sup>Não temos o menor pejo em subtrair ao Pastor Supremo uma ovelha, pela qual Ele clamou na cruz em altos brados e entre lágrimas<sup>283</sup>.

<sup>7</sup>Bem diferente era o teu proceder, Pai santo, pois preferias emendar os que erram, a vê-los caminhar para a perdição. <sup>8</sup>Sabemos, todavia, que os males do amor próprio estão de tal modo enraizados em alguns, que mais lhes conviria o escalpelo que o linimento. <sup>9</sup>É manifesto que, para muitos, é mais salutar governá-los com vara de ferro do que afagá-los. <sup>10</sup>Tudo, porém, tem o seu tempo: o vinho e o azeite, a vergasta e o cajado, a severidade e a ternura, o cautério e a unção, o cárcere e o regaço. <sup>12</sup>Tudo isto é exigido pelo Deus das vinganças e pelo Pai das misericórdias, conquanto Ele prefira a misericórdia ao sacrifício<sup>284</sup>.

---

<sup>282</sup> Com mais frequência ainda, dizia que um superior deve ser mãe. Cf. GL; 1R 9, 14; 2R 6, 8; RE.

<sup>283</sup> Hb. 5, 7.

<sup>284</sup> Mt 9, 13.

## CAPÍTULO CXXXV

**Os irmãos espanhóis**

**178.** <sup>1</sup>Em certos momentos, quando até ele chegava o suave perfume do bom nome dos filhos, sentia-se este santíssimo varão maravilhosamente arrebatado em Deus e experimentava em seu espírito a mais transbordante alegria.

<sup>2</sup>Um clérigo espanhol, muito piedoso, teve a dita de ver e falar com S. Francisco. <sup>3</sup>Entre as várias coisas que lhe referiu a respeito dos irmãos de Espanha, tornou-o particularmente feliz esta notícia: «Teus irmãos, que vivem num ermitério pobrezinho da nossa terra, organizaram de tal modo a sua vida que, enquanto uma parte se ocupa das lides da casa, a outra se dedica à vida contemplativa. <sup>4</sup>Assim, cada semana, o grupo dos activos passa à contemplação e o dos contemplativos ao exercício do trabalho manual<sup>285</sup>».

<sup>5</sup>«Um dia, estando preparada a mesa e tendo já sido dado o sinal para chamar os ausentes, comparecem todos menos um, que pertencia ao grupo dos contemplativos. <sup>6</sup>Depois de alguma espera, dirigem-se à cela desse irmão a fim de o chamarem para a mesa, mas é exactamente nessa altura que o Senhor lhe serve uma refeição, muito mais succulenta. <sup>7</sup>Encontraram-no prostrado com o rosto por terra, os braços em cruz, sem respiração ou quaisquer outros sinais de vida. <sup>8</sup>Dois candelabros acesos, um à cabeceira, outro aos pés, iluminam a cela com uma luz brilhante e maravilhosa. <sup>9</sup>Deixam-no em paz, para não lhe perturbarem o êxtase, e «não despertarem a bem-amada antes que ela queira»<sup>286</sup>. <sup>10</sup>Os irmãos, todavia, procuram espiar do exterior, pelas frinchas da cela, e estender a vista para além do postigo.

<sup>12</sup>Breve e em resumo: estando os amigos a espiar aquela que habita nos jardins<sup>287</sup>, subitamente se desvanece o clarão e o irmão

---

<sup>285</sup> Era o teor de vida aconselhado por Francisco àqueles que desejavam viver nos ermitérios. Cf RE 10.

<sup>286</sup> Ct 2, 7. As imagens que se seguem são igualmente retiradas do Ct 2, 9; 8, 13.

<sup>287</sup> Por estas palavras se alude à alma que alcançou o vértice da perfeição e se encontra no jardim do êxtase e da meditação.

volta a si. <sup>13</sup> Levanta-se precipitadamente, acode ao refeitório e diz a culpa por ter chegado tarde. <sup>14</sup> Isto – concluiu o espanhol – aconteceu na minha terra».

<sup>15</sup> Francisco não cabia em si de contente, inebriado pela fragrância daqueles seus filhos. <sup>16</sup> Imediatamente se pôs a louvar o Senhor e, como se outra glória não houvesse para ele que a de ouvir dizer bem dos irmãos, exclamou do mais fundo da alma: <sup>17</sup> «Graças te dou, Senhor, santificador e guia dos pobres, que me alegraste com estas notícias. <sup>18</sup> Abençoa, eu te rogo, com as mais copiosas bênçãos e santifica com uma graça particular todos aqueles cujos bons exemplos dão à sua vida religiosa uma tal fragrância».

## CAPÍTULO CXXXVI

### **Contra os que vivem mal nos ermitérios. Como queria que tudo fosse posto em comum.**

**179.** <sup>1</sup> Embora tenhamos podido apreciar por estes episódios a caridade do Santo, que o levava a regozijar-se com o progresso daqueles a quem amava, não cremos, todavia, que ele usasse de contemplações com os que viviam diferentemente nos ermitérios. <sup>2</sup> Muitos, com efeito, transformavam o lugar de contemplação em lugar de lazer e o modo de vida eremítico (instituído para o progresso das almas) em sentina de prazer<sup>288</sup>. <sup>3</sup> Aliás, os anacoretas de hoje têm como norma de vida viver cada qual a seu talante.

<sup>4</sup> Certamente esta censura não é para todos: conhecemos santos que levam presentemente vida exemplar em alguns ermitérios e não ignoramos que os Pais que os precederam foram autênticas flores de solidão<sup>289</sup>. <sup>5</sup> Praza a Deus que os eremitas do nosso tempo não sejam indignos do primitivo esplendor daqueles, cuja santidade será louvada sem fim.

---

<sup>288</sup> *Sentina voluptatis*, receptáculo imundo de gozo terreno.

<sup>289</sup> *Flores solitarios*: que se desenvolveram na solidão. É provável que Celano também quisesse significar flores muito raras.

**180.** <sup>1</sup>Quando São Francisco recomendava a caridade, era a vida de família, com o seu bom entendimento e cordialidade, que ele tinha em mente inculcar. <sup>2</sup>«Quero – dizia – que os meus irmãos se mostrem filhos duma única mãe, e que se algum deles pedir uma túnica, uma corda ou coisa semelhante, lha dê o outro generosamente. <sup>3</sup>Ponham em comum os livros e demais coisas de que possam agradar-se. Direi mesmo: obriguem os outros a aceitá-los, antecipando-se a que lhos peçam».

<sup>4</sup>E nisto era o primeiro a dar exemplo, para não ordenar coisa alguma que primeiro não tivesse sido realizada nele por Cristo<sup>290</sup>.

## CAPÍTULO CXXXVII

### Como ele deu o seu hábito a dois irmãos franceses

**181.** <sup>1</sup>Dois irmãos de França, homens de grande santidade, encontraram-se com Francisco no caminho. <sup>2</sup>Sentiram com isso enorme alegria, tanto mais que há muito andavam ansiosos de o ver. <sup>3</sup>Depois de efusivas demonstrações de afecto e de amena conversação, foram levados pela sua ardente devoção a pedirem a São Francisco o hábito que vestia. <sup>4</sup>Imediatamente se despojou dele o Santo e, ficando seminu, com muitíssimo gosto o entregou. Depois, para se revestir, aceitou o hábito de um deles, mais pobre que o seu<sup>291</sup>.

<sup>5</sup>Estava pronto a dar não apenas coisas destas, mas sobretudo a dar-se inteiramente a si mesmo e tudo quanto lhe pediam, com suma alegria.

---

<sup>290</sup> Rm 15, 8.

<sup>291</sup> Segundo Eccleston 6, este frade era o irmão Lourenço de Beauvais, que foi por S. Francisco enviado à Inglaterra. A túnica, levada para Londres em 1258-1259, estava em condições lastimáveis.



## A DIFAMAÇÃO

## CAPÍTULO CXXXVIII

## Punição dos detractores

**182.** <sup>1</sup>Não pode uma alma cheia de caridade deixar de abominar os que são odiosos a Deus. E isso acontecia com São Francisco. <sup>2</sup>Mas, entre todos os viciosos, era aos detractores que mais entranhadamente aborrecia. A sua língua, dizia ele, segrega um veneno com que matam o próximo<sup>292</sup>. <sup>3</sup>Por isso, quando algum maldizente, pulga sanguinária, se punha a falar, ele evitava-o – como nós próprios vimos – e afastava-se para lhe não dar ouvidos, receoso de se macular, ao escutá-lo.

<sup>4</sup>Um dia, ao ouvir certo irmão denegrir um companheiro, voltando-se para o Vigário, frei Pedro Catânio, assim se exprimiu nestes terríveis termos: «A Ordem estará em perigo enquanto não for possível neutralizar os difamadores. <sup>5</sup>Em breve o perfume suavíssimo de muitos acabará em pestilência, se não se tapar a boca aos pestilentos<sup>293</sup>. <sup>6</sup>Apressa-te a investigar com diligência, e se vires que o irmão acusado está inocente, impõe ao detractor uma punição exemplar. <sup>7</sup>Não o podendo castigar tu mesmo, passa-o para as mãos do pugilista de Florença». <sup>8</sup>(Chamava pugilista ao irmão João de Florença<sup>294</sup>, homem de enorme estatura e força hercúlea). <sup>9</sup>«Quero que tu, assim como todos os Ministros, eviteis com sumo cuidado se espalhe mais ainda semelhante peste».

<sup>10</sup>Entendia ele que quem despojasse um irmão do seu bom nome deveria ser despojado do hábito, e nem sequer deveria levantar os olhos para Deus, se primeiro não devolvesse o que tinha roubado. <sup>11</sup>Daqui resultou que os irmãos daquele tempo, particu-

---

<sup>292</sup> Cf. Êx 25, 2.

<sup>293</sup> Cf. 2C 155.

<sup>294</sup> Este João de Florença é, sem dúvida, o mesmo Fr. João das Loas. Segundo o EP 85, o verdadeiro frade menor devia ter, entre outras qualidades, «o vigor corporal e espiritual do irmão João das Loas, que, no seu tempo, ultrapassava todos os homens em força corporal. Era homem de grande virtude, embora SALIMBENE lhe chamasse «carrasco impiedoso», por castigar os irmãos sem piedade.

larmente repugnados de um tal vício, tivessem estabelecido entre si o pacto de atentamente evitarem tudo quanto pudesse manchar a honra de quem quer que fosse, ou soasse a desprezo. <sup>12</sup> Acertada ideia! Pois, que é o detractor senão o fel dos homens, um fermento de malvadez e a vergonha do mundo? <sup>13</sup> Que outra coisa é o homem de língua viperina senão o escândalo da Ordem, o veneno do convento, a desintegração da unidade?

<sup>14</sup> Infelizmente, anda a terra coberta de animais peçonhentos, e nenhum homem de bem pode escapar à mordedura dos invejosos. <sup>15</sup> Prometem-se prêmios aos delatores e, humilhando a inocência, cobre-se de louros a impostura. Mais: quando alguém não consegue viver com honradez, ganha o sustento e o agasalho a destruir a reputação dos outros.

**183.** <sup>1</sup> A este propósito, São Francisco observava amiúde: «O detractor faz consigo este raciocínio: <sup>2</sup> Estou longe de ser perfeito; não gozo do prestígio da ciência nem de dons especiais; portanto, não tenho lugar nem junto de Deus nem junto dos homens. <sup>3</sup> Já sei o que fazer: cobrirei de lama os eleitos e ganharei o favor dos poderosos. <sup>4</sup> De resto, conheço bem o meu superior: é um homem como eu e, por vezes, utiliza os mesmos processos, ou seja, uma vez abatidos os cedros, só deixa medrar os pilriteiros. <sup>5</sup> Sacia-te de carne humana, desgraçado, e, já que viver de outra maneira não podes, rói as entranhas dos irmãos!»

<sup>6</sup> Esforçam-se esses tais em se apresentar como gente de bem; não em sê-lo de verdade. Denunciam os vícios, mas não se despojam deles. <sup>7</sup> Louvam somente aqueles sob cuja autoridade se querem ver protegidos e omitem todo o louvor, quando este não há-de chegar aos ouvidos de quem lhes interessa. <sup>8</sup> Vendem, a troco de encômios funestos, a palidez do rosto macerado, para parecerem espirituais e, assim, poderem julgar tudo e não serem julgados por ninguém<sup>295</sup>. <sup>9</sup> Gozam da fama de santos, mas não têm obras de santos: chamam-lhes anjos, mas que longe estão das suas virtudes!

---

<sup>295</sup> Cf. 1Cor 2, 15; Ex 14.

DE COMO DEVEM SER OS GERAIS E  
OS OUTROS MINISTROS

## CAPÍTULO CLXXXIX

**Como o Ministro Geral se deve comportar  
com os seus companheiros**

**184.** <sup>1</sup> Quando já o bem-aventurado Francisco estava prestes a ser chamado pelo Senhor, um irmão, que andava sempre solícito das coisas divinas, movido de amor à Ordem<sup>296</sup>, fez-lhe este pedido: «Pai, em breve irás morrer e a família que te segue vai ficar desamparada neste vale de lágrimas. <sup>2</sup> Designa alguém que conheças na Ordem, em quem o teu espírito possa descansar, alguém a quem possas confiar com segurança a responsabilidade do cargo de Ministro Geral». <sup>3</sup> Francisco, acompanhando cada uma das palavras com suspiros, respondeu: «Não conheço ninguém capaz de ser guia de um exército de tão diversas gentes, nem pastor de grei tão numerosa. <sup>4</sup> Quero, no entanto, fazer-te um retrato, ou, como sói dizer-se, apresentar os traços característicos pelos quais haveis de reconhecer o verdadeiro pai desta família».

**185.** <sup>1</sup> «Deve ser – prosseguiu – um homem de vida verdadeiramente digna e austera, de grande discernimento e muito boa fama. <sup>2</sup> Um homem avesso a simpatias particulares, não aconteça que, propendendo para um ou outro lado, venha a ser motivo de escândalo para a comunidade. <sup>3</sup> Aplique-se com zelo à santa oração e saiba distribuir o tempo entre esta e o cuidado do rebanho a ele confiado. <sup>4</sup> Assim, deve começar o dia pela santa missa e por se encomendar em longa oração, a si mesmo e ao rebanho, à proteção divina. <sup>5</sup> Depois da oração, ponha-se à disposição de todos, pronto a ser depenado<sup>297</sup>. A todos responda e atenda com afabilidade.

---

<sup>296</sup> Cf. 1C 27, nt. 58.

<sup>297</sup> No texto latino: *depilandum*, ou seja, para ser importunado.

<sup>6</sup>Deve ser homem em quem não haja lugar para o sórdido favoritismo, antes tenha igual cuidado pelos pequenos e simples, que pelos maiores e doutos. <sup>7</sup>Homem que, estando embora acima dos demais pela cultura, se distinga sobretudo pela sua piedosa simplicidade e favoreça a virtude. <sup>8</sup>Homem que deteste o dinheiro, o mais temível corruptor da nossa vida religiosa e da perfeição, e, como cabeça de uma Ordem pobre, dê exemplo aos demais na renúncia ao uso de pecúlios<sup>298</sup>.

<sup>9</sup>Deve contentar-se, pessoalmente, com o hábito e um pequeno livro de registos para o serviço dos irmãos, com uma pequena escrevaninha<sup>299</sup> e o selo. <sup>10</sup>Não seja colecionador de livros, nem dado à leitura, a fim de não gastar nela o tempo que deve dedicar aos deveres do cargo. <sup>11</sup>Console os aflitos e saiba pacificá-los em suas angústias, não suceda que, devendo servir-lhes de último refúgio, nele não encontrem o remédio que procuram e o desespero acabe por dominá-los. <sup>12</sup>Saiba ele abaixar-se para convencer os insolentes à mansidão, e, a fim de ganhar as almas para Cristo, ceda algum tanto dos seus direitos. <sup>13</sup>Não feche o coração aos desertores da Ordem, pobres ovelhas tresmalhadas, sabendo como são violentíssimas as tentações e como podem levar a graves desvarios.

**186.** <sup>1</sup>«Quisera que todos o venerassem como a quem faz as vezes de Cristo e o proovessem amorosamente em todas as suas necessidades. <sup>2</sup>Não deverá, contudo, comprazer-se nas honrarias<sup>300</sup>, nem sentir maior gosto nos favores que nas injúrias. <sup>3</sup>Se, às vezes, porque débil e cansado, tiver necessidade de uma alimentação mais substanciosa, estando doente, sinta vergonha de se tratar.

<sup>4</sup>Cabe-lhe a ele, sobretudo, tentar descobrir no segredo das consciências a verdade oculta nas repregas mais fundas e evitar dar ouvidos a charlatões. <sup>5</sup>Finalmente, deve ser tal, que jamais macule a beleza austera da justiça com prurido de se manter em funções, antes se convença de que o cargo é mais um peso do que uma

---

<sup>298</sup> Naturalmente, uso contrário às prescrições da Regra.

<sup>299</sup> Que poderia conter a pena, o tinteiro e o selo ou carimbo, naturalmente para autenticar actas oficiais.

<sup>300</sup> Ex 4.

honra. <sup>6</sup>Em todo o caso, que nem a demasiada brandura gere a indolência, nem uma condescendência excessiva leve ao relaxamento da disciplina, e, assim, de todos amado, venha também a ser temido pelos que obram o mal.

<sup>7</sup>Quisera ainda vê-lo rodeado de santos companheiros que dêem, como ele, exemplo de todas as virtudes: <sup>8</sup>que sejam austeros consigo mesmos, animosos nas adversidades e tão convenientemente afáveis que recebam com santa alegria quantos a ele se dirijam.

<sup>9</sup>Aí tendes, – concluiu – como deveria ser o Ministro Geral da Ordem».

## CAPÍTULO CXL

### Os Ministros Provinciais

**187.** <sup>1</sup>Estas qualidades ele as queria também nos Ministros Provinciais, embora devessem brilhar mais ainda no Ministro Geral. <sup>2</sup>Desejava-os afáveis com os súbditos, e tão bondosos e serenos que nunca os faltosos pudessem sentir acanhamento em se fiarem ao seu afecto<sup>301</sup>. <sup>3</sup>Queria-os moderados no mando, propensos ao perdão, mais dispostos a sofrer do que a devolver injúrias, inimigos declarados dos vícios e médicos de pecadores. <sup>4</sup>Numa palavra: queria que as suas vidas fossem um espelho de disciplina para os demais. <sup>5</sup>Mas queria também que os súbditos lhes dispensassem as honras devidas e os amassem, pois suportam o peso de numerosas responsabilidades e trabalhos. <sup>6</sup>Afirmava que seriam dignos de maior prémio diante de Deus os que, deste modo, com tais disposições e semelhantes normas, governam as almas que lhes são confiadas.

---

<sup>301</sup> CM 9-11.

## CAPÍTULO CXLI

**Resposta do Santo a respeito dos Ministros**

**188.** <sup>1</sup> Certo irmão perguntou uma vez ao Santo por que razão tinha renunciado ao cuidado dos irmãos, confiando-os a outrem, como se eles lhe não pertencessem<sup>302</sup>. <sup>2</sup> Respondeu: «Filho, amo os irmãos como posso, mas, se eles seguissem as minhas pisadas, é fora de dúvida que os amaria mais ainda e não me alheava deles. <sup>3</sup> Superiores há que os levam por outros caminhos, propondo-lhes os exemplos dos antigos<sup>303</sup> e fazendo pouco dos meus conselhos. <sup>4</sup> No fim, porém, ver-se-á o que lucraram». <sup>5</sup> Pouco depois, numa altura em que mais se lhe agravara a doença, movido pela força do Espírito, aprumou-se no leito e disse: <sup>6</sup> «Que irmãos são esses que me arrancaram das mãos a Ordem, que é minha e dos meus irmãos? <sup>7</sup> Se for ao Capítulo Geral, eu lhes farei saber qual é a minha vontade». Insistiu o irmão: «Será que não vais mudar esses provinciais que há tanto tempo abusam da liberdade»? <sup>8</sup> E o Pai, gemendo, deu esta terrível resposta: «Vivam eles como quiserem, que, ao fim e ao cabo, a condenação de poucos será de menor dano que a perdição de muitos».

<sup>9</sup> Não se referia a todos, evidentemente, mas apenas àqueles que, pelo demasiado tempo que permaneciam no cargo, pareciam reivindicá-lo como um direito herdado. <sup>10</sup> O que mais recomendava aos superiores regulares, fosse qual fosse a posição que detivessem, era isto: não alterarem os costumes, a não ser para melhorar; não mendigarem favores; não exercerem poderes mas cumprirem obrigações

---

<sup>302</sup> Dentro e fora da Ordem, vários prelados tentavam forçar Francisco a integrar-se em instituições já existentes. Daí o fogo da sua indignação. Cf. 2C 143.

<sup>303</sup> Dos antigos fundadores de Ordens; cf. LP 114.

## A SANTA SIMPLICIDADE

## CAPÍTULO CXLII

**Qual é a verdadeira simplicidade**

**189.** <sup>1</sup>Filha da graça, irmã da sabedoria, mãe da justiça, a santa simplicidade era a virtude que para si procurava com especial empenho e mais apreciava nos outros. <sup>2</sup>Não, porém, qualquer simplicidade, mas somente aquela que, satisfeita com o seu Deus, despreza tudo o mais.

<sup>3</sup>É a simplicidade que põe a sua glória no temor de Deus e não sabe dizer nem fazer mal. <sup>4</sup>A simplicidade que a si mesma se conhece suficientemente para não condenar ninguém, e cede aos mais dignos o poder que não ambiciona para si. <sup>5</sup>A simplicidade que, não se deslumbrando com as glórias da cultura<sup>304</sup>, prefere agir a ter de aprender ou de ensinar. <sup>6</sup>A simplicidade que, na interpretação das leis divinas, deixa aos que se querem perder a confusão das palavras, os floreios e os ouropéis, a ostentação e as subtilezas; a simplicidade, enfim, que busca não o córtex mas a medula, não o invólucro mas o conteúdo, não a quantidade mas a qualidade, o supremo e imutável Bem.

<sup>7</sup>Esta era a simplicidade que o santíssimo Pai tanto queria nos irmãos letrados como nos sem cultura<sup>305</sup>, pois não a tinha por contrário à sabedoria, mas como sua verdadeira irmã, embora entendesse que são os desprovidos de ciência os que mais facilmente a alcançam e mais expeditamente a praticam. <sup>8</sup>Por isso, na Saudação às Virtudes, por ele composta, diz isto mesmo: «Salve, rainha sabedoria! Deus te salve, com tua irmã a pura e santa simplicidade!»<sup>306</sup>.

---

<sup>304</sup> Literalmente: as *glórias gregas* (alusão a 2 Mac 4, 15). A glória deve ser tão estranha aos que se dedicam totalmente a Deus, como estranhos eram para o povo judaico os títulos helênicos que muitos buscavam no tempo do rei Antíoco IV.

<sup>305</sup> A letra: leigos.

<sup>306</sup> SV 1.

## CAPÍTULO CXLIII

## Frei João Simples

**190.** <sup>1</sup> Passava um dia São Francisco próximo de uma povoação das cercanias de Assis, quando lhe foi ao encontro um certo João, varão de grande simplicidade, que lavrava no campo, e lhe disse: «Quero que me faças frade, pois de há muito desejo servir a Deus». <sup>2</sup> Alegrou-se o Santo ao ver tanta simplicidade, e correspondeu ao seu desejo com estas palavras: «Irmão, se queres fazer-te nosso companheiro, dá aos pobres o que tens e, quando já estiveres despojado de tudo, receber-te-ei».

<sup>3</sup> Imediatamente soltou os bois, separou um deles e ofereceu-o a São Francisco, dizendo: <sup>4</sup> «Seja para os pobres este boi, porque esta é a parte que me toca dos bens de meu pai».

<sup>5</sup> Sorriu o Santo e teve no mais alto apreço este gesto de simplicidade. <sup>6</sup> Mas apenas os pais e os irmãos mais pequenos souberam do caso, correram para ele com lágrimas nos olhos, lamentando mais a perda do boi que a do homem. <sup>7</sup> Disse-lhes o Santo: «Não vos perturbeis, que eu deixo-vos o boi e levo comigo o vosso irmão»<sup>307</sup>. <sup>8</sup> Levou então consigo o homem e, depois de lhe ter vestido o hábito da religião, escolheu-o para um dos seus companheiros particulares, tão agradado ficou daquela simplicidade.

<sup>9</sup> E sucedia então que, onde quer que São Francisco se pusesse a meditar, João Simples repetia-lhe imediatamente todos os gestos e posturas. <sup>10</sup> Se o Santo cuspiu, cuspiu ele; se tossia, tossia também; se suspirava e chorava, com ele suspirava e chorava. Quando o Santo erguia as mãos ao céu, erguia também ele as suas, olhando-o atentamente, como a um modelo. E reproduzindo em si quanto via fazer.

<sup>11</sup> O Santo, dando-se conta disto, perguntou-lhe um dia por que procedia assim: <sup>12</sup> «É que prometi fazer tudo o que tu fazes. Seria arriscado para mim deixar passar fosse o que fosse». <sup>13</sup> Alegrou-se o Santo com tão impressionante candura, mas proíbe-lhe delicadamente de assim continuar para o futuro. <sup>14</sup> Não muito depois, vi-

---

<sup>307</sup> Cf. LP 19.



vendo ele nesta simplicidade, com igual simplicidade voava para o Senhor. <sup>15</sup> O Santo, que muitas vezes o propunha como exemplo a seguir, chamava-lhe com enorme regozijo não frei João, mas São João.

<sup>16</sup> Advirta-se que é próprio da santa simplicidade pautar a vida pelas normas dos nossos maiores e buscar apoio nos exemplos e ensinamentos dos Santos. <sup>17</sup> Quem dará aos sábios deste mundo a graça de imitarem São Francisco, agora nos esplendores do céu, com o mesmo fervor com que este irmão simples o imitou? <sup>18</sup> Por tê-lo seguido durante a sua vida na terra é que mereceu precedê-lo na eternidade do céu.

## CAPÍTULO CXLIV

### **Como ele fomentava a união entre os filhos e como dela falou em parábolas**

**191.** <sup>1</sup> Foi seu constante desejo e vigilante cuidado manter intacto entre os filhos o vínculo da unidade, de modo a viverem concordes no seio de uma mesma mãe todos aqueles que tinham sido atraídos pelo mesmo espírito e gerados pelo mesmo pai. <sup>2</sup> Queria que reinasse a união entre grandes e pequenos, que os sábios e os simples comungassem num mesmo amor fraterno, e que, pela força do amor, unidos se sentissem os que longe se encontravam.

<sup>3</sup> Uma vez, propôs esta parábola rica de ensinamentos: «Suponhamos que todos os religiosos de toda a Igreja celebrem, um dia, um grande Capítulo Geral. <sup>4</sup> Porque a esse Capítulo concorrem letrados e analfabetos, sábios e os que, não sendo sábios, devem ser gratos a Deus, são convidados a falar um sábio, de entre os sábios, e um ignorante, de entre os ignorantes. <sup>5</sup> O sábio, por ser sábio, delibera de si para consigo: «Isto não é lugar para prosápias. Estando presente tantos luminares de tão subtil engenho, não fará sentido que eu me faça notar pela minha afectação, dizendo coisas subtis. <sup>6</sup> Talvez seja mais proveitoso falar com simplicidade».

<sup>7</sup> Chega o dia aprazado, reúnem-se todas as Ordens numa única assembleia e é enorme a expectativa pelo sermão que vai ser pregado. <sup>8</sup> Adianta-se o sábio vestido de saco, a cabeça coberta de

cinza e, ante o pasmo de todos, mais pregando com a sua compostura, diz estas breves palavras: <sup>9</sup> «Grandes coisas prometemos, maiores nos são prometidas; guardemos umas, suspiremos por outras. O prazer é breve, a pena perpétua; breve é o sofrimento, a glória infinita. Muitos são os chamados, poucos os escolhidos; para todos haverá retribuição».

<sup>10</sup> Emocionados, todos os presentes rompem em lágrimas e veneram como a um santo este verdadeiro sábio. <sup>12</sup> Então o simples diz em seu coração: «Tudo o que eu tinha pensado dizer e fazer, o sábio mo tirou. <sup>13</sup> Mas não importa: conheço alguns versículos dos salmos, e então eu vou fazer o papel de sábio, já que ele fez o de simples».

<sup>14</sup> Abre-se a sessão no dia seguinte, e o simples, levantando-se para falar, propõe como tema o texto de um salmo. <sup>15</sup> Abrasado no Espírito de Deus, fala com tanto fervor, penetração e doçura, que todos as assistentes exclamam, estupefactos: «Verdadeiramente, com os simples fala o Senhor»<sup>308</sup>.

**192.** <sup>1</sup> Exposta esta parábola, o homem de Deus comentava-a deste modo: <sup>2</sup> «A grande assembleia é a nossa Ordem. É como um sínodo geral, que reúne homens de todas as nações sob uma única regra. <sup>3</sup> Nela, os sábios convertem em proveito próprio aquilo que possuem os simples, vendo que homens sem cultura buscam fervorosamente as coisas do céu e, embora sem instrução humana, alcançam pela acção do Espírito o conhecimento das realidades espirituais. <sup>4</sup> Os simples, por sua vez aproveitam nela o que é próprio dos sábios, vendo a si nivelados homens ilustres que podiam viver com grande prestígio em qualquer parte do mundo. <sup>5</sup> Daí vem, concluía ele, o encanto desta bem-aventurada família, cuja variedade de méritos tanto agrada ao Pai de Família.

---

<sup>308</sup> Prov 3, 32.

## CAPÍTULO CXLV

**Como queria o Pai que lhe fizessem a tonsura**

**193.** <sup>1</sup> Costumava São Francisco dizer a quem lhe fazia a tonsura: «Vê bem, não me faças uma coroa muito grande<sup>309</sup>. <sup>2</sup> Quero que os meus irmãos simples tenham um lugar na minha cabeça». <sup>3</sup> Queria, precisamente, que a Ordem fosse a mesma tanto para pobres e iletrados, como para ricos e sábios. Costumava dizer: <sup>4</sup> «Em Deus não há acepção de pessoas, e o Ministro Geral da Ordem – que é o Espírito Santo – pousa igualmente sobre o pobre e o simples como sobre todos os demais». <sup>5</sup> Quis mesmo incluir estas palavras na Regra, o que não lhe foi possível por já estar bulada<sup>310</sup>.

## CAPÍTULO CXLVI

**Como queria que as pessoas doutas se despojassem de tudo, ao entrar na Ordem**

**194.** <sup>1</sup> Quando um homem de grande cultura, disse ele um dia, deseja entrar na Ordem, deve renunciar de algum modo à ciência, para que, assim expropriado dessa espécie de posse, se entregue no berço de Cristo crucificado.

<sup>2</sup> «A muitos – observa – a ciência torna-os avessos à perfeição, pois lhes confere uma certa inflexibilidade que os impede de se vergarem à prática da humildade. <sup>3</sup> Por isso eu desejaria que todo o homem de letras me fizesse primeiro, nestes termos, o seu pedido de admissão: «Irmão, eu vivi muito tempo no mundo e não conheci verdadeiramente o meu Deus. <sup>4</sup> Peço-te que me indiques um conventinho longe do rumor do mundo, onde eu possa entregar-me à contrição dos meus anos passados, concentrar em Deus os impulsos do meu coração até aqui desgobernado, e orientar a minha alma para uma vida melhor». <sup>5</sup> «A que ponto julgais vós – acres-

---

<sup>309</sup> Como a que usavam os doutores, os bispos e prelados. Queria que fosse pequena por solidariedade com os irmãos leigos, que a não usavam sequer ou a tinham muito pequena, por concessão de Inocêncio III.

<sup>310</sup> Em 29 de Novembro de 1223.

centou – poderia chegar quem assim comesse, desta maneira?<sup>6</sup> Seria certamente um leão posto em liberdade, cheio de rompante, disposto a tudo. A seiva espiritual, desde logo absorvida, aumentaria nele a progressão contínua.<sup>7</sup> E seria esse o momento em que se lhe poderia confiar o ministério da pregação, na certeza de poder transmitir aos outros o seu abrasamento interior».

<sup>8</sup>Verdadeiramente santo, este ensinamento! Com efeito, que outra coisa haverá mais urgente e necessária para quem vem de um mundo tão diferente, do que eliminar e limpar com práticas de humildade os afectos mundanos, por tanto tempo fomentados e arraigados? <sup>9</sup>Em breve alcançará o vértice da santidade quem assim entra na escola da perfeição.

## CAPÍTULO CXLVII

### **Como entendia ele a prática do estudo e como apareceu a um pregador**

**195.** <sup>1</sup>Negligenciar a virtude para correr atrás da ciência era um espectáculo que lhe ocasionava grande tristeza, sobretudo quando, desse modo, alguns iludiam a vocação a que tinham sido chamados<sup>311</sup>. <sup>2</sup>«Aqueles dos nossos irmãos que se deixam arrastar pela avidez do saber, encontrar-se-ão de mãos vazias no dia da prestação de contas. <sup>3</sup>Preferia vê-los fortalecerem-se na virtude, para que, ao chegar a hora da tribulação, se encontrem na companhia de Cristo sofredor. <sup>4</sup>Porque – acrescentou – a tribulação há-de vir, e há-de ser de tal forma, que os livros, de nada servindo, serão atirados para o desvão das janelas e outros lugares esconsos»<sup>312</sup>. <sup>5</sup>Não dizia isto porque lhe desagradassem os estudos da Escritura, mas para atalhar em todos a paixão imoderada do saber, e porque a todos preferia virtuosos pela caridade a pedantes por curiosidade.

---

<sup>311</sup> Cf. 1Cor 7, 20 e 24.

<sup>312</sup> No texto: «nas janelas», para significar depósito ou lugar de arrumações.

<sup>6</sup> Sabia que num futuro muito próximo a ciência havia de ser ocasião de ruína<sup>313</sup> e, ao invés, seria sustento e conforto do espírito entregar-se alguém às coisas do alto.

<sup>7</sup> A um irmão leigo que desejava ter um saltério e lhe pedia licença para o possuir, deu-lhe um punhado de cinza em lugar do saltério.

<sup>8</sup> A um dos companheiros, que andava a pregar, apareceu ele numa visão depois da morte e proibiu-o de prosseguir, ordenando-lhe que tomasse antes o caminho da simplicidade. <sup>9</sup> E Deus é testemunha de que, após esta visão, sentiu o irmão tanta doçura que, durante longos dias, teve a impressão de que as palavras do Pai continuavam a ressoar-lhe aos ouvidos, vivificantes como o orvalho.

## AS DEVOÇÕES PARTICULARES DO ANO

### CAPÍTULO CXLVIII

#### **Como ele se comovia ao ouvir falar do amor de Deus**

**196.** <sup>1</sup> Não será talvez inútil nem despropositado falar, embora brevemente, das devoções particulares de São Francisco. <sup>2</sup> Se bem que, por gozar da unção do Espírito Santo, a sua piedade fosse universal, sentia, no entanto, especial inclinação para certas formas de piedade.

<sup>3</sup> Entre as várias expressões que frequentemente vinham à colação, a do «amor de Deus» jamais a podia ouvir sem se comover profundamente. <sup>4</sup> Apenas a escutava, ficava fora de si, comovido, inflamado, como se a voz que a lançava fosse um arco a fazer-lhe vibrar as cordas mais íntimas do coração. <sup>5</sup> Costumava dizer que era prodigalidade principesca<sup>314</sup> oferecerem os irmãos esta contrapartida pelas esmolas recebidas, e que estultíssimos eram todos aqueles que a tinham em menor estima que o dinheiro. <sup>6</sup> Por

---

<sup>313</sup> Ex 7, 3.

<sup>314</sup> Da parte dos que iam mendigar «por amor de Deus».

isso observou sempre, inviolável até à morte, o propósito que havia tomado um dia, no tempo da sua vida no mundo: nunca despedir pobre algum que lhe pedisse por amor de Deus<sup>315</sup>.

<sup>7</sup>Certa ocasião, nada tendo que dar a um mendigo que lhe pedia por amor de Deus, pegou dissimuladamente das tesouras, disposto a retalhar o hábito. E tê-lo-ia feito, se o não tivessem impedido os irmãos, aos quais, todavia, ordenou depois que assistissem de alguma outra forma ao necessitado.

<sup>8</sup>Dizia. «Temos que amar deveras o amor d'Aquele que tanto nos amou»<sup>316</sup>.

## CAPÍTULO CXLIX

### **A sua devoção para com os anjos. O que ele fazia em honra de São Miguel.**

**197.** <sup>1</sup>Tinha a maior veneração e afecto pelos anjos, que estão connosco na luta contra o demónio e caminham a nosso lado por entre as sombras da morte. <sup>2</sup>Dizia que devemos venerar estes companheiros que nos seguem por toda a parte, e, ao mesmo tempo, invocá-los como nossos guardadores. <sup>3</sup>Ensinava que não se devia ofender o seu olhar nem ousar fazer na sua presença aquilo que ninguém faria diante dos homens. <sup>4</sup>E considerando que é na companhia dos anjos que se reza o ofício coral<sup>317</sup>, queria que todos os que pudessem se reunissem no coro e nele salmodiassem com devoção.

<sup>5</sup>De São Miguel, que tem a missão de apresentar as almas a Deus, dizia ele que tinha maior direito a ser venerado.

<sup>6</sup>E assim, em honra de São Miguel, jejuava devotissimamente os quarenta dias que vão desde a Assunção à sua festividade. <sup>7</sup>E dizia. «Cada qual devia oferecer a Deus algum louvor ou sacrifício especial em honra de tão grande príncipe».

---

<sup>315</sup> 1C 17; 2C 5.

<sup>316</sup> Conceito desenvolvido na oração Absorbeat, atribuída a S. Francisco, embora sem grande probabilidade.

<sup>317</sup> Sl 137, 1.

## CAPÍTULO CL

**Devoção a Nossa Senhora, a quem consagrou  
de modo especial a sua Ordem**

**198.** <sup>1</sup>Rodeava de um amor indizível a Mãe de Jesus, por ter feito irmão nosso o Senhor de toda a majestade. <sup>2</sup>Em Sua honra cantava louvores especiais<sup>318</sup>, erguia-lhe súplicas, consagrava-lhe afectos, tantos e tais que nenhuma língua humana os conseguiria exprimir. <sup>3</sup>Mas o que mais nos deve alegrar é que ele A tenha constituído Advogada da Ordem<sup>319</sup> e posto sob as suas asas, para os proteger e sustentar até ao fim, os filhos que em breve ia deixar.

<sup>4</sup>Eis-nos aqui, advogada dos irmãos pobres; cumpre em nós a tua missão de Protectora até ao dia que o Pai estabeleceu<sup>320</sup>.

## CAPÍTULO CLI

**A sua devoção pelo Natal do Senhor e como desejou  
que nesse dia todos os pobres fossem socorridos**

**199.** <sup>1</sup>Mais do que nenhuma outra festividade, celebrava com inefável alegria o nascimento do Menino Jesus e chamava festa das festas ao dia em que Deus, feito menino, se amamentava como todos os filhos dos homens. <sup>2</sup>Beijava mentalmente, com esfomeada avidez, as imagens do Menino que o espírito lhe construía, e, d'Ele entranhadamente compadecido, balbuciava palavras de ternura, à maneira das crianças. <sup>3</sup>E o seu nome era para ele como um favo de mel na boca<sup>321</sup>.

<sup>4</sup>Um dia, estando os irmãos a discutir se poderia ou não comer carne, dado que o Natal, esse ano, caía à sexta-feira, respondeu Francisco a frei Morico: «Irmão, é um pecado chamar dia de Vé-

---

<sup>318</sup> Cf. SVM e OP (antífona).

<sup>319</sup> *Advocata*, ou seja, que auxilia e defende. É título muito antigo, e encontrava-se muito divulgado no século XI através do canto da *Salve Regina*.

<sup>320</sup> Gl 4, 2. Ou seja, o fim do mundo.

<sup>321</sup> 1C 84-86 e 115. Cf. Prov. 16, 14.

nus<sup>322</sup> ao dia em que nasceu por nós o Menino. <sup>5</sup>Desejaria – acrescentou – que em semelhante dia até as paredes comessem carne; mas, como não é possível, sejam ao menos untadas com gordura».

**200.** <sup>1</sup>Queria que nesse dia os ricos dessem comida abundante aos pobres e famintos, e que os bois e jumentos tivessem mais penso que o habitual. <sup>2</sup>«Se eu falasse com o Imperador – dizia –, pedir-lhe-ia que promulgasse um édito geral para que todos os que pudessem fossem obrigados a espalhar trigo e outros cereais pelos caminhos, para que, em tão grande solenidade, as avezinhas, sobretudo as irmãs cotovias, comessem com abundância». <sup>3</sup>Não conseguia reprimir as lágrimas, ao pensar na extrema pobreza que padeceu nesse dia a Virgem Senhora pobrezinha<sup>323</sup>. <sup>4</sup>Uma vez, estando sentado à mesa a comer, e tendo um irmão recordado a pobreza da bem-aventurada Virgem e de seu Filho, <sup>5</sup>imediatamente se levantou a chorar e a soluçar, e, com o rosto banhado em lágrimas, comeu o resto do pão sobre a terra nua.

<sup>6</sup>Por isso chamava à pobreza virtude real, pois refulge com tanto esplendor no Rei como na Rainha. <sup>7</sup>E como os irmãos lhe tivessem perguntado um dia, em Capítulo, que virtude tornaria alguém mais amigo de Cristo, respondeu como quem confia um segredo do coração: <sup>8</sup>«Sabei, irmãos, que a pobreza é um caminho privilegiado para a salvação. As suas vantagens são inumeráveis, mas muito poucos as conhecem.

---

<sup>322</sup> *Veneris dies* (*venerdi*, em italiano), dia consagrado a Vénus. Tal é, com efeito, o nome do quinto dia da semana segundo a etimologia pagã, em uso na maioria dos países ocidentais. Morico deveria empregar o termo eclesiástico ou litúrgico de *feria sexta* (sexta-feira).

<sup>323</sup> Literalmente: *a querida Virgem pobrezinha*. Para o Poverello, Nossa Senhora era a *Poverella*. O que dá à sua devoção um colorido bem original.



## CAPÍTULO CLII

**Devoção ao Corpo do Senhor**

**201.** <sup>1</sup> Ardia de amor em todas as fibras do seu ser para com o Sacramento do Corpo do Senhor, não acabando de se maravilhar com tão amorosa condescendência e generosíssima caridade<sup>324</sup>. <sup>2</sup> Considerava um grave sinal de desprezo não ouvir todos os dias ao menos uma missa, desde que tal ensejo fosse oferecido. Comungava com frequência e com tal devoção, que tornava devotos os que o viam. <sup>3</sup> Como tinha em grande veneração tão augusto sacramento, oferecia nele o sacrifício de toda a sua pessoa e, ao receber o Cordeiro imaculado, imolava também a alma no fogo que lhe ardia incessantemente no altar do coração.

<sup>4</sup> Por ser a França um país tão devoto do Corpo do Senhor e nele se reverenciar de modo singular tão grande mistério, ele tanto a amava e aí desejava morrer<sup>325</sup>.

<sup>5</sup> Um dia, teve a ideia de enviar irmãos pelo mundo com píxides preciosas, com a missão de colocarem o mais dignamente possível esse divino penhor da nossa redenção onde vissem que o conservavam com pouca reverência e decoro.

<sup>6</sup> Queria que se manifestasse grande respeito pelas mãos do sacerdote, porque a elas foi conferido o divino poder de consagrar este sacramento. <sup>7</sup> «Se me acontecesse – dizia frequentemente – encontrar ao mesmo tempo um santo vindo do céu e um sacerdote pobrezinho, saudaria primeiro o sacerdote, correria a beijar-lhe as mãos e diria: <sup>8</sup> «Um momento, por favor, São Lourenço<sup>326</sup>, porque as mãos deste tocam o Verbo da Vida e possuem um poder sobre-humano».

---

<sup>324</sup> Celano emprega aqui expressões semelhantes às da CO 27.

<sup>325</sup> Crê-se comumente que o Santo teve conhecimento deste renascer do culto eucarístico na Bélgica ou na França através de Tiago de Vitry, que ele encontrou em Perúsia no funeral de Inocência III, e que desse culto era entusiasta propagador; ou, então, mais simplesmente, é crível que ele próprio tenha assistido a algumas manifestações do mesmo nas suas viagens à França, na companhia do pai.

<sup>326</sup> Que era diácono, como o próprio S. Francisco.

## CAPÍTULO CLIII

**A devoção para com as santas relíquias**

**202.** <sup>1</sup>De zelo extraordinário por tudo o que se relacionava com o culto de Deus, não descuidava nem deixava sem as devidas honras coisa alguma que a Ele dissesse respeito.

<sup>2</sup>Encontrando-se em Monte Casale, no território de Massa, mandou aos irmãos que trouxessem para casa, com a máxima reverência, as santas relíquias existentes numa igreja completamente abandonada. <sup>3</sup>Doía-lhe saber que há muito se não lhes prestavam as devidas honras. <sup>4</sup>Porém, como tivessem de se ausentar por motivos urgentes, os filhos esqueceram entretanto as ordens do Pai e não tomaram em consideração o mérito da obediência.

<sup>5</sup>Certo dia, estando os irmãos a preparar o altar da missa, ao retirarem a coberta encontraram debaixo dela as ossadas em perfeito estado e exalando um perfume suavíssimo. <sup>6</sup>Grande foi a sua surpresa ao atentarem no que ainda não tinham reparado até esse momento. <sup>7</sup>Voltando pouco depois, o Santo indagou diligentemente se haviam cumprido a ordem respeitante às relíquias. <sup>8</sup>Confessando os irmãos humildemente a sua negligência em obedecer, obtiveram o perdão, mediante penitência. <sup>9</sup>Exclamou o Santo: «Bendito seja o Senhor meu Deus, que fez por si o que devíeis fazer vós».

<sup>10</sup>Atentemos na piedade de São Francisco, admiremos a divina solicitude para com este mísero pó que nós somos, e cantemos os louvores da santa Obediência. <sup>11</sup>Porque, se à voz do Santo não obedecem os homens, às suas orações obedeceu o próprio Deus.

## CAPÍTULO CLIV

**A devoção à cruz. O misterioso segredo.**

**203.** <sup>1</sup>Quem poderá exprimir ou, ao menos, entender os sentimentos que lhe inspirou a cruz do Senhor, o único bem de que

desejava gloriar-se?<sup>327</sup> <sup>2</sup>Só o pode compreender quem o pôde experimentar.

<sup>3</sup>Mesmo que tivéssemos alguma ligeira experiência de tão grandes maravilhas, as nossas palavras, maculadas pelo uso das coisas comuns e banais, certamente não as conseguiriam exprimir.

<sup>4</sup>Por isso, talvez, é que foi manifestado na sua carne o que as palavras não lhe permitiram dizer.

<sup>5</sup>Fale, portanto, o silêncio onde falece a palavra, que até as coisas significadas gritam por si, quando as não consegue exprimir a linguagem dos homens. <sup>6</sup>Contentem-se, pois, estes em registar o sucedido, já que não foi ainda aclarado o motivo porque apareceu no Santo este mistério. De facto, aquele pouco ou nada que ele se dignou revelar não pode ser compreendido senão em função do futuro. <sup>7</sup>Será verdadeiro e digno de fé quem tiver por testemunhas a natureza, a lei e a graça<sup>328</sup>.

## AS SENHORAS POBRES

### CAPÍTULO CLV

#### Como queria que os irmãos tratassem com elas

**204.** <sup>1</sup>Depois da restauração material da igreja de São Damião, um edifício espiritual muito mais precioso ia ser erguido pelo Pai naquele mesmo lugar<sup>329</sup>, sob a conduta do Espírito Santo, no propósito de dilatar a cidade celeste. Injusto seria não invocar aqui este acontecimento. <sup>2</sup>Não é de crer que, para reparar uma obra perecível e prestes a ruir, lhe tivesse Cristo falado tão surpreendentemente do alto da cruz e de modo a transir-nos de pena e de temor.

---

<sup>327</sup> Gl 6, 14; Ex 5.

<sup>328</sup> O autor, talvez voluntariamente obscuro a este respeito (cf. também 1C 90), dificulta a interpretação de algumas destas frases. Parece, no entanto, existir neste texto duvidoso uma alusão às profecias do Serafim do Alverne referidas por TOMÁS DE ECCLESTON, *De Adventu*, AFI, p. 245. Cf. igualmente LM 13, 4.

<sup>329</sup> É a igreja de São Damião. Cf. 2C 10-14.

<sup>3</sup> Como já anteriormente o Espírito Santo havia pedido<sup>330</sup>, devia ser fundada uma Ordem de santas virgens, as quais, como reserva de pedras vivas e trabalhadas, serviriam a seu tempo para a restauração da casa do céu.

<sup>4</sup> Quando já as virgens de Cristo, vindas de todas as partes do mundo, se lançavam numa vida de alta perfeição (observando a altíssima pobreza e revestindo-se dos esplendores das demais virtudes), foi-se o Pai furtando pouco a pouco a visitá-las, não, todavia, sem redobrar de solicitude ao amá-las ainda mais no Espírito Santo.

<sup>5</sup> Efectivamente, quando o Pai, mercê das numerosas provas de altíssima perfeição, as viu decididas a aceitarem por amor de Cristo toda a espécie de trabalhos e provações, e a não se desviarem nunca das santas normas recebidas, prometeu-lhes firmemente, a elas e às que viessem a professar o mesmo teor de vida pobre, o seu indefectível apoio e o dos irmãos. <sup>6</sup> Enquanto viveu, manteve sempre escrupulosamente esta promessa, e, prestes a morrer, recomendou encarecidamente aos irmãos que tivessem por elas as mesmas atenções, porquanto, dizia ele, um só e mesmo espírito levou os irmãos e as senhoras pobres a deixarem o mundo perverso<sup>331</sup>.

**205.** <sup>1</sup> E como, um dia, os irmãos lhe manifestassem surpresa pelo facto de as não visitar mais vezes, respondeu: <sup>2</sup> «Não penseis, caríssimos, que as não ame com todas as veras. Se fosse pecado cuidar delas em Cristo, não seria pecado maior tê-las unido a Ele? <sup>3</sup> Se eu as não tivesse chamado, certamente nenhum mal haveria nisso; mas abandoná-las agora que foram chamadas, seria enorme crueldade. <sup>4</sup> Dou-vos, porém, o meu exemplo, para que façais como eu. <sup>5</sup> Não quero que ninguém se ofereça espontaneamente para as visitar; pelo contrário, disponho que só sejam destinados a servi-las aqueles que tomem esse encargo a contragosto, homens

---

<sup>330</sup> Cf. 1C 18-20 e 2C 13.

<sup>331</sup> Cf. 2C 13. Segundo o P. OLIGER (AFH s. 1912, p. 435) Santa Clara teria ido buscar a Celano o fecho do capítulo VI da Regra.

de espírito, em suma, que de há muito se recomendam pela sua vida virtuosa e digna».

## CAPÍTULO CLVI

### **Como repreendeu uns quantos que muito se agradavam de andar pelos conventos de freiras**

**206.** <sup>1</sup>Um irmão tinha no mosteiro duas filhas de vida religiosa exemplar. Um dia, ofereceu-se para lhes levar uma modestíssima lembrança da parte do Santo, mas este repreendeu-o com extrema dureza, usando palavras que não me atrevo a repetir. <sup>2</sup>Assim, o presente foi levado por outro, que, só depois de muito rogado, acedeu a levá-lo.

<sup>3</sup>Um outro irmão, ignorando que a proibição do Santo era tão formal, movido de compaixão, foi um dia, em pleno Inverno, até ao mosteiro. <sup>4</sup>Quando Francisco o soube, obrigou-o a caminhar nu, sobre a neve, um longo percurso de muitas milhas.<sup>332</sup>

## CAPÍTULO CLVII

### **Como lhes pregou, um dia, mais pelo exemplo que pela palavra**

**207.** <sup>1</sup>Estando o santo Pai em S. Damião, foi instado várias vezes pelo Vigário<sup>333</sup> a expor às suas filhas a palavra de Deus. Finalmente vencido, foi até lá. <sup>2</sup>Reunidas como de costume, para ouvirem a divina palavra, mas não menos para verem o Pai, põe-se este a orar ao Senhor com os olhos erguidos ao céu, onde sempre tinha o coração. <sup>3</sup>Seguidamente, pede que lhe tragam cinza, com ela descreve no chão um círculo à sua volta e derrama o resto sobre a cabeça. <sup>4</sup>Vendo elas o bem-aventurado Pai silencioso e imóvel dentro do círculo, um pasmo enorme lhes invade o coração.

---

<sup>332</sup> Tratar-se-ia de frei Estevão, obrigado a mergulhar num riacho (em Dezembro) e a continuar a caminhada encharcado e a tiritar de frio.

<sup>333</sup> Frei Elias, que, como outros, frequentava São Damião.

<sup>5</sup>De repente, o Santo ergue-se e o espanto sobe de ponto quando o ouvem recitar o *Miserere* como única pregação. <sup>6</sup>Terminado o salmo, dali abala rapidamente.

<sup>7</sup>Face a um gesto tão carregado de sentido, foi tal a contrição de que se tomaram as servas de Deus que, desfeitas em pranto, só a custo não tiraram vingança de si mesmas. <sup>8</sup>Com tão eloquente linguagem gestual queria significar-lhes que deviam ter-se apenas na conta de cinza e pó, e que, a respeito delas, nenhum outro sentimento se albergava em seu coração que não correspondesse ao que ali exprimia.

<sup>9</sup>Esta a sua conduta relativamente às mulheres consagradas; estas as visitas que lhes fazia, proveitosíssimas sempre, sempre raras e justificadas. <sup>10</sup>Esta, ainda, a sua vontade quanto aos irmãos: que as servissem por amor de Cristo a quem elas servem; porém, sempre acauteladas, como os pássaros, contra os laços constantemente armadilhados.

## LOUVOR DA REGRA

### CAPÍTULO CLVI

#### **Palavras de louvor à Regra. História do irmão que a trazia consigo.**

**208.** <sup>1</sup>Estrénuo defensor da vida comum e da Regra, distinguiu com uma bênção especial os que a observavam amorosamente<sup>334</sup>.

<sup>2</sup>A regra, dizia ele, é o «livro da vida, a esperança da salvação, a medula do Evangelho, o caminho da perfeição, a chave do Paraíso, o pacto da aliança eterna»<sup>335</sup>. <sup>3</sup>Queria que todos a tivessem consigo, que todos a soubessem<sup>336</sup> e com ela se confrontassem no íntimo das suas almas, a fim de lhes servir de estímulo e memorial

---

<sup>334</sup> É a bênção que se lê no fim do *Testamento* e se segue à exortação à observância «pura e simples» da Regra.

<sup>335</sup> Ecl 24, 32; Ap 3, 5-20, etc; 1Ts 5, 8; Gn 17, 3.

<sup>336</sup> 1R 24, 1.

das promessas juradas. <sup>4</sup>Ensinou a tê-la sempre diante dos olhos, como um apelo constante ao ideal professado, e, mais ainda, com ela deveriam morrer.

<sup>5</sup>Verdadeiramente fiel a esta recomendação foi um certo irmão leigo que, em nossa opinião, bem merecia ser incluído no rol dos mártires, pois conseguiu os louros de uma gloriosa vitória.

<sup>6</sup>Quando os sarracenos o levaram ao martírio, empunhando ele a Regra, ergueu-se bem alto e, humildemente ajoelhado, disse ao companheiro: <sup>7</sup>«Irmão caríssimo, diante da Majestade divina e de ti, eu me acuso de todas as faltas cometidas contra esta santa Regra».

<sup>8</sup>A esta breve confissão seguiu-se o golpe da espada que lhe pôs termo à vida. Mais tarde, tornou-se célebre pelos seus milagres e prodígios. <sup>9</sup>Tinha ingressado na Ordem muito novo ainda, a ponto de mal aguentar os jejuns da Regra. Todavia, sendo quase uma criança, usava cilício a cingir-lhe os rins. <sup>10</sup>Jovem feliz, que santamente começou para acabar mais santamente ainda!<sup>337</sup>

## CAPÍTULO CLIX

### Uma visão que glorifica a Regra

**209.** <sup>1</sup>Certa vez foi o santíssimo Pai favorecido pelo céu com uma visão a respeito da Regra. <sup>2</sup>Numa altura em que os irmãos discutiam entre si a propósito da confirmação da Regra e o Santo andava muito preocupado com o caso, teve o seguinte sonho.

<sup>3</sup>Pareceu-lhe ter apanhado do chão pequeníssimas migalhas de pão para serem distribuídas pelos numerosos irmãos que o rodeavam famintos. <sup>4</sup>E, como estivesse hesitante, por temer que migalhas tão minúsculas lhe escorressem dos dedos, uma voz disse-lhe do céu: «Francisco, faz com todas essas migalhas uma hóstia e dá-a a comer aos que desejarem». <sup>5</sup>Fez o Santo como se lhe havia dito, mas sucedeu que todos os que a receberam sem devoção ou desprezaram o dom recebido, imediatamente apareceram cobertos de lepra. <sup>6</sup>Na manhã seguinte, afligindo-se o Santo por não conseguir

---

<sup>337</sup> Chamava-se Frei Eleito e morreu provavelmente em vida de S. Francisco.

decifrar o mistério da visão, deu conhecimento dela aos companheiros. <sup>7</sup> Porém, pouco depois, enquanto vigiava e rezava, ouviu a mesma voz dizer-lhe do alto: «Francisco, as migalhas que viste a noite passada são as palavras do Evangelho; a hóstia é a Regra; a lepra, a maldade»<sup>338</sup>.

<sup>8</sup> Os irmãos, nesse tempo sempre dispostos a todas as generosidades, não achavam severa ou penosa a fidelidade à Regra que tinham prometido observar. De resto, não pode haver tibieza nem preguiça, onde o estímulo do amor incessantemente encoraja a fazer mais e melhor.

## AS ENFERMIDADES DE SÃO FRANCISCO

### CAPÍTULO CLX

#### **Conversa que teve com um irmão sobre a maneira de tratar o corpo**

**210.** <sup>1</sup> Francisco, arauto de Deus, seguiu os passos de Cristo pelo caminho de numerosos trabalhos e penosas enfermidades, mas não arredou pé enquanto não levou a feliz termo, e com a maior perfeição, o que tão perfeitamente havia empreendido. <sup>2</sup> Mesmo esgotado e desfeito corporalmente, jamais se deteve no caminho da perfeição, jamais se permitiu mitigar os rigores da disciplina. <sup>3</sup> Tanto assim que, embora o corpo estivesse completamente exausto, não conseguia condescender com ele sem remorsos de consciência. <sup>4</sup> Quando, contra sua vontade, foi necessário aplicar-lhe calmantes, por assim o exigir a violência das dores corporais muito acima das suas forças, quis confiar-se amorosamente a um dos irmãos, na certeza de que este lhe daria o conselho oportuno: <sup>5</sup> «Que pensas tu, meu irmão, das censuras que frequentemente me faz a consciência pelos cuidados que dou ao corpo? Ele teme que eu seja demasiado condescendente pelo facto de andar enfermo, e que o esteja a tratar com excessivos cuidados. <sup>6</sup> Não é

---

<sup>338</sup> Cf. LM 4, 11.



que o corpo, esgotado como está com tão longa enfermidade, sinta prazer em coisa alguma, pois de há muito deixou de apetecer ou sentir gosto seja no que for».

**211.** <sup>1</sup>O filho, dando-se conta de que o Senhor lhe punha nos lábios as palavras adequadas, responde: «Diz-me por favor, Pai, acaso o teu corpo te não obedeceu sempre fielmente, quanto lhe foi possível?

– <sup>2</sup>Essa justiça lhe presto, meu filho. Em tudo foi obediente, a nenhum sofrimento se poupou, antes correu sempre a cumprir o que se lhe ordenava. <sup>3</sup>Não fugiu a trabalho algum, não recusou nenhum sacrifício para poder obedecer fielmente. <sup>4</sup>Nisto, eu e ele, sempre estivemos perfeitamente de cordo, sempre seguimos sem resistência a Cristo Senhor.

– <sup>5</sup>Pai – replicou o irmão – onde está então a tua generosidade, a tua piedade, a tua muita discrição? <sup>6</sup>É assim que se tratam os amigos fiéis: receber deles benefícios e não retribuir no tempo da necessidade? <sup>7</sup>Em que pudeste servir até agora a Cristo, teu Senhor, sem a ajuda do corpo? E para isso não se expôs ele a todos os perigos, como tu mesmo confessas?

– <sup>8</sup>É bem verdade, meu filho; eu o reconheço.

– <sup>9</sup>Nesse caso – prosseguiu o irmão –, achas decente faltar na hora da necessidade a um amigo tão fiel, que por ti se expôs à morte, ele e todos os seus bens? <sup>10</sup>Longe de ti, Pai, que és o amparo e sustento dos aflitos, longe de ti tamanho pecado contra o Senhor!

– <sup>11</sup>Bendito sejas, meu filho – concluiu o Santo –, por me teres sabido curar dos escrúpulos com tão sábios e salutares conselhos. – <sup>12</sup>Dirigindo-se depois ao corpo, pôs-se a dizer, cheio de alegria: – Alegra-te, irmão corpo, e perdoa-me, que desde agora hei-de atender de bom grado aos teus desejos e dar ouvidos aos teus lamentos».

<sup>13</sup>Mas que espécie de conforto podia ainda ser levado àquele pobre corpo já quase extinto? <sup>14</sup>Como sustentá-lo ainda, já a desmoronar-se completamente? <sup>15</sup>Em Francisco, já morto para o mundo, só Cristo vivia. <sup>16</sup>Os prazeres da terra eram para ele uma cruz, pois já uma outra, a de Cristo, lhe empolgava o coração. <sup>17</sup>Se os estigmas lhe brotavam refulgentes ao de fora da carne, era

exactamente porque nele se havia implantado a cruz até ao mais fundo da alma.

## CAPÍTULO CLXI

### **O que o Senhor lhe prometeu em recompensa das suas enfermidades**

**212.** <sup>1</sup> Parecia incrível que um homem esmagado ao peso de tantas dores ainda dispusesse de forças bastantes para as suportar. <sup>2</sup> E, todavia, a estas dores não lhes chamava dores mas irmãs. <sup>3</sup> Muitas eram, sem dúvida, as causas donde provinham. <sup>4</sup> Mas foi certamente para lhe possibilitar um mais glorioso triunfo que o Altíssimo, depois de ter sujeitado o jovem militante a um árduo tirocínio, lhe proporcionou ainda, já veterano experimentado, bastas ocasiões de vencer. <sup>5</sup> Também aqui têm os seguidores do Santo um exemplo a imitar; porque nem com os anos moderou o fervor, nem com as doenças a austeridade. <sup>6</sup> Aliás, não sem motivo foi tão completa a sua purificação neste vale de lágrimas. Com ela pagou até ao último ceitil<sup>339</sup>, suposto, como é evidente, que algo houvesse ainda de ser purgado nele pelo fogo, a fim de, totalmente purificado, poder alar-se de um só voo até ao céu. <sup>7</sup> Mas, a meu ver, a razão principal dos seus sofrimentos terá sido, como ele afirmava referindo-se a outros, a esperança de receber, ao suportá-los, uma recompensa ainda.

**213.** <sup>1</sup> Uma noite, em que o peso do sofrimento se havia tornado mais acabrunhante do que nunca, entrou a compadecer-se de si mesmo no íntimo do coração<sup>340</sup>. <sup>2</sup> Mas, para que o espírito, sempre vigilante, nem por um momento condescendesse com a carne, manteve firme o escudo da paciência invocando a Cristo. <sup>3</sup> Até que, por fim, rezando fervorosamente, empenhado nesta luta, obteve do Senhor a promessa da vida eterna mediante este símile:

---

<sup>339</sup> Mt 5, 26.

<sup>340</sup> Cf. EP 100 e 119; LP 42; FI 19.

<sup>4</sup> «Se toda a terra e o Universo inteiro fossem de ouro puríssimo e soubesses que toda essa imensa riqueza, com ser tão grande, valia menos que nada, comparada com a riqueza que receberias em recompensa dos sofrimentos padecidos, não é que te sentirias feliz em sofrê-los animosamente por mais algum tempo?

– <sup>5</sup> Seria feliz – afirmou o Santo – seria felicíssimo?

– <sup>6</sup> Rejubila então – concluiu o Senhor –, porque a tua enfermidade é penhor do meu reino. Graças aos méritos da tua paciência, poderás estar certo e seguro dessa herança».

<sup>7</sup> Que alegria imensa terá sentido este homem ditoso com tão feliz promessa! <sup>8</sup> Com que paciência e, mais ainda, com que amor terá abraçado as dores do corpo! <sup>9</sup> Só ele o soube de verdade, pois jamais o conseguiu exprimir capazmente, não obstante algo ter dito aos companheiros.

<sup>10</sup> Foi nestas circunstâncias que ele compôs alguns dos *Louvores das Criaturas*, convidando-as a louvarem a seu modo o Criador<sup>341</sup>.

## O SEU PASSAMENTO

### CAPÍTULO CLXII

#### Como ele exortou os irmãos e os abençoou antes de morrer

**214.** <sup>1</sup> Na morte do homem – diz o Sábio –, serão manifestadas todas as suas obras<sup>342</sup>. Foi o que se viu gloriosamente cumprido neste varão. <sup>2</sup> Tendo percorrido animoso os caminhos dos mandamentos do Senhor e escalado todos os degraus da virtude, atingiu os mais altos cimos. Modelado com arte, qual dúctil metal, pelo escopo de múltiplas tribulações, alcançou a sua forma acabada, o limite supremo de toda a perfeição.

<sup>3</sup> Foi então, vencidas já as seduções da vida mortal e prestes a remontar-se ao céu, que mais brilharam as suas obras maravilhosas

---

<sup>341</sup> É o famoso «Cântico das Criaturas» ou do «Irmão Sol».

<sup>342</sup> Ecl 11, 29.

e refulgiu à luz da verdade toda uma vida verdadeiramente divina.

<sup>4</sup> Julgou desprezível viver segundo o mundo; amou os seus até ao fim<sup>343</sup>; acolheu a morte a cantar.

<sup>5</sup> De facto, apenas sentiu aproximarem-se os dias em que a eterna luz sucederia à nossa luz efêmera, demonstrou com o exemplo das suas virtudes que nada tinha de comum com este mundo.

<sup>6</sup> Definitivamente esgotado pela grave enfermidade que em breve poria termo ao seu penar, mandou que o estendessem nu sobre a terra nua, para que, nessa derradeira hora, em que talvez o inimigo tentasse desafogar a sua ira, pudesse lutar nu contra o adversário nu<sup>344</sup>.

<sup>7</sup> Esperava intrépido a hora do triunfo, parecendo já estreitar nas suas mãos unidas a coroa da justiça. <sup>8</sup> Assim estendido por terra e despojado do rude saial, fitou os olhos no céu, como habitualmente, e, todo concentrado naquela glória, ocultou com a mão esquerda a chaga do lado direito para que ninguém lha visse. <sup>9</sup> Por fim, disse aos irmãos: «Cumprí a minha missão; Cristo vos ensine a cumprir a vossa»<sup>345</sup>.

**215.** <sup>1</sup> Vendo isto, os filhos desfazem-se em lágrimas e, entre incessantes suspiros que lhes sobem do mais fundo da alma, quase desfalecem transidos de dor. <sup>2</sup> Entretanto, o Guardião, reftreando a custo os soluços e adivinhando por inspiração divina os desejos do Santo, levanta-se, corre a buscar uma túnica, um capuz e umas bragas e entrega-as ao Pai com estas palavras: <sup>3</sup> «Saberás que, por santa obediência, eu te empresto este hábito, estas bragas e este capuz. <sup>4</sup> E, para que fique bem claro que nenhuma propriedade tens sobre estas coisas, proibo-te que as dês seja a quem for».

<sup>5</sup> Pulsou forte o coração do Santo, na alegria da fidelidade à Senhora Dona Pobreza mantida até final.

<sup>6</sup> Por amor à pobreza é que no momento da morte não desejou possuir coisa alguma que lhe não fosse emprestada por outrem.

---

<sup>343</sup> Jo 13, 1.

<sup>344</sup> No texto: *nudus lactaretur cum nudo*. As vestes simbolizam as várias prisões da alma a este mundo. A ideia já vem de S. GREGÓRIO MAGNO, *Homilia* 32, nº2 e foi explorada pelo próprio Celano em 1C 15.

<sup>345</sup> Ef 4, 21.

<sup>7</sup> Por isso, ainda, nada consentiu além do áspero gorro de estame-nha<sup>346</sup> que habitualmente usava para proteger as cicatrizes deixadas no tratamento aos olhos, quando se impunha que usasse um tecido ou uma pele de maior suavidade.

**216.** <sup>1</sup> Em seguida, o Santo ergueu as mãos ao céu e glorificou a Cristo, liberto de todas as peias terrenas, podia enfim voar livremente para Ele. <sup>2</sup> E para em tudo ser perfeito imitador de Cristo, seu Deus, amou até ao fim os irmãos e filhos que desde sempre tinha amado. <sup>3</sup> Assim, mandou chamar todos os irmãos que com ele estavam e, procurando confortá-los na dor que sentiam vendo-o morrer, com afecto de pai os exortou ao amor de Deus. <sup>4</sup> Falou longamente sobre a paciência e a observância da pobreza, recomendando o santo Evangelho acima de quaisquer outras normas. <sup>5</sup> Depois, estendeu a mão direita sobre os irmãos sentados em redor e pousou-a sobre a cabeça de cada um deles, começando pelo seu Vigário: <sup>6</sup> «Adeus, meus filhos todos – disse –, vivei no temor do Senhor e nele vos conservai sempre! <sup>7</sup> E como se aproxima a hora da tentação e da tribulação, ditosos os que perseverem nas obras que começaram! <sup>8</sup> Eu vou-me para Deus, a cuja graça vos confio»<sup>347</sup>. <sup>9</sup> E nos irmãos presentes abençoou os demais irmãos onde quer que se encontrem no mundo ou viessem depois deles, até ao fim dos tempos.

<sup>10</sup> Ninguém usurpe para si esta bênção que ele deu aos presentes para os ausentes. Tal como foi referida algures, esta bênção soa como se tivesse sido dada a um particular. É um puro desvirtuamento, com vista certamente à manutenção de um cargo<sup>348</sup>.

---

<sup>346</sup> No texto: *cappellula*. Noutras fontes fala-se de *infula* ou capuz de pele, recoberto de estame-nha e com uma venda diante dos olhos, por não poder suportar a luz (Cf. LP 46-49).

<sup>347</sup> Este adeus é retomado de 1C 108 quase textualmente.

<sup>348</sup> Esta passagem tem dado lugar a numerosas discussões. Parece haver nela uma acusação a Frei Elias por se ter servido da bênção de S. Francisco (cf. 1C 108) para um exercício arbitrário da autoridade. Os defensores do Vigário do Santo crêem, no entanto, que esta passagem foi aqui interpolada.

## CAPÍTULO CLXIII

**Os seus últimos momentos. A morte.**

**217.** <sup>1</sup>Enquanto os irmãos choravam amargamente e se lamentavam inconsoláveis, mandou o Pai que lhe trouxessem pão. Abençoou-o, partiu-o e deu um bocado a cada um. <sup>2</sup>Quis também que lhe levassem o livro dos Evangelhos e lhe lessem o Evangelho de São João a partir da frase que começa com estas palavras: «Antes da festa da Páscoa, etc.». <sup>3</sup>Tinha presente aquela sacratíssima ceia que o Senhor celebrou pela última vez com os discípulos. <sup>4</sup>Tudo isto ele fez, com efeito, em veneranda memória, daquela ceia e para testemunhar a ternura que tinha pelos irmãos.

<sup>5</sup>Passou em acção de graças os poucos dias que lhe restaram de vida e convidou os companheiros mais queridos a louvarem com ele a Cristo. <sup>6</sup>Ele mesmo entoou como pôde o salmo «*Em alta voz clamo ao Senhor, em alta voz imploro o Senhor, etc*»<sup>349</sup>. <sup>7</sup>Convidou também as criaturas todas a louvarem a Deus e, com estrofes que já antes compusera<sup>350</sup>, exortou-as a amá-l'O. <sup>8</sup>Até a própria morte, para todos tão odiosa e terrível, ele exortava ao louvor, e, saindo-lhe ao encontro com ânimo alegre, convidou-a a hospedar-se em sua casa: «Benvinda seja – dizia – a minha irmã morte». <sup>9</sup>E para o médico: «Coragem, irmão médico, não receies dizer-me que está próxima a minha morte, porque ela é para mim a porta da vida». <sup>10</sup>E para os irmãos: «Quando me virdes entrar em agonia, outra vez nu me haveis de estender no chão, como anteontem, e, assim morto, deixai-me jazer o tempo que levaria um homem a percorrer folgadoamente uma milha».

<sup>11</sup>Chegou, enfim, a sua hora. Realizados nele todos os mistérios de Cristo, voou ditosamente para Deus.

---

<sup>349</sup> SI 141.

<sup>350</sup> Cf. IC 109.

### **Como um irmão viu a alma do santo Pai em seu passamento**

**217a.** <sup>1</sup> Certo irmão, seu discípulo e homem de grande renome, viu a alma do santíssimo Pai subir direita ao céu. Era como uma estrela, mas tinha o tamanho da lua e o esplendor do sol. Transportava-a para o alto uma nuvem de grande alvura sobrevoando a vastidão das águas.

<sup>2</sup> Por este motivo se juntou depois uma enorme multidão, que louvava e glorificava o nome do Senhor. <sup>3</sup> Acorreu em peso toda a população de Assis e gente das cercanias para admirar as maravilhas que o Senhor tinha operado em seu servo. <sup>4</sup> Os filhos, entretanto, manifestavam com lágrimas e suspiros os piedosos afectos do coração, vendo-se órfãos de um tal Pai.

<sup>5</sup> Mas a singularidade do milagre transformou o pranto em júbilo e o luto em festa. <sup>6</sup> Todos viam distintamente o corpo do bem-aventurado Pai adornado com as chagas de Cristo, ou seja, no centro das mãos e dos pés não as perfurações dos cravos, mas os mesmos cravos formados da própria carne, ou melhor, crescidos juntamente com ela, sendo que estes mantinham a cor escura do ferro e o lado direito a cor rubra do sangue. <sup>7</sup> A sua carnação, até aí morena, refulgia de intensa alvura, prenunciando a prêmio da feliz ressurreição. <sup>8</sup> Os membros tinham-se tornado flácidos e flexíveis como os de uma criança, e não rígidos como os de um cadáver.

## **CAPÍTULO CLXIV**

### **Visão do irmão Agostinho, ao morrer**

**218.** <sup>1</sup> Era nesse tempo Ministro dos irmãos da Terra de Labor o irmão Agostinho. De há muito perdera o uso da fala, mas, chegada a hora da morte, exclamou de repente, ante o pasmo dos que o rodeavam: <sup>2</sup> «Espera por mim, Pai, que também me quero ir contigo!» <sup>3</sup> Atónitos, perguntaram-lhe os irmãos com quem falava ele daquele modo. «Pois não vedes o pai Francisco a subir ao céu?» – respondeu. <sup>4</sup> No mesmo instante, abandonando o corpo, a sua alma seguia o Pai santíssimo.

## CAPÍTULO CLXV

**Como o santo Pai, depois da morte, apareceu a um irmão**

**219.** <sup>1</sup> Nessa noite e à mesma hora, apareceu o glorioso Pai a um outro irmão de vida edificante, quando este se encontrava em oração. Vestia uma dalmática cor de púrpura e seguia-o uma incontável multidão. <sup>2</sup> Muitos separaram-se da multidão para lhe perguntar: «Irmão, este não é Cristo?» Respondeu o irmão: «Claro que é». <sup>3</sup> Mas outros perguntaram: «Este não é S. Francisco?» Ao que o irmão respondeu afirmativamente, do mesmo modo. <sup>4</sup> E, na verdade, tanto a ele como aos que seguiam na multidão lhes parecia serem Cristo e São Francisco uma mesma e única pessoa.

<sup>5</sup> Semelhante afirmação não pode ser considerada temerária por quem entenda bem as coisas, pois todo aquele que se une a Cristo torna-se um só espírito com Ele<sup>351</sup>, e o mesmo Deus será tudo em todos<sup>352</sup>.

<sup>6</sup> Por fim, o bem-aventurado Pai, sempre seguido pelo maravilhoso cortejo, chegou a um lugar muito ameno, onde corriam límpidíssimas águas por entre vergéis esmaltados de flores de toda a espécie. <sup>7</sup> No meio perfilava-se enorme palácio de singular sumptuosidade e beleza, sendo nele jubilosamente recebido como um novo cidadão do céu. Uma vez no interior, encontrou um grande número de irmãos em volta de uma mesa esplendidamente preparada com profusão de deliciosas iguarias e com eles deu início ao banquete.

## CAPÍTULO CLXVI

**Visão do bispo de Assis na morte do santo Pai**

**220.** <sup>1</sup> Por esses dias tinha ido o bispo de Assis à igreja de São Miguel<sup>353</sup>. <sup>2</sup> Quando, no regresso, se hospedava em Benevento, apareceu-lhe em sonhos o bem-aventurado pai Francisco na noite

---

<sup>351</sup> 1Cor 6, 17.

<sup>352</sup> 1Cor 12, 6.

<sup>353</sup> No Monte Gárgano, na Apúlia.



do seu passamento e disse-lhe: «Pai, parto agora mesmo deste mundo e vou para Cristo». <sup>3</sup>Ao levantar-se de manhã, o bispo contou aos companheiros a visão que tivera em sonhos e, diante de um notário para tal convocado, fez constar o dia e a hora do passamento. <sup>4</sup>Profundamente entristecido com a notícia, chorava e lamentava-se de ter perdido o melhor dos pais. <sup>5</sup>De regresso à cidade, referiu em pormenor o sucedido e deu graças sem fim ao Senhor por todos os seus benefícios.

### **Canonização e trasladação de São Francisco**

**220a.** <sup>1</sup>Em nome do Senhor Jesus. Ámen. No ano de 1226 da sua Encarnação, a três de Outubro e no dia que tinha predito, sendo já cumpridos vinte anos desde que se unira com toda a perfeição a Cristo seguindo a vida e os passos dos Apóstolos, o varão apostólico Francisco, liberto já das amarras desta vida mortal, partiu feliz para Cristo. <sup>2</sup>Sepultado perto da cidade de Assis<sup>354</sup>, começou a brilhar em toda a parte por tantos e tão admiráveis milagres e prodígios, que não tardou esta maravilha dos nossos tempos a concitar a admiração de uma grande parte do universo.

<sup>3</sup>Como já em diversas partes ele se tornara famoso pelo brilho dos seus milagres e de todos os lados afluía gente a afirmar-se curada por sua intercessão, o senhor papa Gregório, que na ocorrência se encontrava em Perúsia com todos os cardeais e outros prelados, começou a tratar da sua canonização. <sup>4</sup>Todos foram unânimes e se pronunciaram favoravelmente. <sup>5</sup>Leram e aprovaram os milagres que o Senhor tinha realizado pelo seu servo e enalteceram com os mais altos louvores a santidade da sua vida.

<sup>6</sup>Para tão grande solenidade foram primeiramente convidados os príncipes da terra. Depois, no dia aprazado, com grande concorrência de prelados e escoltado pela mole imenso de povo, fez o papa a sua entrada em Assis para proceder solenemente à canonização. <sup>7</sup>Ao chegarem todos ao lugar preparado para tão luzida circunstância, o papa Gregório dirige-se em primeiro lugar a todo o povo e descreve com muita emoção e doçura as grandezas e maravilhas de

---

<sup>354</sup> Em São Jorge, que actualmente está dentro da cidade.

Deus. <sup>8</sup>Seguidamente, num panegírico de extraordinária sublimidade, evoca e exalta, entre lágrimas de comoção, o santo pai Francisco e a pureza da sua vida. <sup>9</sup>Acabado o sermão, o papa Gregório, erguendo as mãos ao céu, com voz solene proclamou...<sup>355</sup>

## CAPÍTULO CLXVII

### Oração dirigida ao Santo pelos companheiros

**221.** <sup>1</sup>Eis, beatíssimo Pai, como na nossa simplicidade, e tal como nos foi possível, tentámos exaltar os teus admiráveis feitos e divulgar, para tua glória, algumas das incontáveis virtudes. <sup>2</sup>Sabemos que as nossas pobres palavras deslustraram o esplendor dos teus méritos e da tua grandeza. <sup>3</sup>Por isso te pedimos, bem como aos nossos leitores, seja avaliado o nosso afecto pelo esforço realizado, muito nos alegrando verificar quanto a palavra escrita foi superada pela sublimidade de tão maravilhosa vida.

<sup>4</sup>Quem, efectivamente, ó grande Santo, poderá conceber em si mesmo e imprimir nos outros o ardor do teu espírito? Quem será capaz de conceber os inefáveis impulsos de amor que do teu coração subiam para Deus continuamente? <sup>5</sup>Foi a doce saudade que de ti nos ficou e o desejo de transmitir aos outros a tua imagem sedutora que nos impeliram a falar de ti nestas páginas, ainda que balbuciando.

<sup>6</sup>O teu alimento, agora, é a «flor de trigo»<sup>356</sup> de que te sentias faminto; e na torrente de delícias sem fim<sup>357</sup> matas finalmente a sede que te abrasava. <sup>7</sup>Mas não cremos que a abundância da casa de Deus te haja inebriado ao ponto de esqueceres os filhos, porque Aquele que te mata a sede lembra-se de nós. <sup>8</sup>Leva-nos atrás de ti, Pai santo; estimula-nos a correr no rasto do teu perfume<sup>358</sup>, vendo-

---

<sup>355</sup> Todo este número 220a falta no códice de Assis (=A), que serviu de base à edição crítica de Quaracchi. Também o códice de Marselha (=M), que o transcreve com algumas lacunas, é interrompido neste ponto. O último fólio foi arrancado.

<sup>356</sup> SI 80, 17.

<sup>357</sup> SI 35, 9. Todo este desenvolvimento é largamente tributário de SANTO AGOSTINHO, *Confissões*, IX, 3.

<sup>358</sup> Ct 1, 3.

-nos tão tíbios, indolentes e abatidos. <sup>9</sup>Já o pequeno rebanho te segue com passo vacilante e os seus pobres olhos enfermos e assombrados não suportam os revérberos da tua perfeição. <sup>10</sup>Faz que estes nossos dias sejam como os primeiros, tu que és o espelho e o modelo dos perfeitos, e não consintas que, sendo nós iguais a ti na profissão, sejamos diferentes na vida.

**222.** <sup>1</sup>Dirigimos agora as nossas humildes preces à eterna e misericordiosa majestade de Deus em favor do servo de Cristo, nosso Ministro, teu sucessor na humildade, teu imitador na verdadeira pobreza e que das tuas ovelhas cuida com solicitude e doce afecto, por amor do teu Cristo. <sup>2</sup>Pedimos-te que veles por ele e o favoreças, a fim de que, seguindo sempre as tuas pegadas, possa entrar na posse da eterna glória que alcançaste.

**223.** <sup>1</sup>Com todo o afecto do coração te pedimos também por aquele teu filho que, nesta como noutra ocasião, escreveu devotamente os teus louvores. <sup>2</sup>Com piedade filial compôs este livrinho segundo as suas capacidades; ainda que não seja digno dos teus favores, juntamente connosco to oferece e dedica. <sup>3</sup>Digna-te defendê-lo e guardá-lo de todo o mal, aumenta os seus méritos e, com as tuas orações, fá-lo participante da eterna companhia dos santos.

**224.** <sup>1</sup>Lembra-te, Pai, de todos os teus filhos, que, como bem sabes, assediados por vários perigos, só de longe te seguem os passos. <sup>2</sup>Dá-lhes força para resistirem, purifica-os para que resplandeçam, fecunda-os para que dêem fruto. <sup>3</sup>Derrama sobre eles o Espírito de graça e de oração para que sejam, como tu, verdadeiramente humildes. <sup>4</sup>Sigam o exemplo da tua pobreza e, como tu, mereçam também a caridade com que sempre amaste a Cristo crucificado, o Qual, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina pelos séculos dos séculos. Ámen.

*Aqui acaba a Vida Segunda*